

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO-UFES
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS-CCHN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-PPGG
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

BEATRIZ MAURO ZANDONADI

**O AGROTURISMO E AS TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS
EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE, ES.**

Vitória, 2013

BEATRIZ MAURO ZANDONADI

**O AGROTURISMO E AS TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS
EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE, ES.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia, na área de concentração Natureza, Produção do espaço e Território- linha de pesquisa Espaço, Cultura e Linguagens.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Lucy Oliveira Freire

VITÓRIA
2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Zandonadi, Beatriz Mauro, 1988-

Z27a O agroturismo e as transformações sócio-espaciais em
Venda Nova do Imigrante, ES / Beatriz Mauro Zandonadi. – 2013.
166 f. : il.

Orientadora: Ana Lucy Oliveira Freire.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Agroturismo - Aspectos econômicos. 2. Turismo rural. 3.
Venda Nova do Imigrante (ES). I. Freire, Ana Lucy Oliveira. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 91

BEATRIZ MAURO ZANDONADI

**O AGROTURISMO E AS TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS
EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE, ES.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia, na área de concentração Natureza, Produção do espaço e Território- linha de pesquisa Espaço, Cultura e Linguagens.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Ana Lucy Oliveira Freire
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Aurélia Hermínia Castiglioni
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Luis Carlos Tosta dos Reis
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Anderson Pereira Portuguez
Universidade Federal de Uberlândia

Aos meus pais, irmã, cunhado, sobrinha, Felipe e demais familiares por fazerem parte do que eu sou, sem vocês nada teria sentido.

Aos meus avós, homens e mulheres do campo, que me ensinaram sobre a simplicidade e a riqueza do rural, dedico á vocês este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me mantido firme durante as adversidades, fonte de vida, amor, esperança, força maior;

À professora Ana Lucy, pela orientação e colaboração na construção do trabalho, aos Professores Luiz Carlos Tosta dos Reis e a Professora Aurélia Hermínia Castiglione pelas contribuições dadas durante a qualificação;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo, (FAPES) pelo apoio financeiro para a realização do trabalho;

Aos produtores e moradores do rural, que participaram da pesquisa, pela acolhida tão carinhosa e por terem disponibilizado seu tempo para contribuir com este estudo;

Aos demais entrevistados pelas contribuições;

À Izadora, muito mais que secretária, amiga, companheira, confidente, que dividiu comigo todas as angústias e felicidades durante todo o percurso;

Aos Colegas de mestrado; por tornarem nosso ambiente de trabalho agradável, em especial: Ana Luiza, Reginaldo, Miquelina, Penha, Pedro, Douglas, Médelin, Sírius, Wesley e André por dividirem as dúvidas, muitas vezes ajudando a solucioná-las. Por compartilhar os momentos difíceis e as vitórias; Médi obrigada por toda a parceria;

À Virgínia amiga de longa data por me escutar, compreender e dar forças quando tudo parecia sem saída;

Ao Felipe, por sempre ter me incentivado a trilhar esse caminho, sabemos da nossa estrada e da importância que temos um para o outro;

À minha família; sem a qual eu não sou nada. Por terem sido o apoio fundamental em todas as circunstâncias, sem vocês eu não chegaria até aqui;

À todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a concretização deste projeto.

“Meu pai foi durante algum tempo sitiante, minha mãe era filha de fazendeiro, meus tios eram todos da lavoura... Mas que brasileiro não é mais ou menos assim, não guarda alguma coisa da roça e não tem a melancólica fantasia, de vez em quando, de voltar?”

Rubem Braga

RESUMO

O rural, o espaço até então destinado apenas às atividades agrícolas tradicionais, passa a incorporar novas atividades, entre elas o Agroturismo. A entrada desse segmento de turismo no rural está inserida em um movimento maior ligado à expansão do modo de produção capitalista, especialmente no contexto da globalização. Analisamos a realidade presente, hoje, no rural discutindo o que os autores chamam de novo rural, ou novas ruralidades, para contextualizar a entrada do turismo nesse espaço. Buscou-se compreender como o Agroturismo está gerando transformações no rural, na relação de seus moradores com esse espaço e seus reflexos, no município de Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo. Para isso, realizamos entrevistas com proprietários e funcionários em dezesseis propriedades que constavam no panfleto turístico do município, com atores estratégicos que nos esclareceram questionamentos pertinentes à pesquisa, além de levantamento bibliográfico e revisão teórica a respeito da temática. Por fim, concluí-se que as transformações mais relevantes em decorrência da incorporação do Agroturismo nesse espaço, no âmbito econômico estão relacionadas ao aumento da renda das famílias que aderiram à atividade, a geração de empregos, principalmente de forma indireta. No que diz respeito à estrutura, e instalações, maior cuidado com o paisagismo no entorno das propriedades, práticas ambientais mais adequadas e o saneamento básico apropriado foram as principais transformações. No aspecto cultural, mudanças na forma de ver o próprio local de moradia, com maior valorização do rural e do homem do campo foram sentidas. Está havendo transformação na relação com a terra, que agora começa a assumir papel secundário. Os produtores envolvidos com o Agroturismo passaram a resgatar antigos objetos, hábitos culturais, fotos, e demais artigos ligados às tradições deixadas pelos antepassados italianos. Além disso, sentiram alterações em suas rotinas, com a perda do convívio social na comunidade local. O Agroturismo está atrelado com setores como: educação, comércio, serviço e obras no município, tendo um importante papel no espaço de Venda Nova do Imigrante.

Palavras chave: Agroturismo. Rural. Venda Nova do Imigrante.

ABSTRACT

The rural, space therefore only used for traditional farming activities, incorporated new forms of use, including the Agroturism. This type of rural tourism is related to the expansion of the capitalist mode of production, especially in the context of globalization. Was analysed the reality of the new forms of production of rural space to understand the transformation that Agroturism has caused in the Venda Nova do Imigrante city, in the Espírito Santo state. For that was made interviews with employers and owners of sixteen farms, political and economic agents besides specialized literature that had given origin to the described methodology in this dissertation. In the mentioned city the Agroturism involved several sectors of society, like education and services, as an important agent of space. To the families who developed the activity there was a increase in income and jobs. With regard to infrastructure, greater care with the landscaping of the properties surroundings, appropriate environmental practices and proper sanitation were the main changes. Besides that, it was notice the valorization of the traditional practices associated whit the cultural habits inherited by the Italian ancestors.

Keywords: Agroturism. Rural. Venda Nova do Imigrante

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O título explora o marketing que o município recebeu.....	58
Figura 2 - Panorama da cidade de Venda Nova do Imigrante, cortada pela BR 262.	59
Figura 3 - Mapa 1 - Área urbanizada de Venda Nova do Imigrante,ES.	14
Figura 4 - A paisagem do município evidenciando seu relevo montanhoso.....	62
Figura 5 - Mapa unidades Naturais de Venda Nova do Imigrante.	63
Figura 6 - Gráfico da Média Mensal da Temperatura Máxima no período de 1976 a 2011	64
Figura 7 - Gráfico da Média Mensal da Precipitação e de Dias Chuvosos no Período de 1976 a 2011.	65
Figura 8 - Fotografia de Imigrantes italianos.....	67
Figura 9 - Apresentação de dança típica, jogo e instrumento antigo, durante a festa da polenta.	69
Figura 10 - Foto da inauguração da igreja em 1938, construída pelos imigrantes.....	71
Figura 11 - Festa da Polenta 2010; evento realizado por voluntários do município...	72
Figura 12 - Coral Santa Cecília, em uma apresentação durante missa na comunidade.	73
Figura 13 - Cafezal da propriedade Sítio Retiro do Ipê.....	80
Figura 14 – Mapa 2 - Propriedades analisadas.....	88
Figura 15 - Ana do Sítio Retiro do Ipê, onde o Agroturismo é comandado pelas mulheres.....	90
Figura 16 - Sede da Fazenda Carnielli, a que possui maior quantidade de funcionários.	94
Figura 17 - Propriedade Sítio e Adega Tonole.	96
Figura 18– Cacilda, propriedade da Família Lorenção, família faz vendas pela internet.....	99
Figura 19 - Propriedade Cláudia Artesanato. Loja onde os turistas são recebidos.	106
Figura 20 - Família Busato e Fazenda Carnielli, o animais como atrativos.....	107
Figura 21 - Propriedade Família Lorenção, plantação de lichia na época da safra.	108
Figura 22 - Instrumentos de trabalho, objetos antigos e fotos na ornamentação nas respectivas propriedades: Fazenda Carnielli e Sítio Retiro do Ipê.....	112
Figura 23 - Variedade de produtos oferecidos aos turistas, Fazenda Carnielli e Sítio Retiro do Ipê.	128
Figura 24 - Propriedade Sítio Ambrosim, cuidados com o aspecto paisagístico.	136
Figura 25 - Instalações do campus do IFES em Venda Nova do Imigrante.	144
Figura 26 - Centro Cultural e Turístico de Venda Nova do Imigrante.....	146

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Quadro da evolução populacional de Venda Nova do Imigrante.....	73
Tabela 2- População residente, por gênero e situação de domicílio.....	74
Tabela 3- Estrutura etária da população de Venda Nova do Imigrante.....	76
Tabela 4- Distribuição da população ocupada em %.....	79
Tabela 5- Produto Interno Bruto 2009.....	81

LISTA DE SIGLAS

AAgrope- Laticínio Venda Nova

Abratur- Associação Brasileira de Turismo Rural

Afepol- Associação da Festa da Polenta

Agrotur- Associação do Agroturismo de Venda Nova do Imigrante

BID- Banco Interamericano de Desenvolvimento

BR- Rodovia transversal brasileira

CDL- Câmara de Dirigentes lojistas

Emcapa- Empresa Capixaba de Pesquisa Agropecuária

EMATER- Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

ES- Espírito Santo

Faveni- Faculdade Venda Nova do Imigrante

FMI- Fundo Monetário Internacional

FMZ- Fundação Máximo Zandonadi

HPM- Hospital Padre Máximo

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDAF- Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo

IFES- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo

IJBS- Instituto Jutta Batista Silva

IJSN- Instituto Jones dos Santos Neves

INCAPER- Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MBA- *Master of Business Administration*

Mepes- Movimento Educacional e promocional do Espírito Santo

MT- Ministério do Turismo

PIB- Produto Interno Bruto

Pronaf- Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

Pronova- Associação dos Produtores de café da Região Serrana do Espírito Santo

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas

Senac- Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SIM- Selo de Inspeção Municipal

UFES- Universidade Federal do Espírito Santo

Univeneto- Faculdade Regional Serrana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 - O TEMA E OS CAMINHOS DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	16
2 – TURISMO, AGROTURISMO E GEOGRAFIA: APROXIMAÇÃO TEÓRICA.....	21
3 – AGROTURISMO NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO: MODERNIZAÇÃO DO CAMPO, NOVAS RURALIDADES E NOVAS URBANIDADES.....	40
4- O AGROTURISMO E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE-ES.....	57
4.1. – VENDA NOVA DO IMIGRANTE-ES: PAISAGENS E CARACTERÍSTICAS FÍSICAS E SOCIAIS COMO ATRATIVOS DO AGROTURISMO.....	58
4.2- HISTÓRIA DO AGROTURISMO EM VENDA NOVA.....	82
4.3- OS PRODUTORES, A PROPRIEDADE E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS EM ANDAMENTO.....	87
4.4- UM BALANÇO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES ORIUNDAS DA ADESÃO AO AGROTURISMO.....	117
4.5- O AGROTURISMO NO ESPAÇO RURAL E SEUS REFLEXOS NO ESPAÇO URBANO.....	141
5-CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
ANEXOS	159

INTRODUÇÃO

Vivemos um momento de expansão do modo de produção capitalista, sobressaindo nesse processo à globalização econômica e cultural que, tendencialmente, atinge todos os lugares, mesmo que os rebatimentos desse processo não cheguem com a mesma força ou da mesma maneira em todos os cantos. Hoje, circulam em uma rapidez tremenda pessoas, capitais, informações e culturas. Os lugares parecem estar mais próximos devido à densidade das redes técnicas que fazem com que tudo circule numa velocidade muito maior. As consequências desses fenômenos modificam os espaços, as relações entre as pessoas e a relação das pessoas com o espaço.

Essas transformações vêm atingindo o campo, resultando no surgimento de novas dinâmicas sociais, econômicas e culturais. É no âmbito das mudanças impostas pela globalização ou internacionalização da economia, fruto do processo de reestruturação do capitalismo que buscamos entender o novo momento por que passa o espaço rural, uma vez que, com a modernização no/do campo foram incorporadas novas dinâmicas e novas atividades, principalmente aquelas do setor terciário ligados ao turismo, ao lazer e à preservação das amenidades naturais relativas ao modo de vida rural, em prol do potencial econômico que isso tudo representa hoje.

O rural, entendido como um modo de vida no campo, antes caracterizado pelo tempo mais lento, pelas atividades mais rústicas, inteiramente a mercê dos fenômenos naturais, isolado do urbano, já não existe mais. Vivemos um novo tempo, cujas relações entre cidade e campo estão muito mais intensas e interligadas. O campo tem se destacado por outros valores, como a preservação das amenidades e por conservar uma relação mais próxima com a terra e com a natureza, fatores que tem atraído novos públicos e atividades econômicas para essas áreas.

Não é novo o fato das pessoas, em viagem, visitarem sítios, fazendas, chácaras e outros tipos de propriedades rurais em busca de adquirir produtos não industrializados, originais, diferentes, direto “da roça”. A novidade é que tal prática tem resultado em novas possibilidades econômicas para os produtores, em especial pequenos e médios proprietários que já tem uma história no processo de

diversificação da sua produção atrelado a um modo de vida, a uma cultura familiar, herança de antepassados. Num contexto socioeconômico mais recente, esse processo reflete novas dinâmicas e resulta em transformações ora lentas, ora mais rápidas, a ponto da denominação novo rural ser amplamente reconhecida.

O turismo tem se destacado nesse espaço rural. Nesse contexto, essa pesquisa visa abordar uma forma específica de turismo no espaço rural, o Agroturismo, observando, analisando e explicando como esse vem ocorrendo no município de Venda Nova do Imigrante, ES, destacando-se as transformações que tem afetado áreas rurais cujos reflexos chegam às áreas urbanas.

O município tem conquistado notoriedade com o Agroturismo, atividade que surge com caráter complementar à renda das famílias do campo utilizando-se das paisagens, das atividades produtivas, dos traços culturais e identitários de sua população. Venda Nova do Imigrante, ES tem sido referência nessa forma de turismo, destacando-se no cenário nacional. As crescentes atividades relacionadas a esse tipo de turismo chamam a atenção a ponto de nos instigar a realizar a presente pesquisa sobre o município, o qual se insere no atual momento do rural, enfatizando as transformações geradas pelo fenômeno.

Para tanto vamos identificar as principais mudanças associadas ao desenvolvimento do Agroturismo ocorridas na zona rural e seus rebatimentos na área urbana do município; caracterizando a atividade agroturística desenvolvida em Venda Nova do Imigrante (ES); analisando relevantes alterações e inovações efetivadas e em implantação nas propriedades pesquisadas que desenvolvem essa forma de turismo no município, investigando como ela modificou suas percepções, usos e relações com o seu espaço, na vida cotidiana dos produtores e dos envolvidos na nova atividade econômica.

O primeiro capítulo esclarece o surgimento, o interesse pela pesquisa e o seu objetivo, além de pontuar os caminhos da construção teórico-metodológica do trabalho. A intenção é esclarecer como foi pensado o desenvolvimento e a construção do trabalho, partindo de questões que acumulamos a partir de uma vivência no lugar, objeto de estudo.

O segundo capítulo debate as relações entre o tema Agroturismo e a Geografia, na tentativa de fazer uma aproximação teórica.

O terceiro capítulo se coloca como uma necessidade de analisar o Agroturismo como um fenômeno que reflete as novas dinâmicas econômicas próprias do processo de globalização que impõe modernizações no campo e como esse processo está articulado com demandas da cidade e aí tem seus rebatimentos.

O quarto e último capítulo, que também é a principal parte do trabalho, versa sobre o resultado da pesquisa empírica, das nossas incursões pelas propriedades em busca de dados, informações, etc., os quais evidenciassem as transformações que já havíamos apontado em pesquisa anterior.

1 - O TEMA E OS CAMINHOS DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A inquietude inicial que motivou o interesse por realizar este trabalho, partiu de uma questão pessoal. O meio rural é um tema muito instigante, sobre o qual sempre existiu muita curiosidade e vontade de compreender melhor. Por ter origem ligada a esse tipo específico de espaço, entender suas dinâmicas, as transformações que ocorriam no mesmo sempre exerceram fascínio. Durante a graduação, no trabalho de monografia a pesquisa realizada sobre o meio rural do município de Venda Nova do Imigrante apontou um novo elemento presente nesse espaço, o turismo, na verdade uma forma de turismo particular chamada Agroturismo. Nesse momento, visto o curto espaço de tempo disponível para desenvolver tal trabalho, limitamo-nos a entender como ele estava sendo realizado por duas famílias do município, como cada uma desenvolvia a atividade fazendo diferentes usos do território.

Porém, a inquietação permaneceu e queríamos decifrar em que contexto o turismo se inseria no meio rural, como esta atividade estava sendo realizada no município de forma mais ampla, as motivações que levaram os moradores do rural a

aderir a esta nova atividade, de que forma eles exploravam o turismo dentro de suas propriedades e seus desdobramentos no município, ou seja, de que forma o Agroturismo estava interferindo na dinâmica espacial de Venda Nova do Imigrante, que transformações estavam acontecendo.

Dessa forma surgiu o presente trabalho, que visa desenvolver esses questionamentos, buscando sanar tais inquietações. Para tanto, realizamos nossa pesquisa a partir de uma análise mais ampla que perpassa as mudanças pelas quais o meio rural como um todo está passando, inserido num contexto geral ligado ao processo de globalização e a atual dinâmica do capitalismo. Abordando uma forma específica de turismo no espaço rural, o Agroturismo, observando como ele se dá no município de Venda Nova do Imigrante e as transformações que tem gerado. Sendo assim o presente trabalho problematiza o seguinte tema: O Agroturismo e as Transformações Sócio-Espaciais em Venda Nova do Imigrante, ES.

Para desenvolver a pesquisa e entender a dinâmica da atividade esclarecendo quais foram as transformações sócio-espaciais que o Agroturismo gerou no município, nosso objetivo é responder algumas questões. São elas:

-Como a atividade do Agroturismo vem sendo desenvolvida dentro das propriedades investigadas, de que forma esses proprietários exploram essa forma de turismo?

A resposta a esta questão passa pela caracterização das propriedades do município que se dedicam a prática do Agroturismo e mostrar como esta prática vem sendo realizada nos dão os primeiros indícios das transformações que esta atividade pode estar gerando nesse espaço.

- Quais são as efetivas transformações sócio-espaciais geradas com a introdução de uma atividade não agrícola, no caso o Agroturismo, no espaço rural do município de Venda Nova do Imigrante?

Identificar as transformações sócio-espaciais que estão sendo geradas após a introdução do Agroturismo na zona rural do município irá ajudar a entender não só a dinâmica que envolve esse espaço, mas também como a atividade vem sendo desenvolvida em Venda Nova do Imigrante.

- Quais as mudanças mais significativas para os moradores do espaço rural do município?

Ao desvendar quais as mudanças são consideradas pelos habitantes da zona rural do município como sendo as mais representativas, poderemos entender como essa forma de turismo tem afetado as relações sociais; a percepção dessas pessoas e a relação delas com esse espaço.

- Quais os rebatimentos da atividade no município como um todo, como ela tem influenciado a zona urbana, sua relação com outros setores?

Discutiremos as transformações geradas no espaço rural do município de Venda Nova do Imigrante a partir da introdução de uma nova atividade, mas cabe responder quais os rebatimentos da mesma na área urbana também, isto é, como os demais setores econômicos tem sentido as consequências e/ou influências do Agroturismo, e como esse fenômeno vêm mostrando mudanças na dinâmica da zona urbana de Venda Nova do Imigrante.

A relevância da pesquisa também está associada à carência de estudos que façam a análise da atividade agroturística sob a perspectiva das alterações sócio-espaciais que ela causa. Além disso, outra face que justifica a importância deste trabalho é que o resultado desse estudo pode ser útil para a realização de uma análise crítica sobre o Agroturismo, mostrando até que ponto as modificações causadas por ele são interessantes para os atores envolvidos.

Visando esclarecer os questionamentos levantados na pesquisa, adotamos um caminho teórico-metodológico: primeiramente, foi feito um levantamento bibliográfico teórico, buscando materiais (livros e artigos) que nos auxiliassem a compreender o atual momento vivido pelo rural brasileiro, a inserção das novas atividades e como uma forma de turismo realizado no meio rural pode afetar o lugar e a relação de seus habitantes com o mesmo. A coleta de dados consistiu, ainda, no levantamento bibliográfico e documental junto à prefeitura e a Agrotur (Associação do Agroturismo de Venda Nova do Imigrante). Publicações científicas, jornalísticas ou projetos desenvolvidos na área também foram consultados.

Para entender melhor e analisar o caso de Venda Nova do Imigrante, foram realizadas visitas as propriedades com caráter exploratório. Em seguida foram

aplicados questionários aos proprietários das unidades familiares selecionadas que exploram o Agroturismo. No que tange à seleção dos sujeitos sociais pesquisados, optou-se por entrevistar os proprietários rurais que recebem turistas em suas propriedades, seja apenas para a comercialização de seus produtos ou para visitação e exposição de outros atrativos. Analisamos 16 propriedades presentes no panfleto turístico do município (em anexo), participantes do circuito do Agroturismo de Venda Nova do Imigrante, quais sejam: Família Busato, Fazenda Carnielli, Sítio Retiro do Ipê, Altoé da Montanha, Claudia Artesanatos, Sítio Raízes da Terra, Sítio e Adegas Tonole, Casas das Orquídeas, Orquidário Caliman, Sítio Guaçu-Virá, Família Lorenção, Sítio Morango Gagno, Fazenda Saude, Tia Cila, Pousada Bela Aurora e Sítio Ambrosim¹.

Optamos por basear nossas análises, na escolha dessas 16 propriedades, pelo fato de pegarmos dentre o total de propriedades presentes no panfleto do município que fazem parte do circuito do Agroturismo as que se enquadravam nos aspectos de propriedades familiares, e que explorassem atrativos que estivessem ligados ao rural,   cultura e história dos moradores, além dos produtos ofertados por elas também estarem ligados a esses aspectos².

Além disso, realizamos entrevista com a secretária de turismo do município para obter o posicionamento do poder municipal a respeito da atividade. Assim como realizamos entrevistas com a representante da Agrotur, Albertina Carnielli, com o secretário de educação municipal, Edson Zandonadi, com uma representante da secretária de obras, Cidin ia Falchetto e com um representante da CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas), Robson Pizzol. Esses entrevistados foram escolhidos por acreditarmos que eles poderiam dar indícios a respeito dos reflexos da atividade nas demais áreas e setores do município. Posteriormente, analisaremos o cont do das entrevistas e o material empírico articulando com o arcabouço teórico-metodológico visando responder os questionamentos e objetivos levantados no trabalho.

¹ No município existem muitas propriedades trabalhando com o Agroturismo e a cada dia surgem novos empreendimentos, no entanto não haveria a possibilidade de abarcar todas no tempo disponível para a pesquisa, desta forma nos baseamos no critério de escolha descrito acima, nos detendo nas propriedades citadas.

² Detemos-nos na análise de 16 por acreditar que essas se enquadravam melhor nas características do Agroturismo. Acreditamos que são elas as que mais sentiram as transformações decorrentes do desenvolvimento da atividade, já que ela tem afetado diretamente o dia-a-dia, o espaço e a relação dos moradores com o mesmo. Em cada uma dessas propriedades aplicamos questionários a um proprietário e um funcionário, para ter visões de diferentes atores envolvidos com o agroturismo.

As propriedades constantes no panfleto e que não foram contempladas na nossa pesquisa são: Loja do Agroturismo, pois ela não é mais a loja dos produtores associados da Agrotur, hoje ela pertence ao IJBS, Instituto Jutta Batista da Silva, uma entidade sem fins lucrativos, que faz um trabalho social, com o auxílio de voluntários; o Artesanato das Voluntárias do Hospital Municipal, que também estão ligadas ao IJBS. O terceiro é o Artesanato de Mármore e Granito, que é uma oficina onde crianças e artesãos fazem objetos de mármore e granito. O quarto empreendimento que não foi abordado foi o Restaurante Park Selva Sassiri, pois está mais ligado a um turismo de aventura, com a maior trilha de arvorismo da América Latina em extensão, com 69 árvores, conta também com tirolesa, não sendo um empreendimento voltado para o Agroturismo. Outro empreendimento que não fez parte da pesquisa é o da Cachaça Teimosinha³.

Depois da seleção das propriedades a serem analisadas passamos à etapa seguinte: aplicar questionários a um representante de cada família, ou propriedade e realizar entrevista com um funcionário. Os questionários aplicados encontram-se em anexo. O questionário realizado com os proprietários continha 37 questões e foi dividido em quatro partes: caracterização da propriedade e do produtor; produção agrícola; motivações e considerações sobre o Agroturismo e questões culturais. Esses quatro itens serão abordados de forma mais detalhada posteriormente.

Optamos por esse instrumento, as entrevistas, para levantar dados que nos permitissem responder às questões que buscávamos investigar. Por meio delas conseguimos caracterizar como a atividade tem se dado no grupo de propriedades investigadas, quais as mudanças que tem causado, quais as transformações mais sentidas depois do início do Agroturismo, os mercados que atingem com seus produtos, suas percepções quanto ao setor agrícola. Enfim, questões que nos permitissem entender como a nova atividade tem causado transformações no município na visão desses entrevistados.

As questões tinham o propósito de nos ajudar a esclarecer a temática pesquisada. No entanto, não queríamos influenciar nas respostas encontradas,

³ não realizamos a pesquisa nesse estabelecimento por se tratar de um desmembramento da família Busato, pois pertence a um dos irmãos, dos donos da família Busato e se encontra na mesma localidade. Portanto acreditamos que os resultados obtidos seriam muito parecidos. Optamos então por selecionar apenas um dos dois empreendimentos e ficamos com a Família Busato por ser mais antiga do que a Cachaça teimosinha.

buscamos realizar uma conversa direcionada com os proprietários, onde estes pudessem dar as respostas que considerassem pertinentes, deixando-os a vontade para não responderem o que não se sentissem a vontade, ou para extrapolar as questões propostas. Nossa pesquisa é de cunho qualitativo, não estando pressa a números e percentuais. Analisamos as respostas dentro das temáticas trabalhadas nos questionários, associando ao conteúdo teórico desenvolvido ao longo da pesquisa.

Todas as entrevistas, sejam as realizadas com os proprietários, com os funcionários ou com alguns agentes presentes na zona urbana, foram realizadas única e exclusivamente pela pesquisadora, no período de julho a setembro de 2012.

2 – TURISMO, AGROTURISMO E GEOGRAFIA: APROXIMAÇÃO TEÓRICA

O Agroturismo é uma dos inúmeros segmentos de turismo existentes. Vamos a princípio estabelecer uma aproximação entre a geografia e o turismo, que mais tarde nos dará subsídios para entender esta forma de turismo particular, o Agroturismo.

O ato de viajar faz parte da história da humanidade, os homens têm essa prática desde os primórdios. Porém viajar nem sempre é sinônimo de turismo, quando nossos ancestrais se deslocavam pelo espaço, não o faziam pensando em realizar turismo, essa é uma prática recente. Coriolano e Silva afirmam que:

O turismo é um fenômeno dos tempos modernos, portanto, relativamente recente. Surgiu quando o homem descobriu o prazer em viajar, quando a viagem deixou de ser necessidade e peso e passou a ser uma forma de buscar a sonhada felicidade. (CORIOLANO E SILVA, 2005, p. 42).

Como dissemos os homens sempre viajaram, mas esses deslocamentos no início tinham outros variados motivos. Viajavam para garantir sua sobrevivência, para realizar ritos religiosos, por necessidade em virtude de guerras, em busca de

melhores condições de vida. Essas viagens, no entanto não tinham as mesmas motivações e o sentido das viagens turísticas que temos hoje.

Dissemos que o turismo é um fenômeno dos tempos modernos, mas também falamos que as viagens não, que elas já acontecem a muito tempo. As viagens ocorriam por outros motivos que não estavam relacionados ao lazer e ao prazer como agora. É como destacam mais uma vez Coriolano e Silva (2005, p. 43) “viagem sempre existiu desde a origem do homem, mas turismo não. Este é uma invenção do capitalismo.” As viagens existem há milênios, mas nem sempre tiveram a conotação de turismo, que é uma prática que nos remete à modernidade, como dizem os autores; uma invenção do capitalismo.

O capitalismo transformou o tempo do não trabalho em mercadoria. O tempo do não trabalho passou a ser gasto consumindo novos espaços, com hospedagem, com mercadorias, formas de lazer entre outros. O turismo ganha mais destaque a partir do momento em que o tempo do não trabalho passa a ser mais valorizado e se transforma também em mercadoria. O tempo do não trabalho ganha a conotação de momento de aliviar as tensões do dia-dia de trabalho, considerado por muitos, fatigante. Passa-se a utilizar esse tempo para realizar turismo, se afastar de seu local de residência, transformou-se numa obrigação, além de ser uma atividade que dá status ao seu praticante.

Os autores abordam a questão da mudança de valor a que o trabalho passou, de castigo na antiguidade a privilégio na modernidade. “Na modernidade, o trabalho, que era castigo para escravos, passou a ser privilégio. Foi ele que permitiu a produção e acumulação de uma fabulosa riqueza. Por causa dele, se dá importância ao não-trabalho, ao tempo livre e ao turismo.” (Coriolano e Silva, 2005, p. 50). Graças ao trabalho, que se tornou um privilégio, consegue-se acumular capital para ser gasto nos momentos de não-trabalho com o lazer e sobretudo com o turismo.

Portuguez e Oliveira (2011) abordam a importância que o turismo tem atingido na pós-modernidade, se destacando com um dos setores mais dinâmicos. Esses autores afirmam:

O turismo é um importante fenômeno social que se originou como atividade organizada, a partir da consolidação da modernidade urbano-industrial, no século XIX, e que, desde então, vem se complexificando cada vez mais,

chegando aos dias atuais como um dos setores produtivos mais dinâmicos da pós-modernidade. (PORTUGUEZ E OLIVEIRA, 2011, p. 236).

Como vimos o turismo tem adquirido notoriedade na nossa sociedade, mas o que a Geografia tem a ver com isso? Em que medida a ciência geográfica se aproxima desse fenômeno? Temos algumas pistas no fragmento seguinte:

A geografia é a ciência do espaço e o turismo concretiza-se nos espaços geográficos. Por meio dela, pode-se entender melhor as singularidades dos lugares, em que se vive e onde se faz turismo, saber o que o diferencia e o que aproxima dos demais, entender as variadas formas de relações socioespaciais ou como diferentes sociedades interagem com a natureza nessa construção. (CORIOLANO E SILVA, 2005, p. 21).

Como bem colocam os autores, a Geografia é a ciência do espaço e o turismo se dá no espaço, ele acontece se realiza, nos espaços geográficos. A Geografia nos auxilia a entender os lugares, sejam os que vivemos ou nos quais praticamos o turismo, assim como nos dá suporte para entender o que eles têm de diferente e o que os faz parecidos, além de nos auxiliar na compreensão das relações que se desenvolvem nos espaços e na interação da sociedade com a natureza, na concretização da atividade turística.

Além disso, devemos entender o turismo como uma atividade econômica que assim como todas as outras produz seus efeitos no espaço refletindo na dinâmica do mesmo. Como destaca Cruz, “[...] o turismo, compreendido como prática social e também, sobretudo, como atividade econômica, é um vetor produtor de espaço”. (CRUZ, s.d. p.92). Ou seja, o turismo é uma prática social, então ocorre na interação homem x natureza, e como atividade econômica é um dos fatores que produzem espaço ao se realizar. A autora vai além e diz que “O turismo é uma prática social e uma atividade econômica que, no mais das vezes, se impõe aos lugares, mas ela não se dá sobre uma “tabula rasa”, sobre espaços vazios e sem donos.” (CRUZ, s.d. p.98).

A autora fala que o turismo se impõe aos lugares que não são espaços vazios, isto é, trata-se de lugares onde antes de haver a prática do turismo, já havia população, existia uma história prévia, uma dinâmica própria sobre a qual o turismo se estabelece, muitas vezes se apropriando dessa história, criando modificações e em alguns casos recriando espaços e histórias em busca de vantagens econômicas.

O turismo acontece, se realiza nos espaços, as pessoas se deslocam de um lugar a outro, visando conhecer o que esses lugares têm de diferente. Seja em aspectos naturais, aspectos culturais, as paisagens, o rural, as cidades, o que se transforma em espaço turístico. E a Geografia ajuda no entendimento de todos esses aspectos ajudando a compreender o turismo e seus desdobramentos no espaço. Coriolano e Silva mais uma vez mostram a relação da geografia com o turismo no trecho abaixo:

O estudo do espaço geográfico, das territorialidades, das cidades, do meio rural, das paisagens, do patrimônio natural e cultural, de tudo que passa a ser denominado de espaço turístico, faz-se necessário à compreensão do turismo, e a Geografia subsidia este estudo, [...] (CORIOLANO E SILVA, 2005, p. 12).

A Geografia contribui no entendimento do espaço geográfico como bem colocam os autores, sendo assim ajuda na compreensão do espaço turístico que são as parcelas do espaço geográfico que passam a ser apropriadas pelo turismo, os espaços sobre os quais a atividade passa a ser desenvolvida, impondo de forma mais efetiva suas consequências. Quando falamos de espaço turístico estamos falando sobre:

O que se habituou chamar “espaço turístico” corresponde aquela porção do espaço geográfico cuja produção está sendo determinada por uma participação mais efetiva do turismo em relação a outras atividades. O “espaço do turismo” não se restringe, porém, aos lugares turísticos da atualidade. (CRUZ, 1998, p. 33).

O que Cruz (1988) diz é que não só o que conhecemos hoje como espaço turístico o é. Todos os espaços geográficos tem potencial para o desenvolvimento do turismo, pois os atrativos, as motivações e as formas de turismo existentes são muito variadas, sendo assim todo espaço geográfico pode se transformar em espaço turístico. É o que ela expõem:

Considerando que os espaços são diferentemente valorizados pelas sociedades, em função das possibilidades técnicas que determinam sua utilização, de fatores políticos, econômicos e, também, culturais, todo espaço do planeta (e talvez até de outros planetas!) pode ser considerado “espaço do turismo” (CRUZ, 1998, p. 33).

E continua dizendo que “[...] o principal elemento que caracteriza o “lugar turístico” é o turista. Todo lugar em que a presença do turista é significativa, haja ou não a infraestrutura, é um lugar turístico.” (CRUZ, 1998, p.34). Segundo ela, o turista é o principal fator para se caracterizar um lugar com espaço turístico, o que a nosso entender é uma afirmativa muito coerente, uma vez que é o interesse das pessoas em sair do seu local de residência, conhecer lugares novos, fugir do habitual e o deslocamento delas pelo espaço, em busca de realizar o turismo que fazem com que a atividade seja desenvolvida. Exista ou não uma infraestrutura prévia para sua recepção. Até porque na maior parte dos casos primeiro surge à demanda e só depois se desenvolve a infraestrutura necessária para a melhor prática do turismo.

A cada dia que passa mais espaços vão se tornando espaços turísticos e a atividade vem ganhando mais destaque, não só por movimentar a economia dos lugares, mas por gerar uma série de modificações relevantes nos espaços e nas sociedades onde ela passa a ser praticada. Portanto, o turismo é um tema de pesquisa que vem sendo abordado por diversos campos do saber. Não só a Geografia, que como vimos nos fornece subsidio importante para seu entendimento, mas também pela Antropologia, Sociologia, Economia, Administração, entre outros. Trata-se de um tema complexo e multidisciplinar, como bem ressalta Rodrigues:

[..] o fenômeno do turismo, por sua natureza complexa, reconhecida por todos os estudiosos, é um importante tema que deve ser tratado no âmbito de quadro interativo de disciplinas de domínio conexo, em que o enfoque geográfico é de fundamental importância, uma vez que por tradição, lida com a dualidade sociedade x natureza.(RODRIGUES, 1999, p.22)

A autora reforça o papel da Geografia para o estudo do turismo uma vez que essa ciência trabalha com a dualidade da sociedade x natureza, e é nessa interação que o turismo acontece. No turismo consomem-se os espaços, que estão sempre se modificando, se transformando. Rodrigues (1996), afirma que devemos entender o fenômeno do turismo em toda a complexidade que ele envolve nas relações sociais e na sua materialização no espaço, seja no processo de produção ou consumo do mesmo.

Os destinos turísticos, espaços para onde as pessoas se deslocam para usufruir de seus momentos livres, acabam se reestruturando sofrendo modificações tanto para receber os turistas e para gerar toda infraestrutura necessária ao

desenvolvimento do turismo, quanto devido aos efeitos decorrentes da atividade. São nesses espaços que o turismo age, ou se expressa de forma mais direta, intensa, ficando impressa neles as marcas mais evidentes deixadas pelo turismo. Essa atividade vai interagir e modificar a organização espacial vigente até então.

Ainda falando da importância dos destinos turísticos, ou seja, do local onde propriamente o turismo se realiza, Portuguez (2010) lembra que:

[..]o turismo, ao apropriar-se de um determinado local, imprime-se na paisagem e a modifica ocasionando benefícios para seus habitantes, assim como pressões que podem provocar, acelerar ou agravar processos de degradação sócio-espacial. (PORTUGUEZ, 2010, p.1)

Portanto, ele lembra que ao se apropriar de um determinado espaço o turismo pode gerar tanto consequências positivas quanto negativas, com alterações que vão desde simples mudanças na paisagem até o agravamento de processos de degradação sócio-espacial já existentes.

Portuguez (2010) recorda que Rodrigues (1997) em um texto produzido em homenagem a Milton Santos, diz que a função, é dentre as categorias de análise do espaço propostas por Santos, uma das mais importantes para os estudos do turismo. E diz que:

As paisagens são formadas por conjuntos complexos de elementos constituintes, que pertencem aos sistemas naturais e sociais que estão em constante interação e transformação. Em cada momento da história, de acordo com os interesses vigentes na sociedade e as tecnologias disponíveis, estes elementos assumem funções muito específicas, que dão sentido ao funcionamento do território. (PORTUGUEZ, 2010, p.2)

O que Portuguez escreve é que, em cada momento da história, os elementos que compõem as paisagens assumem determinadas funções. Ele ainda fala sobre a sobreposição de funções, fato que gera a multifuncionalidade.

A funcionalidade sobreposta origina a multifuncionalidade. A paisagem, nesta perspectiva, desempenha papéis que lhes são dados pelo sistema de ações-decisões. Mesmo que os papéis venham a mudar com os movimentos da história, eles deixam marcas visíveis na dinâmica da paisagem. (PORTUGUEZ, 2010, p.2).

As paisagens vão assumir funções determinadas pelos sistemas de ações-decisões como disse o autor. E mesmo que esses papéis mudem ao longo do tempo eles deixam seus rastros na paisagem. O turismo tem promovido atualmente a multifuncionalização dos espaços. Paisagens que até então desempenhavam outras funções completamente alheias ao turismo, em determinados momentos em virtude da decisão e da ação de alguns atores passam a incorporar essa nova atividade, o turismo. Muitas vezes, as funções desenvolvidas anteriormente, e as marcas que deixaram na paisagem fazem parte dos atrativos turísticos do espaço, como é o caso do rural. Onde as atividades agrícolas, tradicionais desse ambiente e suas marcas na paisagem transformam-se em atrativos.

O fenômeno da multifuncionalização turística do espaço rural pode ser entendido como a agregação de atividades produtivas em uma determinada organização territorial de modo a diversificar produtos, serviços e mercadorias na tentativa de criar condições para o aumento da renda e da oferta de postos de trabalho pela mesma (PORTUGUEZ, 2010, p.3).

Mas como bem coloca Portuguez (2010) não só a beleza e os atrativos do rural são os responsáveis pela incorporação do turismo nesse ambiente. O autor lembra que esta prática no rural está enredada em um jogo de interesses, pois a população local visa com isso diversificar as atividades, melhorar sua condição de vida e aumentar sua renda. Acrescentando essa nova função ao espaço rural.

Ao incluir a prática do turismo no rural este ambiente passa a incorporar aspectos mais ligados ao urbano. Pois a grande maioria dos turistas que buscam esse ambiente tem origem citadina, e por mais que cheguem ao campo para desfrutar o que eles consideram amenidades, e dos aspectos em que ele se diferencia do urbano, ao mesmo tempo exigem uma estrutura mínima para a realização do turismo, eles não querem enfrentar alguns inconvenientes a seu ver, existentes no rural. Querem boas estradas de acesso, disponibilidade de meios de comunicação como internet e celular, entre outros. Além disso, a convivência mais próxima que o turismo possibilita faz com que aconteça um intercâmbio cultural, hábitos mais ligados ao urbano também passam a ser incorporados pelos habitantes do rural. São as urbanidades adentrando no rural, juntamente com as suas novas funções. Isso tudo faz parte desse momento vivido pelo rural, sobre o qual

Portuguez (2010) fala no trecho abaixo e que discutiremos com mais profundidade em outro capítulo.

Na medida em que o espaço rural absorve a expansão do conteúdo de urbanidade, ele passa assumir algumas funções que são mais ligadas à identidade do espaço urbano. O movimento de expansão física e ideológica da urbanidade que dá origem ao que vem sendo chamado de “novo rural” tem motivado estas novas formas de uso e ocupação que, por consequência, atribuem novas funcionalidades. (PORTUGUEZ, 2010, p. 4)

As novas funções no rural estão relacionadas ao uso e as formas de ocupação que se tem feito desse espaço. Elas se dão graças às possibilidades que existem de explorarem outras atividades, surgem então novas formas de apropriação e uso do espaço rural. O turismo em grande parte dos casos, não busca excluir as formas de uso e ocupação preexistente, como é o caso das atividades agrícolas, mas sim agregar. Pois essa não seria uma alternativa interessante ao morador e a dinâmica econômica de sua propriedade, como bem coloca Portuguez:

As funcionalidades do meio rural estão intimamente relacionadas à sua dinâmica de uso e ocupação do solo. Se há uso turístico ou qualquer outra função não-agrícola deste espaço, é porque a paisagem oferece condições de absorção de novas formas de apropriação econômica. O turismo (quando planejado) atribui funcionalidade recreativa às propriedades produtivas sem, no entanto, desejar substituí-las. Esta substituição funcional, caso ocorra, pode gerar graves problemas de sustentação financeira das unidades, que passam a ficar vulneráveis às flutuações do fluxo. (PORTUGUEZ, 2010, p.4)

O turismo quando planejado para esse fim. Visa ser uma alternativa ao produtor rural e sua família e não ser atividade única. O produtor procura utilizar o que já possui em seu espaço, ou seja, os elementos paisagísticos e culturais para desenvolver uma nova atividade, melhorando sua renda e as condições de vida de sua família. O intuito maior da atividade não é substituir o que já existia, mas sim usar o que o espaço oferece. É agregar, o espaço passa a ter mais uma função, é o turismo fazendo parte da multifuncionalização do rural.

Estamos tratando das novas funções, no caso, relacionadas ao turismo, incorporadas no rural, espaço até um tempo atrás destinado as funções agrárias. E que com o desenvolvimento do turismo passa a se multifuncionalizar. Esse acúmulo de funções, essa multifuncionalidade deixa impregnada na paisagem suas marcas. E não surge a esmo como já dissemos. O rural, hoje, não pode mais ser classificado

como o lócus exclusivo de desenvolvimento de atividades agrícolas, não é mais apenas o responsável por abastecer o urbano. Atualmente, virou espaço de realização de lazer, onde se desenvolvem práticas turísticas. O turismo surgiu como uma alternativa de geração de renda, a essas populações, e em alguns casos como gerador de desenvolvimento para regiões até então desfavorecidas.

Vendo uma demanda vinda das cidades em praticar turismo em áreas rurais, ambiente de paisagem oposta ao urbano, onde as atividades produtivas se diferenciam, com aspectos culturais também distintos, os moradores do rural acumulam uma nova função. Passam a desenvolver o turismo, recebem pessoas, e compartilham com elas aspectos da sua cultura, seu dia-dia e o produto do seu trabalho, seja em natura, ou passado por um processo de agroindustrialização, produtos caseiros, que vem ganhando espaço no mercado atualmente.

O fato de abrir as portas para a realização do turismo, pode sim ajudar a preservar aspectos da cultura do rural e dos moradores. Uma vez que para desenvolverem esse tipo de turismo devem preservar as práticas agrícolas que são atrativas para o turismo, e os aspectos da cultura que também chamam atenção e despertam o interesse dos turistas. Ou seja, a nova função o turismo, passa a conviver com a antiga função que esse espaço já desenvolvia e continua a desenvolver, a agricultura e a criação de animais em algumas propriedades. O espaço passa a se multifuncionalizar, a assumir novas funções sem que haja a exclusão das atividades originais. “Os elementos paisagísticos presentes no meio rural, tais como as matas, os rios e suas cachoeiras, as formas de relevo e a fauna, bem como, a cultura local transformam-se em atrativos, mantendo suas funções originais e incorporando outras relacionadas ao turismo.” (Queiroz, 2012, p.49).

Estamos falando de turismo no rural, mas essa expressão envolve um amplo debate e traz a tona outra discussão:

[...] o turismo rural, em virtude de sua complexidade, pelas diversas modalidades exploradas, serve a expressões mais genéricas, compreendendo qualquer atividade turística praticada em áreas não-urbanas, tais como agroturismo, ecoturismo, turismo esportivo, turismo de aventura e turismo cultural. (RODRIGUES, 2000, p.119)

A própria Rodrigues (2000) em seu trabalho Turismo rural no Brasil: ensaio de uma tipologia aborda a imprecisão dos conceitos como algo a ser superado, muitos conceitos são importados do exterior, dos países europeus os pioneiros na prática de turismo rural, porém não são adaptados a nossa realidade, que é bem distinta. Algumas diferenciações devem ser discutidas, possibilitando esclarecer alguns pontos importantes. Quando falamos em turismo no meio rural, estamos incluindo várias modalidades de turismo, como bem mostram Campanhola e Silva:

O turismo no meio rural consiste em atividades de lazer realizadas no meio rural e abrange várias modalidades definidas com base em seus elementos de oferta: turismo rural, turismo ecológico ou ecoturismo, turismo de aventura, turismo cultural, turismo de negócios, turismo jovem, turismo social, turismo de saúde e turismo esportivo. (CAMPANHOLA E SILVA, 2000, p. 147).

Quer dizer, turismo no espaço ou meio rural se refere a qualquer prática de turismo que seja realizado no rural, que use a base física de um espaço assim considerado, estando relacionada com as peculiaridades do modo de vida no campo ou não. Então todas as atividades turísticas que forem realizadas no espaço rural fazem parte do turismo no meio rural, mesmo que a motivação, ou as atividades desenvolvidas não estejam ligadas ao ambiente rural.

Já quando nos referimos a turismo rural, restringimos mais o leque. Para entrar nessa categoria a atividade turística deve estar relacionada com o rural, com suas atividades tradicionais como: agricultura e pecuária por exemplo. O Ministério do Turismo usa a seguinte definição:

Turismo Rural é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade. (BRASIL, 2010, p.18)

Como constatamos esta definição está ligada as atividades tradicionais do meio rural, agregando valor a elas, além de essas práticas turísticas também estarem relacionadas ao patrimônio cultural e natural do ambiente e da população rural.

O Agroturismo tem as características de turismo rural, pois além de ser realizado no espaço rural está ligado a suas atividades tradicionais, ao patrimônio cultural e natural desse ambiente. No entanto essa modalidade de turismo tem um

diferencial, nela o turista participa, se insere de modo direto ou indireto nas atividades do dia-dia dos moradores das propriedades que estão recebendo esses turistas. Esse é um diferencial, é um algo a mais que nem todas as práticas de turismo rural incluem. A seguir apresentamos um conceito de Agroturismo: “[...] deslocamento de pessoas para espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite, para fruição dos cenários e observação, vivência e participação em atividades agropastoris.” (Beni, 2002, p.32). Portanto, como vimos nessa forma de turismo, além de serem mantidas as atividades agropastoris há um convívio, uma maior integração com o dia-dia e o modo de viver do homem do campo. Portuguez (1998) ainda acrescenta outra especificação a respeito do Agroturismo,

O agroturismo, por sua vez, pode ser entendido como a modalidade de turismo em espaço rural praticada dentro das propriedades, de modo que o turista e/ou excursionista entra, mesmo que por um curto período de tempo, em contato com a atmosfera da vida na fazenda, integrando-se de alguma forma aos hábitos locais. Tal distinção se faz necessário, na medida em que se pode, por exemplo, praticar o turismo ambiental em espaço rural, ou seja, não especificamente no interior de uma propriedade. Admite-se, porém, a existência de alguns equipamentos fora das propriedades (hotéis e restaurantes nas sedes municipais, postos de informações etc.) como forma de dar melhor suporte aos empreendimentos, desde que a maior parte da programação de recreação se dê dentro das fazendas e sítios. (PORTUGUEZ, 1998, p.54)

Quer dizer, além de possibilitar uma maior integração com o dia-a-dia dos moradores rurais, ele ressalta que esta modalidade turística é realizada dentro de fazendas ou sítios, que esse fator diferencia esta de outras práticas de turismo rural. Mais a diante discutiremos com mais profundidade o conceito de Agroturismo.

O que podemos perceber é que o turismo no espaço, meio rural é a categoria macro, a mais abrangente que contém o turismo rural, que por sua vez contém o Agroturismo, um segmento de turismo rural que se diferencia dos demais por possibilitar maior integração do turista com o dia-dia da população rural, seus hábitos e costumes como se ele se integrasse a esse ambiente durante sua estadia dentro da propriedade, ambiente onde é realizado.

O desenvolvimento do turismo no campo, essa nova função presente nesse espaço, faz parte da multifuncionalização do espaço rural, que é uma estratégia para aumentar a renda e melhorar a qualidade de vida dessa população muitas vezes

envolta em crises devido às oscilações do setor agrícola. Essa maior presença de urbanidades no rural, tanto em função dos turistas citadinos, quanto dos equipamentos demandados por eles para o desenvolvimento do turismo, essa nova realidade faz parte do que chamamos novo rural, ou das novas ruralidades presentes no campo, no contexto do processo de modernização do campo imposta pela globalização do capitalismo.

Existem várias definições do conceito de Agroturismo, faremos uma discussão a respeito de alguns deles. O primeiro é de Almeida e Riedl (2000) que afirmam que Agroturismo é:

(..) atividade turística que ocorre no meio da zona rural, integrado à atividade agrícola pecuária à atividade turística, surge como alternativa para proprietários rurais na atual crise fundiária, atrelada à falta de incentivos ao homem do campo (ALMEIDA & RIEDL, 2000, p. 7).

Nesse conceito os autores colocam a atividade como uma alternativa que os proprietários buscam diante das dificuldades que tem encontrado no espaço rural. Afirmando que ela convive com as atividades agrícolas e pecuárias, que já faziam parte da rotina dos moradores. Ou seja, ela surge como uma tentativa dos moradores de melhorar as condições de vida, permanecendo no rural, perante as dificuldades que enfrentam ligadas as crises fundiárias, as do setor agrícola e dos poucos incentivos que recebem do Governo.

O próximo conceito é de Campanhola; Silva (2000), e é adotado pelo Ministério do Turismo em uma publicação referente ao turismo rural lançada no ano de 2010. Esses estudiosos do assunto compreendem o Agroturismo como:

[..] atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade. Devem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços e bens não-materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro, etc) a partir do “tempo livre” das famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão-de-obra externa. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 20 e CAMPANHOLA; SILVA, 2000, p.148).

Mais uma vez vemos que o Agroturismo é descrito como um segmento de turismo que convive com as atividades agrícolas dentro das propriedades. Nesta definição já se admite uma diminuição, mas nunca a extinção dessas atividades em função do início do Agroturismo. Além disso, já aborda a agregação de serviços,

falando dos aspectos ligados a natureza do meio rural, como ar puro. Fala também da mão de obra ser essencialmente familiar com contratações quando necessário, ou seja, o trabalho na nova atividade é realizado com o tempo que os moradores não gastam com os demais afazeres da propriedade, o que eles colocam como “tempo livre”. Nesta definição os autores destacam a importância da agricultura familiar nessa forma de turismo.

O próximo conceito é de Toresan et al (2002) que define Agroturismo como:

[...] um conjunto de atividades e serviços oferecidos pelos produtores familiares, a partir da disposição de compartilhar seus hábitos, costumes, cultura e modo de vida com as populações urbanas que os visitam. Esta sinergia entre esses dois públicos distintos é pautada pela valorização da cultura local e pelo respeito ao meio ambiente. (TORESAN, et al, 2002, p.9)

Este conceito traz um elemento muito importante e que até então não havia aparecido nas demais, que é o fato do homem do campo partilhar seus hábitos e costumes, seu cotidiano com o turista. Menciona que essa troca, intercâmbio de modos de vida, favorecem e valorizam aspectos do rural como preservação da sua cultura e do meio ambiente.

Seguindo nessa vertente de compartilhar com o visitante o modo de vida desse homem do campo temos o conceito de Agroturismo de Anderson Portugal (1999), o qual define essa forma de turismo como:

A modalidade de turismo no espaço rural praticada dentro das propriedades, de modo que o turista e/ou excursionista entra, mesmo que por curto período de tempo, em contato com a atmosfera da vida na fazenda, integrando-se de alguma forma aos hábitos locais. (PORTUGAL, 1999, p. 77).

Esse conceito da atividade aborda a questão do turista entrar, ou fazer parte do dia-a-dia dos moradores das propriedades mesmo que por pouco tempo, o de sua permanência, nesse período ele se aproxima dos hábitos locais. Por essa definição o turista que pratica essa forma de turismo sente-se mesmo que por alguns instantes transportados para o dia-a-dia e a cultura desses moradores do campo.

O que segue é um conceito de Agroturismo encontrada em um material do Ministério do Turismo, sobre turismo rural e agricultura familiar. A definição é usada

para descrever a atividade que ocorre na região serrana do Espírito Santo, região esta que contempla a nossa área de estudos, Venda Nova do Imigrante. Baseados nessa realidade, o conceito de Agroturismo apresentado é o seguinte:

[...] uma modalidade de turismo rural que consiste na interação com a vida do campo e o desfrute e compra de produtos in natura, mas principalmente, processados, como doces, geleias, biscoitos, embutidos feitos de forma artesanal pelas famílias de pequenos produtores rurais. (Revista Panorama Turismo Rural, MT, 2006, p.46)

Nesse conceito aparece novamente a interação com a vida no campo, o dia-a-dia rural, e agora entra um novo elemento a compra de produtos agrícolas, seja em sua forma natural direto do produtor, ou de produtos já transformados típicos da culinária desses moradores rurais.

Apoiando-nos em tudo que foi abordado nos conceitos vistos e em nosso contato com o Agroturismo, faremos algumas considerações. Destacamos que esse segmento de turismo rural se apresenta como um complemento econômico da família não excluindo as práticas agrícolas. A prática do turismo no interior da propriedade acontece sem o intuito de eliminar as atividades produtivas agropastoris que permanecem como fonte de renda. Geralmente, o turismo é uma iniciativa do proprietário em busca de um ganho extra. A manutenção das atividades agrícolas é importante já que esse é um dos fatores que atrai o fluxo turístico para o local. O Agroturismo praticado nos modos atuais é caracterizado pela grande importância da família do agricultor para que se realize. Afinal são esses os atores que estão presentes nesta atividade comandando ativamente todo o processo, desde a produção agrícola até a venda dos produtos destinados aos turistas. Mas, como vimos, existem eventuais contratações de mão de obra externa à família, principalmente quando a atividade prospera e aumenta a demanda por funcionários.

Uma marca da atividade é o contato, o Agroturismo tem como fundamento o contato e a relação entre os moradores do urbano, com o rural e seus moradores. Esta atividade promove a interação dessas pessoas com hábitos distintos. O cidadão passa a se sentir mais próximo da natureza, dos hábitos e costumes do homem do campo, seja através da observação de suas tarefas diárias ou em alguns casos participando delas, na colheita de produtos agrícolas, no trato com os animais. Ou, simplesmente, numa conversa sem pressa como é costumeiro dos moradores

locais, contando detalhes de seus afazeres, a história da família, como são preparados os produtos ou sobre as particularidades da região. Basta perguntar que a conversa flui de maneira fácil. Na estadia desses turistas, os mesmos se sentem mais próximos e mais ligados à natureza, pelo contato com uma paisagem bem distinta da realidade urbana.

O Agroturismo é uma alternativa de diversificação da fonte de renda para muitos moradores do rural, pois, eles podem aproveitar as suas propriedades e explorar os recursos que elas já possuem, sejam recursos naturais ou culturais, como as matas, riachos, plantações que formam belas paisagens e propiciam o contato mais próximo com a natureza; ou os recursos culturais, como os casarões antigos, as histórias de família, os objetos e instrumentos de trabalho herdados dos antepassados, além das comidas típicas, as danças, músicas e outros costumes também aprendidos com os antepassados.

Portanto, esse é um segmento de turismo que faz uso dos recursos e das relações que os habitantes do rural já possuem que fazem parte da sua história e do seu modo de vida. E não necessita de grandes investimentos e modificações para que seja realizada. Pelo contrário é importante manter o que esse local tem de genuíno. O Agroturismo surge como uma alternativa do produtor rural de aumentar a renda, ela é uma atividade complementar as demais que continuam a fazer parte da vida e do dia a dia dos moradores. Esses proprietários não deixam de realizar as práticas agrícolas, sua principal vocação, pois, como vimos elas também são um atrativo para o turista, pode ser através do contato direto com as plantações, com os animais, ou através da venda e consumo dos produtos direto da roça ou depois de terem sido transformados em doces, geleias, licores etc. Além disso, a agricultura é um suporte de renda quando a atividade do turismo não está nos momentos de maior fluxo. Como bem destaca CandiOTTO (2010) no texto seguinte:

Em nossa opinião, o conceito de agroturismo permite incorporar grande parte dos agricultores familiares envolvidos com o turismo, pois, além da existência de atividades agropecuárias, os agricultores familiares costumam ter seus principais atrativos vinculados a tais atividades, seja por meio da observação e da participação em atividades agrícolas e pecuárias, da comercialização de produtos in natura e transformados, do uso de animais para atividades de lazer (pesca, passeios a cavalo, charrete, carro de boi), e do modo de vida rural tradicional, onde se planta e se vive da "terra". (CANDIOTTO, 2010, p.19)

O desenvolvimento do Agroturismo gera uma ocupação extra as famílias rurais que aderem à atividade, pois além de fazerem as atividades que sempre foram rotineiras elas passam a receber os turistas, preparar os produtos que são vendidos a eles, organizam a propriedade para que esteja sempre pronta para receber os turistas, e desenvolvem todas as atividades ligadas ao Agroturismo. Essa forma de turismo é famosa por utilizar majoritariamente mão de obra familiar. Destaca-se, sobretudo, a ocupação das mulheres, as quais são as responsáveis por fabricar os quitutes que aprenderam com suas avós, e geralmente fazem a recepção dos turistas. A maior parte das propriedades envolvidas com o Agroturismo são pequenas e de cunho familiar.

O desenvolvimento da atividade turística visa promover melhoria da qualidade de vida dos moradores do rural, com aumento da renda e aperfeiçoamento das condições de infraestrutura, contribuindo também para diminuir o êxodo rural, valorizar o modo de vida, os hábitos e costumes do homem rural. Os maiores benefícios do Agroturismo devem atingir diretamente a população rural. O turista, em sua maior parte de origem urbana também é favorecido na prática dessa forma de turismo, principalmente pelas possibilidades de se desligar do cotidiano urbano, em especial das grandes cidades. Mas os maiores benefícios devem atingir diretamente os moradores locais, pois são esses que terão que arcar com as consequências que a prática pode ter após a volta do turista para seu local de origem. É comum o turista ter uma visão estereotipada do espaço rural pela mídia; alguns buscam um rural atrasado, com pessoas sem instrução, sem uso de qualquer tecnologia, e isso não se confirma, embora esses espaços guardem características próprias, eles também se modificam e recebem novidades que antes estavam restritas as cidades, como internet e outras tecnologias do campo das comunicações.

Vamos agora abordar algumas vantagens que podem surgir como o Agroturismo. Por essa ser uma forma de turismo desenvolvida no rural e contar com as paisagens como um atrativo, essa atividade promove a preservação ambiental. Os turistas buscam belas paisagens naturais, com um ambiente equilibrado; não querem ver rios poluídos, áreas devastada/desflorestadas. Dessa forma os proprietários tem uma preocupação a mais com o meio ambiente, também pela demanda dos turistas. Alguns até passam a fazer práticas de reflorestamento com

espécies nativas, recuperam matas ciliares, limpam os rios, córregos e cachoeiras, entre outros.

Outro fato que a atividade proporciona é o resgate das tradições culturais da população local. Os moradores do campo passam a valorizar mais seus hábitos e costumes, as tradições aprendidas com seus antepassados passam a ser mais preservadas porque os turistas se interessam muito por tais particularidades. Dessa forma ao mesmo tempo em que preservam suas tradições se valem das mesmas como um atrativo a mais.

Economicamente, sabemos que o Agroturismo vem a ser uma fonte de renda extra, uma alternativa à agricultura tradicional, ao mesmo tempo em que agrega valor aos produtos advindos dela. Além do mais os produtores rurais podem fabricar outros produtos típicos do local para serem vendidos em suas propriedades e aumentar seus lucros. Também devemos ressaltar o fato de a atividade gerar empregos, já dissemos que a mão de obra nessa modalidade de turismo é em grande parte familiar, mas com a ocorrência de eventuais contratações, que são novos postos de trabalho que podem movimentar a economia local. Isso sem falar que é uma alternativa para o homem do campo, que assim não precisa partir para a cidade em busca de emprego, diminuindo o êxodo rural. Além do mais, existem os empregos indiretos que a atividade gera nos municípios em que é praticada, no comércio, nos serviços em geral, que acabam movimentando a economia local.

Também devemos salientar que a atividade contribuiu para melhorar a autoestima do homem do campo, e ao mesmo tempo valoriza a identidade desses moradores, o jeito de ser do homem do rural. Através do contato das pessoas da cidade e do campo, ou seja, do encontro de formas de vida diferentes que geralmente ocorre de modo respeitoso, cada uma com suas particularidades, o homem do campo passou a não se sentir diminuído por viver de forma diferente, isso ao contrário é um dos fatores que mais atrai os turistas que chegam a essas propriedades. O Agroturismo elevou a autoestima dessa população e possibilitou uma consciência do próprio agricultor de que seu modo de vida é valorizado por outras pessoas justamente pelos elementos que são considerados tradicionais.

Assim como a atividade pode ocasionar as vantagens descritas acima, também pode acarretar algumas desvantagens se mal planejada e executada. A

prática do Agroturismo pode gerar a degradação e descaracterização do espaço rural. A degradação desse ambiente pode ocorrer com uma sobrecarga de turistas no ambiente, com a poluição deixada pelos mesmos. Já a descaracterização pode acontecer com as obras de construção de infraestrutura para receber os turistas que destoem as pré-existentes e constroem outras que não tenham nenhuma relação com a história do lugar e as pessoas que aí vivem.

Portanto, para que essas desvantagens não aconteçam alguns cuidados devem ser observados por aqueles que pretendem desenvolver o Agroturismo. O principal deles é a manutenção da identidade própria, ou seja, manter as características da propriedade, seja na preservação da paisagem, das atividades produtivas, da arquitetura das edificações, ou nos aspectos ligados as características que dizem respeito à herança e os hábitos culturais dos moradores, como a gastronomia, objetos antigos, artesanato entre outros. São esses pontos que ajudam a manter a autenticidade e identidade própria da propriedade e dão um caráter único ao lugar.

É no contexto dessas considerações que analisaremos o Agroturismo, enfatizando como as atividades provenientes de tal fenômeno econômico se realizam em Venda Nova do Imigrante.

O município se destaca na prática desta atividade por ela estar sendo bem sucedida, atraindo muitas famílias produtoras locais, as quais percebem várias vantagens do setor, em especial a possibilidade de continuar no campo, lidando com as atividades agrícolas e tendo mais qualidade de vida.

No município o Agroturismo acontece envolvendo as famílias que recebem os turistas em suas propriedades e vendendo os produtos que fazem. Em algumas propriedades são oferecidas outras atividades como passeios guiados, palestras, acesso às plantações e animais, outras oferecem atividade de pesque-pague, hospedagem, e alguns apenas recebem nas lojinhas que mantêm em suas propriedades e vendem os quitutes, flores, artesanatos, o que as famílias têm a oferecer.

Não há um padrão único. Nem todas as famílias que desenvolvem o Agroturismo realizam a atividade da mesma maneira, nem todos vendem produtos.

Algumas, como dito, oferecem hospedagem, outras atividades como passeios, trilhas, lagos para pesque-pague, restaurantes. Outros recebem nas propriedades e possuem lojas onde oferecem seus produtos, mas não oferecem passeios, nada além dos produtos a serem vendidos e das conversas, não há uma fórmula.

Mais uma coisa é comum a todas as propriedades: elas mantêm as características típicas do rural, com áreas verdes, são bem arborizadas, com jardins bem cuidados, geralmente possuem matas que são comuns ao município como um todo, além disso, sempre se encontra alguém disposto a uma conversa, pois na maior parte delas quem atende ao turista é algum membro da família. Existem objetos antigos, fotos das famílias, e sempre há o cotidiano das propriedades que continua a ocorrer, as atividades sejam da agricultura, ou a criação dos animais, as atividades do dia-dia da rotina das casas, e tudo isso fica muito próximo ao recebimento dos visitantes o que possibilita ao turista se sentir mais próximo da natureza e se sentir parte daquele mundo no período em que está nos sítios e fazendas. Todas elas usam como atrativos os aspectos do rural, a natureza, os hábitos e o dia-a-dia das propriedades.

A maior parte das propriedades possibilita que os turistas possam participar mais ainda dos afazeres, tendo acesso às plantações e dependendo da época do ano na plantação ou na colheita de café e milho, por exemplo. Eles podem comprar alguns produtos in natura, como morangos, uvas entre outros, ou os produtos já transformados, como geleias, licores, e os produtos típicos como o socol.

O município está aberto às práticas do Agroturismo durante o ano inteiro, e em alguns períodos específicos a cidade fica mais em evidência, como no inverno pelo clima frio que atrai muitos visitantes, além das festas que são realizadas e que atraem grande público, a principal delas é a da Polenta que ocorre todos os anos no mês de outubro. Uma festa que celebra as tradições italianas, com muita comida típica, danças, músicas, jogos e que despertam muito interesse dos turistas. Nestas festas há um espaço dedicado aos produtores que trabalham com o Agroturismo, onde eles expõem seus produtos.

3 – AGROTURISMO NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO: MODERNIZAÇÃO DO CAMPO, NOVAS RURALIDADES E NOVAS URBANIDADES

A globalização está atrelada à fase de expansão do capitalismo, fruto da necessidade de ampliar fronteiras no mundo com possibilidades de ganhos, expandindo o comércio e a atuação do mercado incorporando, cada vez mais, espaços e pessoas. Através desse movimento, houve maior integração entre os diversos países, cidades, lugares e regiões; aprofundaram-se as relações econômicas, culturais, sociais e políticas entre eles.

David Harvey (1989) aborda em uma de suas obras o fato de estarmos vivendo um momento de compressão do espaço-tempo. Tal fato está ligado à passagem do modo de produção fordista para a acumulação flexível, que se utiliza de novas formas organizacionais que vem acompanhada de novas tecnologias. Isso tudo tem acelerado o tempo da produção, da distribuição e até mesmo do consumo, amparados por sistemas de comunicação aperfeiçoados e de rápidos fluxos de informação. Os espaços estão cada dia mais integrados ligados uns aos outros, as informações, os produtos, os capitais, as tecnologias tudo circula numa velocidade muito maior, fruto dos avanços da ciência e da técnica.

O desenvolvimento das novas técnicas sem dúvida foi de suma importância para essa compressão espaço-tempo, porque a partir do desenvolvimento de novas tecnologias de informação, as fibras óticas, a comunicação por satélite, a rede mundial de computadores e o avanço nos meios de transporte, seja o transporte aéreo, os trens de alta velocidade, ou demais melhorias em outras formas de locomoção, foi possível acelerar o tempo e dar a impressão de diminuição dos espaços. Hoje, as distâncias diminuíram considerando a velocidade com que tudo circula. Essa maior facilidade de locomoção, de comunicação e de integração gera alterações no modo de percepção das pessoas e, conseqüentemente, na produção do espaço.

Para Santos:

[...] agora tudo se mundializa: a produção, o dinheiro, o crédito, a dívida, o consumo, a política e a cultura. Esse conjunto de mundializações, cada qual

sustentando, arrastando, ajudando a impor a outra, merece o nome de globalização. (SANTOS, 1996, p.163)

A globalização é um fenômeno amplo e que atinge todos os lugares. Seus efeitos se expandem para todas as partes do planeta, embora suas consequências se deem de maneiras diferentes em cada lugar. Sua atuação modifica a dinâmica mundial e afeta os lugares, e com o espaço rural não foi diferente. A expansão da economia capitalista, o uso das novas tecnologias, a maior facilidade nos deslocamentos, e a possibilidade de maior interação cultural também chegaram ao campo. Sendo assim, esse espaço passou a incorporar novas atividades, fruto dessa nova dinâmica. As atividades ligadas ao lazer e ao turismo no meio rural também fazem parte desse novo momento, sendo mais uma estratégia do capital, e dos moradores do rural para se adequar a dinâmica global.

O rural é um tema caro à pesquisa geográfica e possui vasta literatura. Porém a abordagem feita aqui diz respeito às transformações pelas quais esse espaço vem passando, em especial mudanças (sociais, culturais e econômicas) no plano da vida dos produtores. Este tema tem sido trabalhado por muitos autores, os quais fazem parte de uma revisão bibliográfica à respeito da temática.

Muito se tem dito sobre a modernização do campo, e das novas tendências no meio rural, e isto tem suscitado um debate sobre o fim do rural. Há uma corrente de autores e pensadores que propagam o fim desse espaço e a tendência à urbanização e sua expansão, como se o rural fosse se extinguir diante da voracidade e da intensificação do urbano e sua dinâmica. Ao mesmo tempo existem aqueles autores que se contrapõem a essa vertente, e acreditam que mesmo com a modernização do campo e com as novas dinâmicas que invadem o meio rural, esse espaço ainda vai se manter, guardando singularidades que o diferenciarão do meio urbano, até porque o diferente pode vir a ser cooptado e transformado em ganhos, em mercadoria.

No seu texto, Wanderley (2000), mostra que em seu entender a modernização do campo não leva ao fim do rural, mas sim a uma nova ruralidade. Segundo ela, o rural é uma categoria histórica, que se transforma, é mutável. Portanto, cabe ao pesquisador compreendê-lo nas suas variadas formas nas mais diversas sociedades passadas ou presentes. Nas suas palavras,

O agricultor moderno, particularmente o agricultor familiar, predominante nos países ditos “avançados”, pelo fato mesmo de ser familiar, guarda laços profundos – de ordem social e simbólica – com a tradição “camponesa” que recebeu de seus antepassados.[...] Para alguns estudiosos, a dicotomia campo-cidade, em suas formas tradicionais, será resolvida, pela sociedade, com a “vitória” da cidade, cujo desfecho seria o próprio fim do rural e a urbanização completa do campo. O presente trabalho, ao contrário, baseando-se em fontes distintas, formula a hipótese de que o recorte rural-urbano, em suas novas e modernas formas, permanece como um recorte pertinente para analisar as diferenças espaciais e sociais das sociedades modernas, apontando não para o fim do mundo rural, mas para a emergência de uma nova ruralidade. (WANDERLEY, 2000, p.88)

Candioto (2010) destaca no que tange à questão da nova ruralidade a existência de duas vertentes, a de autores que assim como Wanderley propagam a nova ruralidade como uma tendência homogênea já manifestada em alguns países e que irá se espalhar para os demais. Outra vertente defende a existência de diversas ruralidades heterogêneas manifestadas em indivíduos e grupos sociais diversos.

Os adeptos da nova ruralidade entendem o processo como um momento de revalorização do rural, sobretudo incentivada por instituições globais, como o Banco Mundial, o FMI, BID, entre outras, que, através de políticas públicas e financiamentos, (geralmente de cima pra baixo) defendem essa revalorização do rural como elemento de diminuição da pobreza e da desigualdade social, mas, tem como interesse implícito a ampliação das relações capitalistas no campo por meio de novas atividades agrícolas e não agrícolas. (CANDIOTTO, 2010, p.112)

Candiotto (2010) faz críticas a Wanderley (2002) que, para propor a ideia de nova ruralidade se baseia na realidade Europeia destacando a nova ruralidade baseada nas novas funções definidas para o espaço rural europeu com novas atividades econômicas e culturais ligadas a outros setores, além da função como espaço de lazer, moradia e reserva natural. No entanto, apesar de concordar que isso faz parte realmente da realidade empírica europeia o autor ressalta que essas novas atividades que vem ocorrendo fazem parte de políticas públicas da União Europeia que foram implantadas a partir de 1994, e que tiveram grande incentivo das instituições já citadas. Dessa forma, o autor faz o questionamento se ao invés de essa nova ruralidade ser uma demanda da população rural que têm suas aspirações transformadas em políticas públicas, não seria mais uma manobra que

vem de cima para baixo, partindo dessas instituições, que acabam transformando o espaço rural com novas relações e atividades com o intuito de favorecer os atores hegemônicos do capitalismo.

Outra crítica às proposições de Wanderley vem de Moreira (2005) que acredita ser perigosa essa importação de teorias e ideias baseadas em realidades muito distintas da brasileira. O autor entende o rural sobre duas perspectivas, uma ligada à realidade da modernidade da Europa, e a outra ligada à modernização incompleta da periferia latino americana. Segundo ele o rural europeu é urbano e global, sendo assim sua realidade não pode ser transferida para o rural brasileiro. Em suas palavras:

Já tecnificado, industrializado, urbanizado e civilizado, a imagem desse rural vê o agricultor como jardineiro da natureza e como guardião do patrimônio natural e cultural a ser preservado. Já o rural periférico, tem baixos níveis de escolaridade, saúde, e cidadania incompleta. Decorre, portanto que não basta importar concepções de outras realidades para defender ou refutar teses sobre o desenvolvimento rural do Brasil. (MOREIRA, 2005, p. 24)

Isso mostra algumas diferenças entre esses espaços de países com realidades tão distintas. Além disso, o autor destaca que essa visão de nova ruralidade baseada na situação europeia onde predominam atividades não agrícolas no campo ligadas à preservação das amenidades e da cultura, gera uma visão que tende a diminuir a importância do agricultor diante desses novos atores que passam a fazer parte desse espaço, alterando as ações, os objetos e até mesmo o cotidiano rural.

A outra vertente destacada é a dos autores que abordam as ruralidades como uma coisa plural e subjetiva, entendendo que cada pessoa possui sua(s) ruralidade(s), principalmente aquelas que moram no campo. Nessa visão se dará ênfase à ruralidade como uma realidade empírica, construída pelos atores do lugar, sem deixar de lado a importante influência dos atores externos. Trabalham com a ideia de que não existe uma ruralidade única, sempre existiram ruralidades em indivíduos e grupos sociais e que elas tem sofrido mudanças ao longo do tempo, sendo cada dia mais influenciadas por valores e ações dos agentes urbanos.

Carneiro (1998) entende que as ruralidades são influenciadas por reestruturações constantes de elementos da cultura local, a partir da incorporação

de novos valores, hábitos e técnicas fruto da maior aproximação e estreitamento da relação cidade/campo. O meio rural não é mais visto como o ambiente oposto ao urbano. Além disso, o crescente interesse da atual sociedade urbana pela natureza dá mais valor à vida no campo e a produção de alimentos saudáveis. Mesmo dando destaque para as estratégias e decisões dos agricultores e dos atores do campo, Carneiro (1998) ainda destaca a importância da influência dos atores urbanos para a manutenção e para a produção de ruralidades.

Candiotto (2010) também aborda as influências vindas do urbano nas ruralidades, dizendo,

Entendendo que as ruralidades correspondem a ações, objetos e representações socialmente identificados como característicos do rural, e que as representações sociais em torno do rural estão imbricadas aos valores urbanos, podemos afirmar que os produtores de ruralidades não são somente os atores que trabalham e vivem no espaço rural. (CANDIOTTO, 2010, p. 116)

Devido à maior aproximação entre rural e urbano e do interesse cada dia maior da sociedade urbana no espaço rural como um novo lugar de investimento, seja ele para descanso, recreação ou mesmo turismo tem gerado novas ruralidades nos habitantes urbanos da mesma maneira que ruralidades antigas dos moradores do meio rural tem se transformado. Além disso, as relações políticas e econômicas entre campo e cidade também alteram as ruralidades. Há um intercâmbio entre ruralidades e urbanidades essa relação entre esses espaços se intensifica, e com isso os elementos de um se transpõem ou geram alterações no outro. Encontramos elementos de ruralidades em áreas urbanas, assim como elementos de urbanidades vão se incorporando nas áreas rurais. Essa maior aproximação leva elementos de um para o outro, e a relação fica cada vez mais próxima, gerando transformações tanto no campo quanto na cidade.

Ruralidades e urbanidades são racionalidades ou lógicas. Manifestam-se por meio de nossos atos, através das práticas sociais. Na esfera dos sujeitos, são conteúdos incorporados no curso da vida. Na esfera das instituições ou agentes coletivos, são ora incorporados, ora herdados. De qualquer modo, são representações provenientes de diferentes universos simbólicos, reproduzidos por cada indivíduo em seu convívio social. (BIAZZO, 2008, p.143)

Os elementos de ruralidades e urbanidades vão além de objetos técnicos, englobam também elementos subjetivos, que tem a ver com representações, identidade. Por exemplo, podemos encontrar no campo antenas parabólicas, cabos de internet, isso são materialidades vindas do urbano, aspectos ligados à infraestrutura e ao modo de vida urbano. Mas também são urbanidades alguns hábitos e valores que estão fazendo parte do rural atual, como o uso de tecnologias, sejam nas práticas agrícolas ou na vida cotidiana, as novas formas de lazer, a maior valorização da estética e da aparência, propagadas amplamente pela mídia, que chega ao campo principalmente pelos meios de comunicação, a televisão, e até mesmo pelo contato direto com os cidadãos proporcionado pelas novas práticas presentes no rural.

Alguns elementos são mais característicos de urbanidades e outros de ruralidades, mas como já foi dito isso pode ter uma conotação subjetiva. No entanto, o maior apego à terra, o vínculo mais forte com os animais e as plantas, uma identificação com as práticas agrícolas, são elementos mais presentes e fortes em habitantes do campo, sendo elementos de ruralidades, no rural. Os moradores da cidade também podem apresentar ruralidades. São elementos que os cidadãos identificam como ligados ao rural, que às vezes estão ligados às experiências passadas e outras vezes são influenciados pela mídia, valorizando o rural. A música sertaneja, a busca pelo campo como lugar de lazer, fazem parte dessas ruralidades no urbano.

No entanto Candiotto (2010, p.121) faz uma crítica mostrando que as ruralidades presentes no urbano estão ligadas a busca de um rural como paisagem como elemento de vida mais saudável, mas sem, no entanto envolver os inconvenientes tradicionais do campo, como o trabalho pesado, menos conforto, os animais perigosos, os insetos. As pessoas da cidade que buscam o campo querem todo o conforto que possuem na cidade, com o adicional da paisagem e maior contato com a natureza do rural idealizado por elas, propagado pela mídia e por políticas públicas que visam atrair novas atividades para o campo, vendendo uma nova visão do rural como espaço a ser consumido.

O que precisa ser destacado é que tanto a visão de uma nova ruralidade como uma tendência homogênea defendida por alguns autores como Wanderley, e

que como vimos está relacionada às ações e interesses de instituições que buscam novos mercados, quanto essa outra visão que defende a existência de diversas ruralidades heterogêneas manifestadas em indivíduos e grupos sociais diversos, que trabalham as ruralidades e urbanidades, têm em comum, o destaque do surgimento de novas atividades no campo, principalmente as não agrícolas tradicionais.

Como dito, o crescimento das atividades não agrícolas no campo aproxima cada vez mais o rural do urbano e as relações entre eles se estreitam. As transformações no rural ficam mais evidentes; esse espaço vai se modernizando, crescem o número de famílias que se envolvem nessas atividades tornando-se pluriativas, o que gera o aumento de urbanidades na população rural. Dentre as novas atividades não agrícolas que estão sendo desenvolvidas no rural, as ligadas ao turismo e ao lazer têm recebido muito destaque. A abertura das propriedades para receber turistas e partilhar particularidades da sua vida com os mesmos, faz crescer as ruralidades nesses visitantes (turistas), que vivem no urbano. Ao mesmo tempo em contrapartida amplia as urbanidades nesses habitantes rurais. (CANDIOTTO, 2010, p. 123).

Wanderley, (2000) vem mostrando o quão complexo e cheio de minúcias é a questão das mudanças do rural em virtude de sua modernização.

O processo de “modernização rural”, como foi visto, é extremamente complexo e não pode ser entendido simplesmente como o “fim da agricultura” ou o “fim do rural”. [...] As novas e múltiplas faces do rural não podem ser vistas como obra acabada. Está em curso uma nova visão do rural, que propõe uma nova concepção das atividades produtivas, especialmente daquelas ligadas à agropecuária, e uma igualmente nova percepção do “rural” como patrimônio a ser usufruído e a ser preservado. (WANDERLEY, 2000, p.134)

Este processo de modernização do campo passa por vários momentos, desde que se deflagra com mais intensidade a partir da revolução industrial inglesa no século XVIII. No Brasil, essas inserções do campo no circuito econômico urbano-industrial se dão de forma bastante diferenciada no território, demarcando características regionais e intra-regionais desta inserção.

Durante os séculos XIX e XX com a opção brasileira por se inserir nos circuitos internacionais do agronegócio com a modalidade monocultora extensiva foi

dificultando cada vez mais a permanência no campo de lavradores que não produzem para o grande mercado, gerando sucessivas crises que podem ser percebidas pelas várias lutas camponesas que ocorreram no processo de privatização de terras, com Lei de Terras de 1850 e chegando a meados do século XX com dezenas de embates entre camponeses e latifundiários, entre elas podemos citar as Ligas Camponesas no nordeste, formada nos anos 1950 no embate com usineiros da cana-de-açúcar.

É nesse cenário que nos anos da década de 1970, após o golpe militar, vários projetos voltados para a inserção do meio rural nos circuitos produtivos industriais são acentuados. Nas décadas que se sucedem passa-se a ter uma maior preocupação com as questões ambientais, sobretudo em decorrência dos problemas que surgiram em virtude da modernização agrícola.

As inserções do capitalismo no campo vêm gerando modificações não só no espaço rural, mas na sua dinâmica como um todo. A agricultura, em grande medida passou a ser subordinada à indústria, e com isso começou a se modernizar. Introduziu-se a mecanização no setor agrícola, fazendo com que possamos encontrar no campo hoje, características que até pouco tempo atrás eram exclusivas das cidades, como alta densidade tecnológica.

É a partir do desenvolvimento do capitalismo na agricultura concomitante à interiorização das indústrias e à modernização da sociedade urbana e rural que a teoria da urbanização passa a ser formulada, colocando a ênfase na integração dos dois espaços através das trocas cada vez mais intensas entre a sociedade urbano-industrial e as pequenas aldeias rurais. Auxiliado pelo êxodo rural de grande parte da população jovem, atraída pela oferta de trabalho nas indústrias em expansão e pelos valores urbanos, esse processo de urbanização do campo se realizaria através da difusão de técnicas e de hábitos de origem urbana que resultaria na perda de distinção entre a cidade e a aldeia. (CARNEIRO,1998, p. 57)

Outra autora, Wanderley (2001) defende a ideia do contínuo, que o rural e o urbano ao se aproximarem não se extinguem, eles se assemelham e se interrelacionam. Mostra ainda que existem duas vertentes em que esse *continuum* rural-urbano é analisado. A primeira delas é a que valoriza o polo urbano, onde este

tende a se estender e predominar sobre o rural, como se a tendência fosse a diminuição do rural em detrimento do urbano, mais moderno. Esse debate, diz ela:

[..]corresponde a uma visão “urbano-centrada” (Rimbaud,1973), que privilegia o polo urbano do continuum como a fonte do progresso e dos valores dominantes que se impõem ao conjunto da sociedade. O extremo rural do continuum, visto como o polo atrasado, tenderia a reduzir-se sob a influência avassaladora do polo urbano, desenvolvido, num movimento que Elena Sarraceno comparou ao de “vasos comunicantes, em que, quase por definição, um só –o urbano– se “enchia”, enquanto o outro –o rural– só podia, conseqüentemente, e s v a z i a r- se” (1996). Levada às últimas conseqüências, esta vertente das teorias da urbanização do campo e do continuum rural-urbano apontam para um processo de homogeneização espacial e social, que se traduziria por uma crescente perda de nitidez das fronteiras entre os dois espaços sociais e, sobretudo, o fim da própria realidade rural, espacial e socialmente distinta da realidade urbana. (WANDERLEY, 2001. pp. 32-33)

Para Wanderley (2001), o fato de a cidade estar se difundindo para o campo não é um processo que parte do meio urbano, e sim uma demanda dos próprios moradores do meio rural, que na articulação com os moradores do meio urbano realizam essas transformações.

Por outro lado, a mobilidade espacial em suas formas modernas “modifica as relações entre o espaço e a vida social”. Trata-se, portanto, de um “novo modo de espacialização do social”, entendida como uma “rede alveolar metamorfoseada”, capaz de articular a mobilidade e a sedentariedade e de transformar simultaneamente a cidade e o campo. Assim, “o mito fundador da sociedade sedentária, na qual cidade e campo se opõem num processo de ruptura”, é questionado e substituído por “um mito ‘andrógino’ no qual as características do campo e da cidade se misturam, ao mesmo tempo que permite a afirmação identitária”. Nesta perspectiva, as transformações que ocorrem no meio rural não são percebidas como o efeito de difusão da cidade sobre o campo, mas, sobretudo, como o resultado de iniciativas dos próprios “rurais”, cidadãos plenos, em articulação com os habitantes das cidades. (WANDERLEY, 2000, p.133)

A autora afirma que as maiores diferenças entre campo-cidade vão se afirmar no plano das identificações e das reivindicações da vida cotidiana, isso vai reforçar a existência do rural como um espaço diferenciado do urbano.

A afirmação da permanência do rural, enquanto espaço integrado, porém específico e diferenciado, é reforçada quando se leva em conta as representações sociais a respeito do meio rural. Considero particularmente fértil, nesta reflexão, a ideia de que, mesmo quando se atinge uma certa

homogeneidade, no que se refere aos modos de vida e à chamada “paridade social”, as representações sociais dos espaços rurais e urbanos reiteram diferenças significativas, que têm repercussão direta sobre as identidades sociais, os direitos e as posições sociais de indivíduos e grupos, tanto no campo quanto na cidade. O que parece mais importante a registrar é que estas diferenças se dão não mais ao nível do acesso aos bens materiais e sociais, que seriam, então, de uma certa forma, similarmente distribuídos entre os habitantes do campo ou da cidade, nem mesmo no que se refere ao modo de vida de uns e de outros. As diferenças vão se manifestar no plano das “identificações e das reivindicações na vida cotidiana”, de forma que o “rural” se torna um “ator coletivo”, constituído a partir de uma referência espacial e “inserido num campo ampliado de trocas sociais”. (WANDERLEY, 2001, p. 33)

Já Carneiro (1998) vai expor a visão de autores que se contrapõem tanto na questão da dualidade de espaço urbano e espaço rural, quanto à visão do contínuo. São autores que analisam a questão através da inserção do campo na dinâmica global, tentando analisar como esse processo pode acentuar o sentimento de pertencimento, ajudando na manutenção da identidade camponesa. Segundo a autora,

Nesta visão, esse processo, ao invés de diluir as diferenças, pode propiciar o reforço de identidades apoiadas no pertencimento a uma localidade. Essa âncora territorial seria a base sobre a qual a cultura realizaria a interação entre o rural e o urbano de um modo determinado, ou seja, mantendo uma lógica própria que lhe garantiria a manutenção de uma identidade (Chamborredon, 1980 e Rambaud, 1969 e 1981). (CARNEIRO, 1998, p58)

Nesse sentido, os autores querem dizer que as mudanças ocorridas no rural em decorrência de sua maior aproximação com o urbano, sejam essas mudanças em âmbito pessoal, simbólico, material ou em qualquer outra instância, não irá acarretar na descaracterização do rural. Essas mudanças irão ocorrer de maneira diferente em cada grupo, ou em cada ator que habita esse espaço, o que não leva a uma quebra dos padrões e elementos culturais característicos do rural. O contato com os citadinos, e a diversidade, pode até reforçar e assegurar a identidade, frente ao outro.

Ela ainda observa a dificuldade de falar em ruralidade e da necessidade de associar a esse fator a questão da transformação. E diz que o que vemos é a homogeneização de estilos de vida, mas que essa homogeneização não está ligada a uma única forma de vida, mas assim como no urbano a expansão de diversidades de formas de viver.

Difícil de se atribuir à ruralidade uma definição uniforme, a noção hoje nos remete ao antigo debate sobre a transformação, e a decorrente extinção, da tradição cultural fundada na prática agrícola de um tipo de produtor específico - o agricultor familiar ou o camponês. Tradição esta que, segundo alguns autores, estaria sendo destruída pelo desenvolvimento capitalista, dando lugar a padrões culturais urbanos que tenderiam a predominar em espaços até então definidos como "rurais", acarretando uma homogeneização do estilo de vida e dos valores urbanos em toda a extensão territorial sob a interferência da sociedade urbano-industrial. Por homogeneização não se entende a uniformização dos padrões de vida, mas a reprodução das heterogeneidades das cidades no campo (CARNEIRO, 1998, p.72)

Alentejano (2000) vem destacando que algumas formas de pensar o rural e seu novo momento não acrescentam e só nos fazem pensar em duas possibilidades: ou que o campo está desaparecendo frente o desenvolvimento do urbano, ou então que não fazem sentido essas duas categorias de análise, rural e urbano. Então ele propõe a seguinte opção:

Uma terceira opção - que buscaremos seguir - é a de considerar que ainda há lugar para o rural como elemento de descrição e explicação da realidade, mas seu significado atual mudou. Consideramos fundamental demonstrar que, apesar das inegáveis transformações sociais, econômicas, culturais e espaciais resultantes do desenvolvimento do fenômeno urbano, o rural não deixou nem deixará de existir, apenas teve e está tendo seu significado alterado. Assim, não se trata de ver o rural como sinônimo de atraso, de agrícola, de natural, enfim de vê-lo como o oposto de uma visão estereotipada do urbano que o coloca como o lócus por excelência do progresso, da modernização, da indústria e da técnica. Tais visões estereotipadas, típicas de interpretações dualistas e dicotômicas, precisam efetivamente ser superadas, mas não às custas da negação de um dos polos,[..].(ALENTEJANO, 2000 p. 102)

O Autor coloca que muitas pessoas não viam utilidade nas análises voltadas para rural-urbano, baseada várias vezes no uso dicotômico que esse par pode ter assumido, mas não podemos descartar sua importância como par conceitual, e devemos saber utilizá-lo de forma adequada à realidade atual.

A primeira coisa a se fazer é desmistificar as associações tradicionalmente feitas entre o rural como o espaço do atraso, agrícola, frente ao urbano moderno e industrial. Segundo ele esta tarefa já foi realizada com sucesso por antropólogos,

sociólogos, geógrafos e economistas. Esses estudiosos conseguiram expor que em alguns locais a modernização do campo, no que diz respeito à difusão de tecnologias e na divisão do trabalho, foi até mais eficiente do que em certas regiões urbanas, que ainda mantêm técnicas de produção e relações de trabalho obsoletas; quanto à relação de artificialidade e de aproximação com a natureza, hoje o campo conta cada dia mais com espaços artificializados e com a ajuda de técnicas que possibilitam controlar fatores que até então dependiam inteiramente da natureza. Em contrapartida, o meio urbano cada dia mais busca uma aproximação com a natureza visando sua preservação, as cidades hoje estão mais preocupadas em produzir espaços menos artificializados. Outro fator que segundo ele não nos permite fazer essas antigas associações diz respeito ao fato de a indústria não ter sido um fenômeno tipicamente urbano.

Alentejano (2000) destaca que as primeiras manufaturas se encontravam nas áreas rurais. E que elas só passaram a se instalar no meio urbano em um determinado momento devido às condições econômicas, sociais e tecnológicas de seu desenvolvimento. Sabemos que o padrão industrial era baseado na concentração e na existência de grandes indústrias, no entanto nos últimos tempos vemos mudanças nisso, busca-se cada vez mais a redução das plantas industriais e a desconcentração espacial visando melhores incentivos e possibilidades de lucro.

O mesmo autor também vai colocando uma série de pontos que podem ser questionados, como o fato do isolamento, visão provinciana de mundo e relações interpessoais restritas que eram atribuídas até então ao rural. Sabemos que hoje isso não é bem assim, uma vez que os meios de comunicação integram as áreas rurais com a mesma dinâmica informacional e cultural do meio urbano. Alentejano chega a uma conclusão muito importante, que esses estereótipos não fazem mais sentido e o rural não está se transformando em urbano, mas sim estão surgindo novos rurais e novos urbanos em decorrência dos choques entre essas duas realidades:

O que todas estas observações nos permitem afirmar é que os tradicionais estereótipos que definiriam campo e cidade, rural e urbano, não são pertinentes e isto não se deve a uma unificação da realidade que moldaria tudo à imagem e semelhança das características atribuídas às cidades. Não se trata da eliminação pura e simples do rural e sua transmutação em

urbano, mas de um fenômeno mais complexo, onde um novo urbano e um novo rural surgem do choque entre ambos. Na realidade, a diversidade de formas de organização social que proliferam, tanto no campo como na cidade, poderia nos levar a sucumbir à tentação de dizer que não existe um urbano e um rural, mas vários urbanos e rurais. (ALENTEJANO, 2000 p. 104)

Com essa citação esclarecemos a discussão quanto à questão de que estamos vivendo o fim do rural. O presente trabalho assim como esse autor entende que estamos presenciando espaços rurais e urbanos plurais, pois o contato mais próximo de ambos faz com que as mudanças aconteçam tanto em um quanto no outro, e não há um único formato de rural, nem de urbano, pois vivemos em um país de proporção continental que abarca realidades muito diferentes em seu território.

Concordamos, assim como Alentejano, que o que pode caracterizar as expressões rural e urbano com mais clareza é a diferente relação desenvolvida e a forma de lidar com a terra nesses dois espaços. No meio rural, esta relação ultrapassa o âmbito econômico e se estende ao afetivo, social e territorial. Segundo o mesmo é preciso questionar o sentido das expressões rural e urbano, qual a natureza do rural senão a que considera as relações dos atores sociais com a terra. Em suas palavras,

Temos então uma nova dicotomia, dirão alguns, mas não se trata disto. Não se está dizendo aqui que há uma forma específica de relação com a terra que caracteriza o rural em oposição ao urbano, mas sim que, enquanto a dinâmica urbana praticamente independe de relações com a terra, tanto do ponto de vista econômico, como social e espacial, o rural está diretamente associado à terra, embora as formas como estas relações se dão sejam diversas e complexas. As relações econômicas passam pela importância maior ou menor que a terra tem como elemento de produção, reprodução ou valorização. As relações sociais incluem as dimensões simbólica, afetiva, cultural, bem como os processos de herança e sucessão. As relações espaciais estão vinculadas aos arranjos espaciais de ocupação da terra, distribuição da infraestrutura e das moradias. [...] Assim, independente das atividades desenvolvidas, sejam elas industriais, agrícolas, artesanais ou de serviços, das relações de trabalho existentes, sejam assalariadas, pré-capitalistas ou familiares e do maior ou menor desenvolvimento tecnológico, temos a terra como elemento que perpassa e dá unidade a todas estas relações, muito diferente do que acontece nas cidades, onde a importância econômica, social e espacial desta é muito mais reduzida. (ALENTEJANO, p.104, 2000)

Como já vimos o meio rural vem passando por mudanças. Esse espaço que antes servia como base às atividades agrícolas e agropecuárias, visto como

fornecedor de matéria prima para a indústria, e classificado como atrasado em oposição ao ambiente urbano, não reflete mais essa realidade. No contexto atual da modernização imposta pela globalização, as modificações pelas quais esse espaço passa tem inserido as famílias do meio rural no circuito do consumo urbano.

O fato de os padrões de consumo urbano e rural se aproximarem, como já dissemos antes, não extingue ou faz com que as diferenças entre esses espaços deixem de existir. A identidade dos moradores de ambos os espaços não se torna homogênea. Vimos como os hábitos de consumo tem se aproximado, porém esse é apenas um dos fatores que fazem parte da dinâmica do novo espaço rural que vivenciamos hoje. Muitos outros aspectos têm sido levantados pelos autores, discorreremos brevemente sobre alguns deles.

Wanderley (2000) observa o fato de o espaço rural está se tornando atrativo a um novo público. E destaca a importância que tem a questão de atrair novas atividades e novos atores, levantando como isso poderá modificar a dinâmica desses lugares.

Nas sociedades modernas, o desenvolvimento dos espaços rurais dependerá, não apenas do dinamismo do setor agrícola, porém, cada vez mais, da sua capacidade de atrair outras atividades econômicas e outros interesses sociais e de realizar uma profunda “ressignificação” de suas próprias funções sociais. (WANDERLEY, 2000, pp. 96-97.)

Ela coloca até uma nova tendência que tem despontado no meio rural dos países desenvolvidos, que estão passando por um renascimento do espaço rural, pois com a maior proximidade, com a facilidade dos meios de transporte e comunicação e da crise da vida urbana, o campo tem até ganhado mais população.

O campo tem atraído tanto os jovens que decidem permanecer em seu lugar de origem quanto os idosos, que vem de reencontro com suas antigas origens após a aposentadoria e isso traz novo movimento para o meio rural. Porém esse mesmo fator que gera uma nova dinâmica também pode gerar conflito, pois os antigos moradores, os locais, às vezes não gostam da presença dos de fora, e não veem com bons olhos outros usos sendo feitos do espaço rural.

No espaço diversificado, em que se tornou o meio rural, em cuja paisagem convivem indústrias, serviços, vias de comunicação e distintos tipos de residências ao lado dos estabelecimentos agropecuários, a presença destes diversos grupos sociais pode ser fator de dinamismo ou fonte de conflito. (WANDERLEY, 2000, p.98)

A presença de novos atores e o fato de o campo está atraindo novos habitantes são fatores que mostram a revitalização do espaço rural. Mas sabemos que esta tendência dos países desenvolvidos não se aplica para toda a extensão do rural brasileiro. Outro fato que contribui para a revitalização desses espaços é a questão de hoje a natureza ter outro valor que não é só econômico. A população cada vez mais tem visto a natureza com outros olhos, entendendo a mesma como elemento fundamental para o futuro. Essa nova forma de ver a natureza tem sido muito forte, sobretudo entre os habitantes do meio urbano.

O meio rural passa a ser visto como um espaço a ser preservado para as gerações futuras, como se este tivesse o papel de guardião da natureza. Novos padrões vão sendo desenvolvidos, a questão ambiental entra em voga, se contrapondo a ampliação da industrialização e de seus efeitos no meio ambiente, o valor da natureza, passa a ser redimensionado. Começa-se a valorizar a natureza e seus elementos, como ar puro, paisagens conservadas, num movimento contrário ao produtivismo.

Wanderley (2001) fala de outro movimento que tem acontecido no campo, a pluriatividade, e destaca a importância das famílias agrícolas mostrando que este fenômeno pode muitas vezes se constituir em uma estratégia adotada por essas famílias para se manterem no campo e conservarem seu patrimônio.

[..]pluriatividade tem origem nas famílias agrícolas. A pluriatividade, neste sentido, não constitui, necessariamente, um processo de abandono da agricultura e do meio rural. Frequentemente –e diria mesmo, cada vez mais– a pluriatividade expressa uma estratégia familiar adotada, quando as condições o permitem, para garantir a permanência no meio rural e os vínculos mais estreitos com o patrimônio familiar. Estas famílias, pluriativas ou não, são depositárias de uma cultura, cuja reprodução é necessária para a dinamização técnico-econômica, ambiental e sociocultural do meio rural. Da mesma forma, o “lugar” da família, isto é, o patrimônio fundiário familiar constitui um elemento de referência e de convergência, mesmo quando a família é pluriativa e seus membros vivem em locais diferentes. Daí, a importância do patrimônio fundiário familiar e das estratégias para constituí-lo e reproduzi-lo, sobretudo em um processo que valorize a identidade territorial. (WANDERLEY, 2001, p.37)

Ferreira (2002) também coloca a pluriatividade como uma das estratégias usadas pelos agricultores para se manter no meio rural e para dinamizar esse espaço. A pluriatividade, o associativismo, agroindustrialização, são estratégias utilizadas para se manter no espaço rural reforçando sua identidade.

Um rural onde os agricultores vêm pondo em prática estratégias de diversificação de seus estabelecimentos, de pluriatividade, de associativismo, de agroindustrialização em pequena escala, enfim, estratégias de valorização das oportunidades que o espaço local e a região oferecem para viabilizar sua reprodução tanto como agricultores quanto como rurais.(FERREIRA, 2002, p.39)

Carneiro (1999) é mais uma autora que destaca a pluriatividade com um dos fenômenos que nos ajudam a entender o rural hoje. Pois como sabemos e já dito o meio rural não compreende apenas atividades agrícolas e é cada vez maior o número de pessoas que moram no campo e que estão se ocupando de outras atividades que não sejam apenas as ligadas a agricultura.

Continuando nessa perspectiva, Wanderley (2001) ainda destaca como novidades no rural brasileiro, a questão de novas atividades, ligadas a um novo modo de vida, a utilização desse espaço relacionado a atividades de lazer que aproximam da natureza além da utilização desse espaço como segunda residência.

Além da expansão destas atividades, estudos mais recentes sobre o meio rural brasileiro apontam para o crescimento de atividades não agrícolas, sobretudo na área de serviços, nos moldes do que vem ocorrendo nos países avançados da Europa e da América do Norte. Neste sentido, o meio rural não seria apenas o lugar da produção agrícola, mas também um espaço diferenciado, capaz de oferecer à população urbana, padrões de residência específicos e formas de lazer ligadas ao contato com a natureza. Esta tendência é, evidentemente, mais forte nas regiões mais urbanizadas do País, particularmente no Sudeste e no Sul. (WANDERLEY, 2001, p. 38)

O sucesso das novas atividades do meio rural está ligado ao urbano, do acesso que existe desse urbano até as áreas rurais, a necessidade de ampliação das formas de lazer dos moradores das cidades, associados às condições de

conforto e qualidade dos serviços que o rural pode oferecer as pessoas que buscam nesse espaço realizar práticas de turismo e lazer.

Para Maria José Carneiro (1998) esse aspecto é muito importante e abre a perspectiva para entender a nova realidade no campo brasileiro hoje. O fato de esse espaço ganhar cada vez mais destaque como lugar de opção de lazer e até mesmo de forma alternativa de vida, traz novo dinamismo ao meio rural.

[..] à procura crescente de formas de lazer e até mesmo de meios alternativos de vida no campo, por pessoas vindas da cidade. Esse movimento, que se inicia de forma tímida no Brasil na década de 70, expande-se e encontra a sua legitimidade na divulgação do pensamento ecológico nos anos 90. Entre os seus efeitos destacam-se a ampliação das possibilidades de trabalho para a população rural, até então dedicada quase exclusivamente à agricultura, e a maior aproximação e integração de sistemas culturais distintos. Novos valores sustentam a procura da proximidade com a natureza e com a vida no campo... O contato com a natureza é, então, realçado por um sistema de valores alternativos, neo-ruralista e antiprodutivista. O ar puro, a simplicidade da vida e a natureza são vistos como elementos "purificadores" do corpo e do espírito poluídos pela sociedade industrial. O campo passa a ser reconhecido como espaço de lazer ou mesmo como opção de residência.

Essa busca da natureza e o desejo dos cidadãos em transformá-la em mais um bem de consumo toma a forma de turismo, alternado o ritmo de vida local. Pequenas pousadas são construídas e tendem a substituir, em grau de interesse e em rendimento, a unidade de produção agrícola que nela funcionava. A agricultura, nesses casos, passa a ser um complemento, muitas vezes voltada para a manutenção da família e dos hóspedes, e um bem de consumo ao garantir o clima "rural" almejado pelos turistas. (CARNEIRO, 1998, p. 56)

Há a incorporação dessas novas atividades que passam a ser realizadas no campo, que abarca atividades dos setores secundário, terciário, muitas vezes ligadas ao lazer, turismo, e a preservação das amenidades do campo, ou seja, a preservação da natureza, como já dito. Isso faz com que o campo não mais pode ser analisado na perspectiva setorial, mais sim intersetorial. "As áreas rurais passam e ser vistas tanto como áreas de produção como também de consumo" (PIRES, 2004, p.155).

É no âmbito desse debate que perpassa a incorporação das novas atividades, principalmente aquelas ligadas ao lazer e ao turismo que agora vamos abordar o Agroturismo, uma nova possibilidade econômica que vai se consolidando no rural, e

que tem se destacado no município de Venda Nova do Imigrante, nosso objeto de estudo.

4- O AGROTURISMO E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE-ES.

O campo tem se destacado por várias características valorizadas atualmente, como o seu importante papel em preservar as amenidades existentes no espaço rural; em conservar uma relação mais próxima com a terra e com a natureza; manter costumes e tradições e um modo de vida. Todos esses fatores representam potencial de ganhos econômicos, tem atraído novos visitantes e motiva a atração e diversificação de atividades para essas áreas.

O turismo é uma dessas atividades econômicas que tem sobressaído nesse espaço. Nesse sentido, essa pesquisa visa abordar uma forma específica de turismo no espaço rural, o Agroturismo, observando e analisando como esse se realiza no município de Venda Nova do Imigrante e as transformações sociais, econômicas e culturais que tem gerado.

Entender como essas atividades econômicas, no caso o Agroturismo, tem modificado e colaborado para as transformações não só no espaço rural, mas também o rebatimento desse fenômeno na área urbana do município, são importantes questões a entender. Para tanto, vamos analisar as mudanças que vem ocorrendo e que tem chamado a atenção nos últimos anos nas propriedades e no cotidiano que envolvem os proprietários associadas ao desenvolvimento do Agroturismo.

Essa, que é a parte mais importante desse trabalho de pesquisa, está dividida em quatro itens: o primeiro visa descrever a fisiografia (os atrativos naturais) e as características sociais/populacionais de Venda Nova do Imigrante, uma vez que as ditas amenidades representam interesses para os visitantes e praticantes do Agroturismo. O segundo, terceiro e quarto itens, tem o propósito de apontar, analisar

e discutir as transformações que vêm surgindo, percebidas há algum tempo e constatadas nas nossas pesquisas empíricas.

4.1. – VENDA NOVA DO IMIGRANTE-ES: PAISAGENS E CARACTERÍSTICAS FÍSICAS E SOCIAIS COMO ATRATIVOS DO AGROTURISMO

Venda Nova do Imigrante é conhecida como Capital Nacional do Agroturismo, título que ostenta com muito orgulho, inclusive com a instalação de uma placa na entrada da cidade, acentuando esse valor. A atividade comemora, neste ano de 2013, vinte anos de consolidação no município. Mas quais serão os fatores, os elementos, os predicados, os quais contribuem para que a atividade tenha se desenvolvido e ganho tanto destaque nesse município?



Figura 1 - O título explora o marketing que o município recebeu.
Fonte: Acervo pessoal (2012).

A cidade de Venda Nova do Imigrante fica localizada a 103 km da capital, Vitória. Pode ser alcançada tanto pela BR-262 (o caminho mais direto), quanto pela BR-101, passando pelos municípios de Cachoeiro de Itapemirim e Castelo. Como já dissemos, está localizada na Região Sudoeste Serrana do Espírito Santo, juntamente com os municípios de Afonso Cláudio, Brejetuba, Conceição do Castelo,

Domingos Martins, Laranja da Terra e Marechal Floriano. Essa região conta com uma população total de 132.069 habitantes dos quais 20.447 são de Venda Nova do Imigrante.



Figura 2 - Panorama da cidade de Venda Nova do Imigrante, cortada pela BR 262.
Fonte: Câmara municipal de Venda Nova do Imigrante (2013).

O município de Venda Nova do Imigrante possui uma área territorial de 188 Km²; sua densidade demográfica é de 108,93 habitantes por km². Seus municípios limítrofes são: a nordeste, leste e sudeste com Domingos Martins, a norte com Afonso Cláudio, a sudoeste, oeste e nordeste com Conceição do Castelo e ao sul com Castelo (como pode ser visto no mapa 1, figura 3).

Segundo dados do IBGE, A Região Sudoeste Serrana do Espírito Santo, possuía em 2010, mais homens que mulheres, os primeiros representavam 50,77% da população, e as mulheres 49,23%. Da população residente por cor ou raça, a maior parte da população 60,65% se declarou branca. O que pode ser explicado por grande parte desses municípios terem tido colonização italiana ou alemã, gerando uma população que, ainda em grande parte, é descendente desses imigrantes, conservando características herdadas, seja na tradição das atividades agrícolas, que predominam nesses municípios, nos hábitos e costumes, o que é um diferencial da região e um grande atrativo para o turismo. A maior parte da população dessa região ainda é rural representando 55,58% do total, sendo os 44,42% restantes urbana. O

que mais uma vez favorece a prática do Agroturismo que privilegia o rural e seus habitantes.

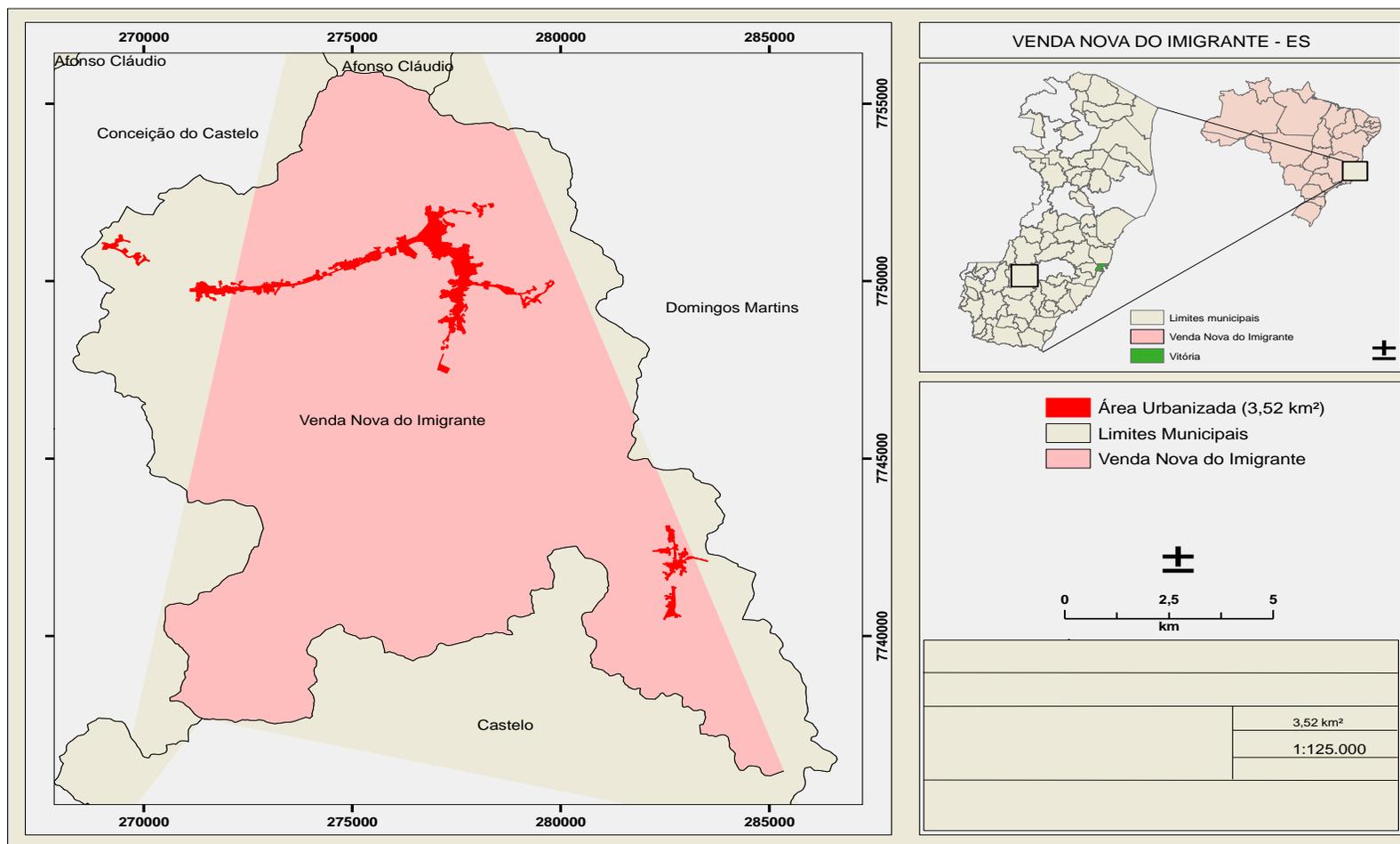


Figura 3 - Mapa 1 - Área urbanizada de Venda Nova do Imigrante, ES.

Podemos elencar alguns elementos que contribuem para o sucesso do Agroturismo em Venda Nova do Imigrante, como sua localização na Região Sudoeste Serrana do estado do Espírito Santo, possuindo um clima agradável, com temperaturas amenas, chamado popularmente de “clima das montanhas”. Suas belezas naturais, com áreas ainda bem preservadas, uma vez que o município tem relevo bastante acidentado com muitos morros. O que por si só também é um atrativo, pois a paisagem se difere bastante da área do litoral, com suas áreas planas e clima mais quente, outra forte região turística do Estado do Espírito Santo. Aliás, apesar de se diferenciar da área do litoral, região turística que mais atrai público no estado, o município está próximo à capital, Vitória, e ligado a ela por uma importante via, a BR 262. O fato de ser cortado por uma rodovia federal que liga o Espírito Santo à Minas Gerais, também representa enorme e constante movimento, com grande fluxo de pessoas e mercadorias de diversas origens e com vários destinos que passam por ali diariamente.



Figura 4 - A paisagem do município evidenciando seu relevo montanhoso.
Fonte: Acervo pessoal (2012)

Outro elemento que é muito importante que deve ser ressaltado é a descendência italiana da maior parte da população, esse traço cultural deixado pelos antepassados é fundamental para o Agroturismo local. As particularidades desse povo e as suas heranças, como as tradições, as danças, as músicas, os jogos, as

comidas típicas, os instrumentos de trabalho, a receptividade, entre outros traços típicos, representam um grande diferencial dessa população e um atrativo a mais do município.

Como já dito anteriormente, a localização de Venda Nova do Imigrante, faz com que este seja um município privilegiado para a prática do Agroturismo, pois suas paisagens naturais, suas amenidades, sua proximidade com a capital e boas estradas de acesso, atraem e facilitam a chegada dos turistas.

O município de Venda Nova do Imigrante, como vimos, está localizado na microrregião Sudoeste Serrana do Estado do Espírito Santo. De acordo com o mapa de unidades naturais do Estado a maior parte do município é composta de terras frias, acidentadas e chuvosas, como podemos ver na representação seguinte.

ZONAS NATURAIS DO MUNICÍPIO DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE

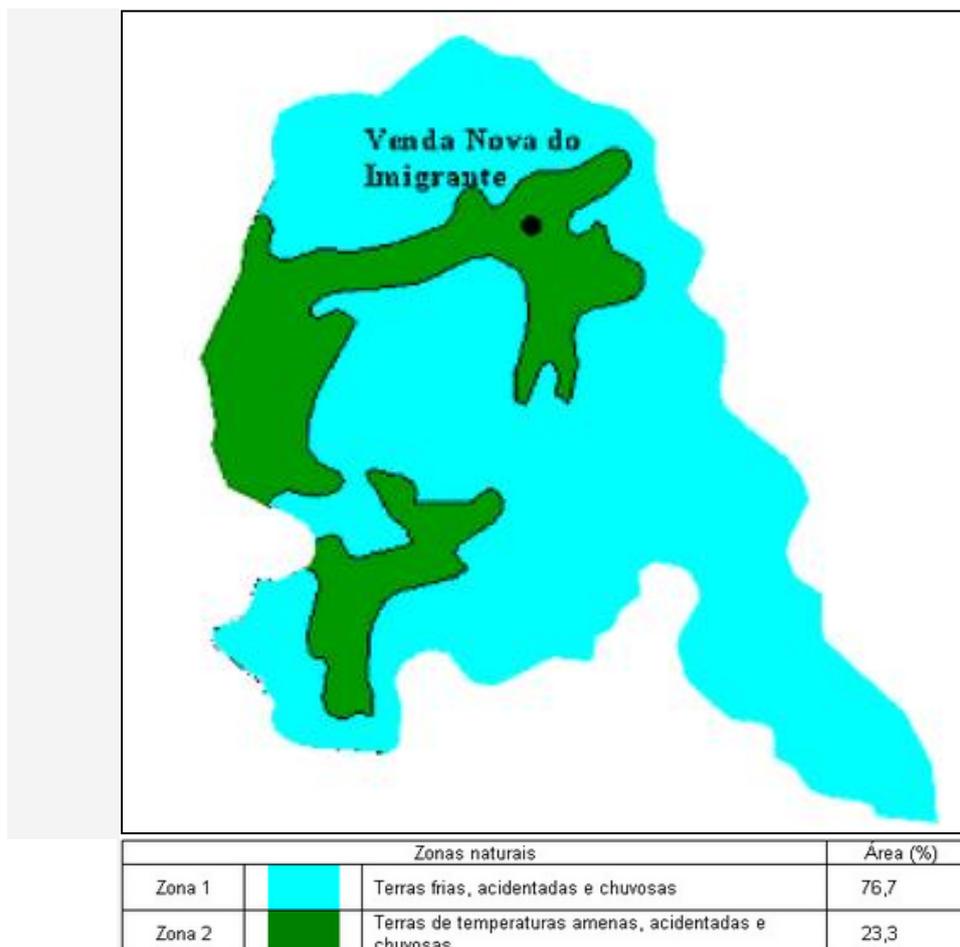


Figura 5 - Mapa unidades Naturais de Venda Nova do Imigrante.
Fonte: (FEITOZA *et. al*, 1999)

O clima do município pode ser dividido em dois períodos. Um chuvoso, entre os meses de outubro a abril, e um período menos chuvoso entre os meses de maio a setembro. “O clima é mesotérmico de inverno seco com temperatura média em torno de 18,5 °C sendo a média das máximas em torno de 24,5 °C e a média das mínimas de 12,3 °C. A umidade relativa do ar é em torno de 85%.” (Incaper, 2011, p. 8)

Esses dados são reforçados pelos gráficos fornecidos pelo INCAPER, Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (figuras 6 e 7), que nos mostram o comportamento das variáveis temperatura e precipitação no município, através das médias mensais durante o período de 1976 a 2011. Mostrando mais uma vez que a região possui temperaturas amenas e um período úmido que vai de outubro a abril. Características climáticas bem diferentes dos municípios da Região Metropolitana da Grande Vitória, que geralmente são caracterizados por terras quentes, com períodos chuvosos mais curtos de outubro a dezembro e com temperaturas mínimas e máximas mais altas. O contraste climático é um diferencial da região e, sobretudo, do município que é famoso pelo clima agradável.

MÉDIA MENSAL DA TEMPERATURA MÁXIMA E MÍNIMA NO PERÍODO DE 1976 A 2011

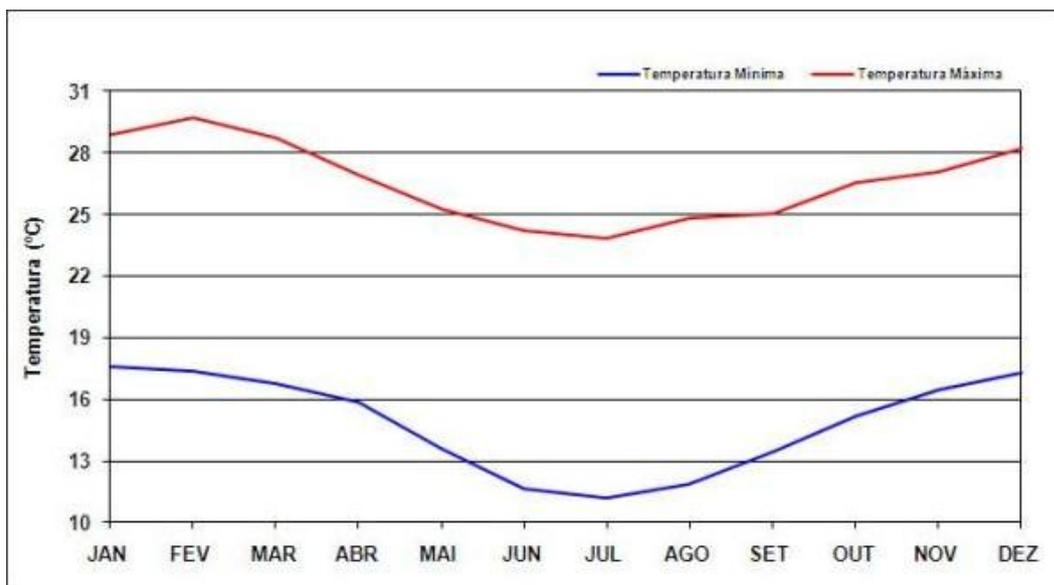


Figura 6 - Gráfico da Média Mensal da Temperatura Máxima no período de 1976 a 2011
Fonte:INCAPER.(2013)

MÉDIA MENSAL DA PRECIPITAÇÃO E DE DIAS CHUVOSOS NO PERÍODO DE 1976 A 2011

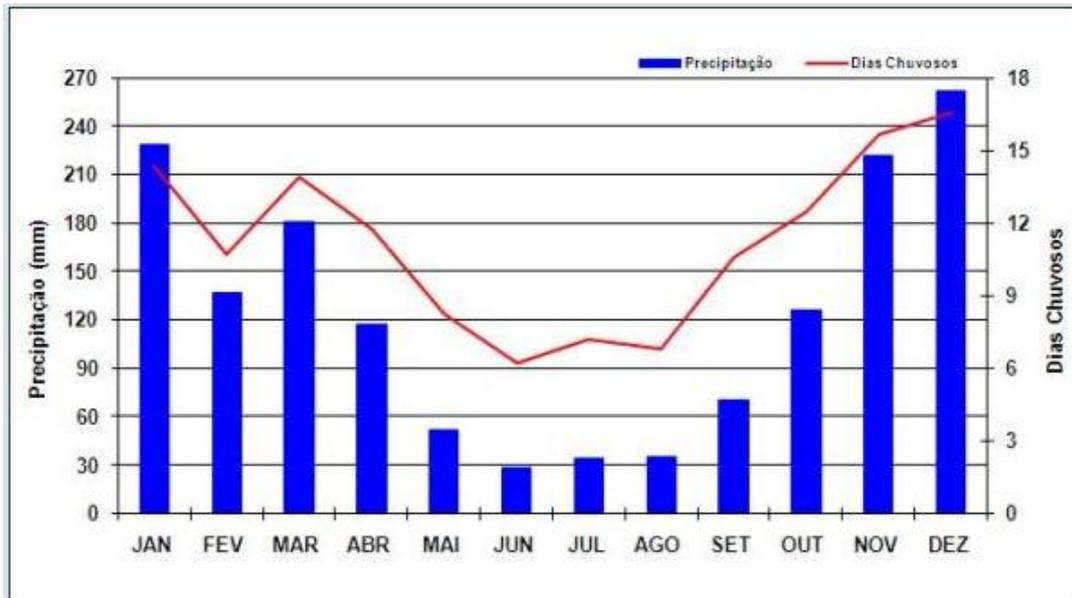


Figura 7 - Gráfico da Média Mensal da Precipitação e de Dias Chuvosos no Período de 1976 a 2011. Fonte: INCAPER (2013).

Venda Nova do Imigrante tem relevo bastante íngreme, mais de metade da área do município tem declividade acima de 30%. Sua sede está a 730 metros de altitude. (INCAPER, 2011, p.8)

Por possuir esse relevo íngreme, o cuidado nas práticas de uso e conservação do solo devem ser redobrados, para evitar que as atividades agrícolas e agropecuárias nesse município não cause erosão. É importante que elas sejam realizadas de maneira correta, para que áreas estratégicas não sejam desmatadas a fim de também protegerem o solo. Dessa forma, os recursos hídricos também são preservados, pois toda essa massa de solo que em virtude da erosão iria parar nos rios, permanece em seu devido lugar. Portanto, práticas agrícolas e agropecuárias nessa área devem ser realizadas com mais cautela, de maneira a minimizar os impactos que podem gerar.

Exatamente por seu relevo acidentado, no passado, o acesso a essa região era difícil, isso colaborou para que a vegetação fosse mais preservada, a vegetação nativa foi mantida em maior quantidade do que em outras áreas. E, hoje, essas belezas naturais são atrativos de Venda Nova do Imigrante e da Região Sudoeste

Serrana, as quais têm sido, cada vez mais, exploradas via Agroturismo e pelo denominado turismo de aventura⁴.

A bacia que compõe a hidrografia do município é a do Itapemirim, sendo a rede hidrográfica formada principalmente pelos rios: Castelo, São João de Viçosa e Caxixe, com pequenos afluentes distribuídos por todo o município. (IJSN perfil dados gerais, p.581).

Segundo dados do Incaper (2011), a precipitação média anual nos últimos 10 anos no município foi de 1.460 mm. Como já vimos também, por Venda Nova do Imigrante ter ainda áreas preservadas de vegetação nativa, e apresentar várias nascentes, é um município importante por estar na cabeceira, já que sua rede hidrográfica é uma das contribuintes da Bacia do Rio Itapemirim.

Os rios que cortam o município compõem as paisagens e contribuem para tornar toda a região mais atrativa, pois suas áreas encachoeiradas atraem os que gostam de explorar a natureza em busca de diversão nesses ambientes.

Ao contar a história da colonização de Venda Nova do Imigrante, Zandonadi (1992) descreve as várias etapas pelas quais o município passou, desde o início com os mineradores em busca de ouro e pedras preciosas, na etapa denominada de bandeirismo. Após esse período, já no século XIX, tem início a fase em que os fazendeiros de origem portuguesa vindos das regiões cafeeiras do Rio de Janeiro ali se localizam até a chegada dos imigrantes italianos, fundadores do município, responsáveis por seu progresso e seus principais traços sociais, econômicos e culturais.

⁴ Turismo de Aventura compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo. (BRASIL, Ministério do Turismo. Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais. Brasília: Ministério do Turismo, 2006).



Figura 8 - Fotografia de Imigrantes italianos
Fontes: Zandonadi (1992).

Os mineradores e bandeirantes entraram nessa região no início do século XVIII, mas como não foram obtidos muitos êxitos na busca por ouro e pedras preciosas, a exploração da mineração voltou-se para áreas de Minas Gerais. Além disso, eles enfrentaram resistência por parte dos índios. Foi apenas no século XIX que os fazendeiros de origem portuguesa entram nessa história. Esses fazendeiros vieram em busca de terras mais férteis para a produção do café e encontraram nessa região condições propícias e estabeleceram-se formando suas fazendas. Essas fazendas usavam mão de obra escrava e em 1888 com o fim da escravidão se viram em dificuldades sem condições de manter as lavouras, assim muitas delas foram postas à venda.

Todos os antigos fazendeiros viram embargado o processo das atividades agrícolas nas propriedades porque era o escravo que desempenhava o trabalho braçal da lavoura e, com a abolição da escravatura, em 1888, ficaram sem meios de ir para a frente. Desta forma, começaram a vender suas propriedades. Essa foi a razão que atraiu ao lugar a colônia italiana de

Alfredo Chaves e Domingos Martins que possuíam terras montanhosas, áridas, proporcionando uma fraca produção; eles viviam ansiosos para se interiorizarem nas terras férteis do Alto Castelo. (ZANDONADI, 1992, p.63)

Assim, a partir de 1892 as terras das antigas fazendas começaram a ser compradas pelas primeiras famílias a chegar onde hoje é Venda Nova do Imigrante. Esses imigrantes substituíram o regime latifundiário das grandes fazendas por propriedades trabalhadas em caráter familiar.

Antes de chegarem à região do Alto Castelo, esses imigrantes ao desembarcar no Brasil foram para as áreas de Araguaia e Matilde, porém as terras aí encontradas não eram tão férteis, e eles passaram por dificuldades. Com o passar do tempo eles foram se interiorizando, e como vimos foram comprando áreas das antigas fazendas dos portugueses e então chegaram aonde hoje é Venda Nova do Imigrante, local onde encontraram condições propícias, com solo fértil, água, porém tinham que desbravar a região que ainda possuía grande parte das terras cobertas por mata virgem.

Ao se instalarem começaram a desenvolver as lavouras de café, além de plantarem milho, feijão, e outros produtos necessários à subsistência. Era importante que eles produzissem boa parte do que consumiam, pois o acesso às demais localidades era difícil. Castelo era a localidade de comércio mais perto, e mesmo assim o acesso era por uma estrada de chão, feita pelos próprios moradores. Aos poucos, as estradas foram sendo melhoradas. Castelo, que ainda pertencia a Cachoeiro do Itapemirim, se emancipou em 1928, após passar a centralizar o comércio de café da região, e assim as condições dos imigrantes e do futuro município foram melhorando progressivamente, com a maior facilidade de acesso, trocas comerciais e outros fatores.

O fato de ter sido colonizada por imigrantes italianos e possuir a história que estamos descrevendo e analisando, mais uma vez, contribui para o desenvolvimento do Agroturismo. Esses imigrantes trouxeram e imprimiram suas características culturais típicas, que hoje são um diferencial, por terem sido preservadas pelos seus descendentes. Os moradores ainda preservam traços culinários como os pratos típicos, os quitutes, que aprenderam com os antepassados, as danças, as músicas, os jogos que ainda são lembrados nas datas festivas no município. Tudo isso

desperta o interesse dos turistas que buscam conhecer um pouco mais esse local e sua população de hábitos culturais diferentes.



Figura 9 - Apresentação de dança típica, jogo e instrumento antigo, durante a festa da polenta.
Fonte: Jornal da festa da Polenta (2012).

Até se tornar um município o caminho foi longo. Inicialmente, vimos que Venda Nova e Conceição do Castelo pertenciam a Castelo que se emancipara em 1928 após se tornar um centro importante de comércio de café na região. Porém, com a construção da BR 262, e com sua inauguração em 1957 os distritos de Venda Nova e Conceição do Castelo tiveram um rápido crescimento. Então, em 1963, depois de muita campanha popular, conseguiram a emancipação, deixando de pertencer a Castelo. Criou-se o município de Conceição do Castelo do qual Venda Nova passou a ser distrito.

Quando ainda pertencia a Castelo, Venda Nova já possuía representantes na Câmara de vereadores, e a essa altura os descendentes dos imigrantes italianos entendiam que essa era a única maneira de defender seus interesses e buscar amenizar os problemas que enfrentavam. Além disso, já cultivavam o desejo de se emancipar. Depois de se tornar distrito de Conceição do Castelo essa vontade só cresceu, e a união dos moradores de Venda Nova em prol do desenvolvimento do

local foi atingindo vários setores à consciência política foi alcançando cada vez mais pessoas.

O crescimento econômico do distrito foi admirável e em pouco tempo seu desenvolvimento superava o da sede Conceição do Castelo. Foi quando na década de 1980 vendo a possibilidade de se auto-sustentar como município, começaram a realizar os primeiros esforços para emancipar Venda Nova. Assim em 5 de novembro de 1987⁵ a Assembleia Estadual votou por unanimidade, a Emancipação Política de Venda Nova. Em 20 março de 1988 foi realizado o Plebiscito da emancipação do distrito. E, finalmente, o município foi criado no ato da Lei nº 4.069 de 06/05/1988⁶, desta forma o distrito passou a ser um município. Na criação foi adicionado o do Imigrante ao nome do município, pois já existia um município próximo a Belo Horizonte que se chamava Venda Nova. Então mais uma vez os moradores se reuniram ao lado da Igreja Matriz e decidiram que o nome do município seria Venda Nova do Imigrante, uma homenagem aos principais responsáveis pela colonização do lugar.

Vimos que houve um empenho da comunidade, uma união dos moradores por buscarem a emancipação do então distrito. Essa união é uma característica peculiar da comunidade desse município que se verifica até os dias atuais como veremos a seguir. Outro ponto a destacar é o espírito associativista⁷ da população local. Em Venda Nova do Imigrante, a comunidade sempre foi muito unida em prol do bem comum, talvez por conta de sua história e trajetória de formação inicial, como já vimos. Quando os imigrantes chegaram à nova terra tinham muita vontade de transformar e fazer dar certo para garantirem sua sobrevivência e de suas famílias.

As dificuldades que encontraram ao chegar à região da futura Venda Nova do Imigrante, para erguerem suas casas, formarem suas lavouras, construírem locais necessários à comunidade, como Igreja e escola, sempre foram enfrentadas em

⁵ Informações disponíveis em ZANDONADI, Máximo. Venda Nova do Imigrante 100 anos da colonização italiana no Sul do Espírito Santo. 1ª ed. Belo Horizonte: Copyright, 1992.

⁶ Informação disponível no site da Prefeitura Municipal de Venda Nova do Imigrante: www.vendanova.es.gov.br. Acesso em novembro de 2012.

⁷ O município possui a Associação das Voluntárias Pró Hospital Padre Máximo; a Afepol, (Associação Festa da Polenta); essas são duas das associações que o município possui com voluntários que trabalham em prol de benefícios para a comunidade.

associação, com os famosos mutirões, uma família ajudando a outra, até mesmo nos serviços da lavoura como destaca Zandonadi (1992) no trecho a seguir: “havendo, em algumas famílias, atraso na colheita motivado por doença familiar, a ajuda gratuita aos demais, através de mutirão, dependia tão somente de um aviso durante as missas dominicais.” (p.141).

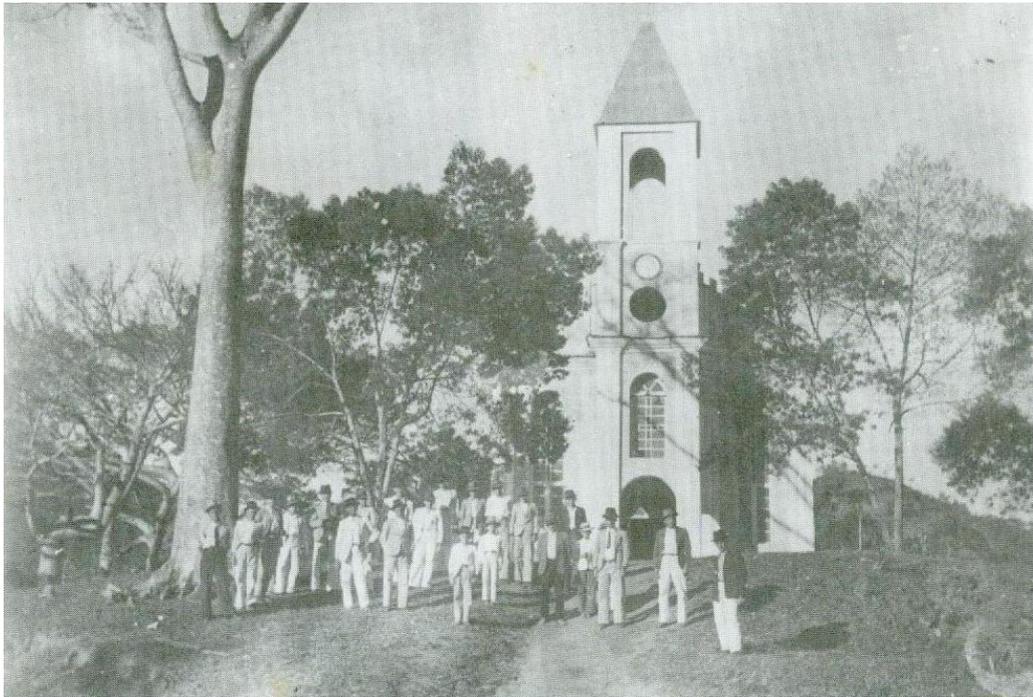


Figura 10 - Foto da inauguração da igreja em 1938, construída pelos imigrantes.
Fonte: Zandonadi (1992).

Dessa forma, essa é uma marca da sociedade local, que ainda cultiva as parcerias e o voluntariado como práticas constantes na comunidade. Como exemplo temos no município a associação das voluntárias do Hospital Padre Máximo, que trabalham com artesanatos visando ajudar na manutenção do hospital. Além disso, a maior festa da cultura Italiana no Estado do Espírito Santo acontece no município, é a famosa Festa da Polenta, toda a concepção e realização da festa são feitas pela Afepol (Associação da Festa da Polenta) são voluntários que trabalham e arrecadam fundos que serão revertidos em benefício da população.



Figura 11 - Festa da Polenta 2010; evento realizado por voluntários do município.
Fonte: Afepol (2010).

Esse espírito associativista também contribui na prática do Agroturismo. O município possui a Agrotur, Associação do Agroturismo de Venda Nova do Imigrante, da qual são associados a maior parte dos produtores que trabalham com a atividade, a associação busca fortalecer os produtores, representá-los perante os órgãos governamentais, busca parcerias, oferece cursos. Além disso, durante nossas incursões em trabalho de campo, vimos que muitos produtores têm um espírito de parceria forte, pois em suas lojas encontrávamos artigo de outros produtores, sendo sempre prestativos em dar informações sobre como chegar até as demais propriedades. O que ajuda a divulgar o trabalho de todos.

A religião predominante no município de Venda Nova do Imigrante é a católica segundo dados do IBGE do último censo, dos 20.447 habitantes, 16.908 são católicos. Essa também é uma herança dos imigrantes italianos, que desde que chegaram sempre cultivaram a fé e nunca deixaram suas crenças se perderem, tanto que em 1908 construíram a primeira capela, dedicada a São Pedro, padroeiro do município até hoje. A religião eles trouxeram da Itália, mas não deixaram de praticar e manter seus ritos na nova terra. As missas aos domingos, mais que um

momento de fé são um momento de encontro da comunidade, onde se discutem assuntos importantes, problemas da comunidade são comentados, as novidades partilhadas, além de aproveitarem para cantar as músicas da terra dos antepassados, beber e conversar com os amigos.

O fato de conservarem tradições e costumes, como músicas em italiano nas missas de domingo com o Coral Santa Cecília, os encontros no pátio da igreja após a missa das 9 horas, são sempre regadas a vinho, acompanhada da cantoria de músicas trazidas pelos primeiros imigrantes, fatos que também se tornam um atrativo a mais aqueles que visitam o município.



Figura 12 - Coral Santa Cecília, em uma apresentação durante missa na comunidade.
Fonte: Rádio FMZ (2013).

O município foi emancipado em maio de 1988 e desde então sua população vem crescendo progressivamente, em 1991 o município contava com 12.036 habitantes, em 2000 com 16.165, em 2007 com 18.610 e em 2010 contava com uma população de 20.447 habitantes como podemos ver na tabela a seguir:

TABELA 1- EVOLUÇÃO POPULACIONAL DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE

	1991	2000	2010
População total	12.036 habitantes	16.165 habitantes	20.447 habitantes
População rural	7.002 habitantes	6.253 habitantes	5.638 habitantes
População urbana	5.034 habitantes	9.912 habitantes	14.809 habitantes

Fonte de dados: IBGE

Tabela 1: População rural e Urbana de Venda Nova do Imigrante.

Segundo os dados do senso, trabalhados pelo Instituto Jones dos Santos Neves, o município de Venda Nova do Imigrante, teve um aumento populacional de 2000 para 2010 de 4.282 pessoas. No último senso a população registrada foi de 20.447 habitantes, dos quais 10.335 eram homens e 10.112 eram mulheres. A população urbana e rural também sofreu alterações. Em 2000 61,32% da população era urbana e 38,68% era rural. Em 2010 a população urbana aumentou para 72,43% e a rural diminuiu, registrando 27,57%. Mostrando que a população rural deste município vem decrescendo e conseqüentemente a urbana tem crescido. Como podemos ver na tabela a seguir:

TABELA 2- POPULAÇÃO RESIDENTE, POR GÊNERO E SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO

Gêneros e Situação de Domicílio	2000		2010	
	Nº	%	Nº	%
Total	16.165	100,00	20.447	100,00
Homens	8.284	51,25	10.335	50,55
Mulheres	7.881	48,75	10.112	49,45
Total	16.165	100,00	20.447	100,00
Urbana	9.912	61,32	14.809	72,43
Rural	6.253	38,68	5.638	27,57

Fonte: Dados do Universo Censo 2000 e 2010- IBGE.

Elaboração: Instituto Jones dos Santos Neves-IJSN.

Tabela 2: População residente, por Gênero e situação de domicílio.

A População residente no município por raça ou cor, no ano de 2010, demonstrou que 61,90% da população se declarou como branca, 4,86% como preta, 0,60 como amarela, 32,49% como parda e 0,16% como indígena. O que reflete a descendência italiana forte que o município apresenta, justificando o predomínio de brancos na maior parte da população, descendentes desses imigrantes que se declaram como branca.

A taxa de urbanização do município em 2000 era de 61,32 e em 2010 de 72,43 o que mostra que o município está se urbanizando ao longo do tempo. A razão de sexo diminuiu passou de 105,11 em 2000 para 102,21 em 2010, o que

mostra que a quantidade de homens em relação às mulheres diminuiu, ou seja, a cada 100 mulheres em 2000 existiam 105,11 homens já em 2010 para cada 100 mulheres havia 102, 21 homens. O que está de acordo com os dados populacionais de porcentagem de homens e mulheres no município, já ditos anteriormente.

Ao analisar a estrutura etária da população, chama a atenção o fato de o município ter uma população jovem, no geral. No entanto, observamos a diminuição na porcentagem das faixas etárias iniciais de 0 até 14 anos, população economicamente inativa. A porcentagem das faixas etárias de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos também sofreu uma pequena queda. Nas demais faixas etárias, o que verificamos, no geral, foi um aumento, mostrando que a população tem envelhecido mais. Portanto parte da população ativa cresceu, mas as faixas etárias que também fazem parte da população economicamente inativa, de 65 anos ou mais cresceu como um todo. (ver tabela 3)

TABELA 3-ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE

Faixa etária	2000		2010	
	Total	%	Total	%
Total	16.165	100,00	20.447	100,00
Menor de 1 ano	267	1,65	242	1,18
1 a 4 anos	1.109	6,86	1.011	4,94
5 a 9 anos	1.495	9,25	1.491	7,29
10 a 14 anos	1.669	10,32	1.690	8,27
15 a 19 anos	1.669	10,32	1.845	9,02
20 a 24 anos	1.645	10,18	1.880	9,19
25 a 29 anos	1.396	8,64	1.875	9,17
30 a 34 anos	1.389	8,59	1.805	8,83
35 a 39 anos	1.281	7,92	1.615	7,90
40 a 44 anos	1.070	6,62	1.525	7,46
45 a 49 anos	858	5,31	1.390	6,80
50 a 54 anos	627	3,88	1.141	5,58
55 a 59 anos	465	2,88	857	4,19
60 a 64 anos	414	2,56	637	3,12
65 a 69 anos	302	1,87	466	2,28
70 a 74 anos	250	1,55	375	1,83
75 a 79 anos	129	0,80	261	1,28
80 anos ou mais	130	0,80	341	1,67

Fonte: Dados do Universo Censo 2000 e 2010- IBGE.
 Elaboração: Instituto Jones dos Santos Neves-IJSN.
 Tabela 3: Estrutura etária da população.

Quanto ao nível educacional, o grau de instrução ensino fundamental incompleto teve crescimento tanto no rural como no urbano, mas foi mais significativo no urbano. O ensino fundamental completo teve uma diminuição nos dois espaços em relação a 2000, o número de pessoas com esse grau de escolaridade em 2010 foi menor que em 2000.

O ensino médio incompleto foi um nível de escolaridade que aumentou entre os moradores do município. Em 2000 apenas 244 pessoas tinham esse nível educacional já em 2010 esse número passou para 478, o aumento mais significativo foi no urbano. Com o ensino médio completo o número de pessoas também cresceu tanto no rural como no urbano. O crescimento foi bem considerável em 2000 apenas 995 pessoas no município tinham esse grau de instrução em 2010 esse número passou para 1923.

O número de pessoas com o ensino superior incompleto também cresceu tanto no rural como no urbano. Em 2000 eram 85 pessoas, e em 2010 eram 333. Mas o grau de escolaridade que cresceu de forma muito significativa e que chamou bastante atenção foi o ensino superior ou mais. Em 2000, apenas 417 pessoas com 25 anos ou mais tinham esse grau de escolaridade sendo que destes 355 eram da zona urbana e 62 da zona rural, já em 2010 o número passou para 1116 destes 1019 são moradores do urbano e 97 do rural.

O crescimento desse nível de instrução está relacionado com a chegada de instituições de ensino superior privadas, a exemplo da Faveni (Faculdade de Venda Nova do Imigrante), que começou suas atividades no município em 2000, a Univeneto (Faculdade Regional Serrana), que iniciou suas atividades em 2001 e, mais recentemente, foi construído um campus do IFES (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo), que começou as suas atividades em 2010.

Essas instituições facilitaram o acesso ao maior grau de instrução para os moradores do município que agora não precisam mais sair de seu local de origem para realizar um curso superior. Ainda existem poucas opções de curso nessas faculdades. Administração e Administração rural, na Univeneto. Administração, Ciências Contábeis, Pedagogia e MBA em Gestão Empresarial na Faveni. Porém essas opções estão atendendo boa parte dos moradores que buscam ampliar sua

qualificação e que não possuem condições de sair do município, contribuindo assim para aumentar o grau de instrução da população de Venda Nova do Imigrante.

A maior parte dos moradores ocupados no ano de 2010 tem faixa de rendimento de até 1 salário mínimo, 43,51% das pessoas. A segunda maior parcela 32,37% das pessoas tem rendimento de mais de 1 a 2 salários mínimos. Ou seja 75,88% da população ocupada no município recebe entre menos de 1 e até dois salários mínimos. A porcentagem de pessoas que recebem mais do que isso são menores, variando entre 9,07% que recebem mais de dois e até 3 salários mínimos e 0,35% que recebem mais de 20 salários mínimos. Portanto, o que vimos é que grande parte da população ocupada têm renda menor que três salários mínimos.

Analisando a distribuição da população ocupada em porcentagem pelas atividades agrupadas, nos dois períodos podemos fazer algumas observações. Uma das mais significativas é que a porcentagem de pessoas ocupadas com atividades ligadas a agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura diminuiu de maneira significativa de 2000 para 2010. No primeiro período essas atividades ocupavam 43,58% da população e no segundo apenas 28,70%. O que mostra que cada vez menos pessoas estão se ocupando em atividades dessa natureza. Parte disso deve-se ao avanço nos meios de produção que diminuem a necessidade de mão de obra, mas, sobretudo o fato de menos pessoas estarem investindo e realizando atividades dessa natureza.

Outra alteração mais significativa foi o crescimento no número de atividades mal especificadas que passaram de 0,00% para 5,07% em 2010. Cresceu também a porcentagem de pessoas realizando outras atividades que em 2000 era de 13,34% e em 2010 era de 17,54%. Isso também está ligado ao crescimento do município em diversos setores, principalmente profissionais liberais, prestadores de serviço entre outros. O setor da construção também registrou um crescimento de mais de 3% passando de 6,30% para 9,56%, o que acompanha o crescimento da cidade e o surgimento de muitas obras de várias naturezas, tanto particulares como públicas. As demais atividades que aparecem na tabela tiveram oscilação, algumas para mais e outras para menos, mas consideramos as já citadas as mais relevantes. Os dados encontram-se na tabela a seguir:

TABELA 4-DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA EM %

Atividades agrupadas(1)	2000	2010
Total	100,00	100,00
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	43,58	28,70
Indústrias extrativas	0,52	1,27
Indústrias de transformação	6,79	7,78
Construção	6,30	9,56
Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas	15,88	17,54
Alojamento e alimentação	4,05	2,55
Administração pública, defesa e seguridade social	3,46	3,35
Serviços domésticos	6,07	6,91
Outras atividades(2)	13,34	17,25
Atividades mal especificadas	0,00	5,07

Fonte: Dados do Universo Censo 2000 e 2010- IBGE.

Elaboração: Instituto Jones dos Santos Neves-IJSN.

(1) Os indicadores se referem a população de 10 anos ou mais de idade.

(2) As outras atividades incluem: Eletricidade e gás; água, esgoto, atividade de gestão de resíduos, e descontaminação; transporte, armazenagem e correios; Informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguro e serviços relacionados; Atividades imobiliárias; Atividades profissionais, científicas e técnicas; Atividades administrativas e serviços complementares; Educação; Saúde humana e serviços sociais; Artes, cultura, esportes e recreação; Outras atividades de serviços; Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

Tabela 4: Distribuição setorial da população ocupada em %.

Quanto ao número de domicílios particulares permanentes no município de acordo com sua localização, no ano 2000 existiam um total de 4.246 domicílios

particulares permanentes, destes 2.736 eram na zona urbana e 1.510 na zona rural. Em 2010 o número de domicílios particulares permanentes aumentou, passando para 6.324, sendo 4.738 na zona urbana e 1.586 na zona rural. Podemos perceber que o número de domicílios particulares permanentes na zona rural do município não teve muita alteração e a maior parte do aumento do número desses domicílios se concentrou na zona urbana do município.

O município de Venda Nova do Imigrante ainda hoje tem nas atividades agropecuárias sua base econômica. O município possui como padrão pequenas propriedades e, sobretudo de base familiar, e são nessas propriedades que grande parte das atividades agropecuárias são desenvolvidas.

O café é a principal atividade econômica do município, que se destaca na produção de café de qualidade superior, cafés especiais, muitos valorizados no mercado internacional. A olericultura é outro ponto forte da agricultura do município, sendo Venda Nova do Imigrante uma das principais áreas de cultivo de tomate do Espírito Santo. Além disso, a fruticultura também contribui na importância do setor primário para o município com destaque para o abacate, tangerina ponkan e morango.⁸



Figura 13 - Cafezal da propriedade Sítio Retiro do Ipê.
Fonte: Acervo pessoal (2012).

⁸INSTITUTO CAPIXABA DE PESQUISA, ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL. **Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural Proater 2011-2013.** (2011). Venda Nova do Imigrante, 2011.

Se analisarmos o produto interno bruto do município no ano de 2009, os valores por setor, teremos os seguintes resultados:

TABELA 5- PRODUTO INTERNO BRUTO- 2009

Discriminação	PIB
PIB total a preços de mercado (R\$ Mil)	322.604
PIB <i>per capita</i> (R\$ 1,00)	11.614
VA por setor (%)	
Primário	18,51
Secundário	12,51
Terciário	68,98

Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves- IJSN.

Tabela 5: Produto Interno Bruto de Venda Nova do Imigrante-2009

O Valor por setor em porcentagem nos mostra que o setor primário representava 18,51% o secundário 12,51% e terciário 68,98%. O setor primário é mais importante que o secundário e nos mostra a importância das atividades agrícolas para o município. A indústria representa uma fatia pequena do PIB devido à fraca tradição que o município possui nesse setor, e principalmente por sua forte vocação agrícola, pois como já dito desde a formação do povoado, com a chegada dos imigrantes italianos esta atividade é desenvolvida mais uma vez destacando-se o café. Os dados mostram o setor terciário, ligado ao comércio e serviços, em partes também relacionados com as atividades agropecuárias, assistência técnica, insumos, lojas de produtos agrícolas entre outros produtos e atividades relacionados ao agronegócio.

Como podemos constatar, as atividades agropecuárias têm grande participação no PIB municipal seja de maneira direta ou indireta, sendo a agricultura a principal base da economia do município e o café seu principal produto, o que pode ser comprovado pelo trecho abaixo retirado do site do IBGE:

O município baseia-se economicamente na agricultura, principalmente do café que compreende 90% das propriedades, além da produção de

hortifrutegranjeiros e uma pecuária ascendente. Entretanto, apresenta atualmente uma forte queda para o agroturismo, atividade em plena expansão, sendo Venda Nova pioneira neste trabalho, com destaque para a confecção artesanal e caseira de produtos típicos, principalmente na culinária (doces, geleias, licores, biscoitos, etc.).
(Fonte: IBGE Cidades@, disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidade>).

Vimos que a agricultura é uma atividade econômica muito importante para o município, e isso também é usado a favor do Agroturismo, pois este é desenvolvido no meio rural e privilegia as atividades cotidianas dos moradores, dentre elas estão às práticas agrícolas que despertam muito interesse nos turistas, sendo até um atrativo. O que mais uma vez auxilia no desenvolvimento do Agroturismo, que como vimos já desponta como uma importante atividade no município, por aumentar a renda e agregar valor à agricultura familiar.

Apresentamos alguns dados e um pouco da história do município de Venda Nova do Imigrante. Tudo o que vimos e mostramos nos dão pistas de porque o Agroturismo encontrou nesse lugar e nessa população condições especiais, e importantes fatores que facilitaram seu desenvolvimento.

4.2- HISTÓRIA DO AGROTURISMO EM VENDA NOVA.

A atividade turística no estado do Espírito Santo sempre esteve muito vinculada ao seu litoral, devido à presença de belas praias. O turismo nas áreas litorâneas sempre foi fortemente incentivado pelo governo uma vez que esta prática gera uma receita expressiva para o estado. No entanto, o turismo para essas áreas se concentra em uma época específica do ano, o verão, o que gera uma série de problemas devido ao grande número de turistas como a falta d'água, e outros problemas como caos no trânsito local, aumento nos furtos, questões relativas ao aumento da circulação concentrada de pessoas ao mesmo tempo (Portuguez, 1999). Dessa forma, as cidades litorâneas veem suas populações aumentarem significativamente durante o verão, o que vem acompanhado também de alguns transtornos.

Além disso, visando expandir o circuito econômico do turismo para outras áreas o governo passou a incentivar novos destinos turísticos dentro do estado, inicialmente o Agroturismo na região Serrana Central e o turismo ambiental em torno da Serra do Caparaó. Em nosso trabalho vamos manter nossas atenções voltadas ao Agroturismo.

[...] no Espírito Santo [agroturismo] foi eleito como uma das principais atividades a serem fomentadas pelo governo estadual, como oportunidade de promoção do “desenvolvimento” do campo, não para substituir as atividades agro-silvo-pastoris tradicionais, mas para possibilitar a multifuncionalização das propriedades e como alternativa de geração de renda e ocupação para a população da chamada região serrana central (PORTUGUEZ, 1999, p.1)

Os municípios compreendidos pela então chamada “Região Serrana-Central do Espírito Santo” eram: Venda Nova do Imigrante, Castelo, Conceição do Castelo, Domingos Martins, Afonso Cláudio, Santa Leopoldina, Marechal Floriano, Santa Maria de Jetibá, Santa Teresa, Viana e Vargem Alta. Ao longo do tempo, outros municípios também passaram a praticar o Agroturismo, mas não foram inseridos oficialmente no programa inicial do Governo do Estado que incentivava a atividade. O Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT, também deu um grande impulso à prática do Agroturismo.

Contudo, o governo do estado, buscando expandir ainda mais as atividades turísticas, e seguindo a tendência nacional, fez a regionalização do seu território turístico. Por meio da participação no Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, realizou a organização territorial e a definição dos roteiros que serão explorados, criando oito rotas turísticas, que visam abarcar as belezas do estado e dinamizar todas as regiões.

Para efeito do Plano de Desenvolvimento Sustentável do Turismo, o Espírito Santo foi dividido em dez regiões. Essa divisão não invalida a elaboração de roteiros turísticos que perpassem mais que uma região. A ideia é que os roteiros as contemplem de forma a integrar atrativos e segmentos diferenciados, valorizando e criando novos espaços de turismo. (Plano de Desenvolvimento Sustentável do Turismo do Espírito Santo 2007-2025)

Mas a história do Agroturismo no Espírito Santo tem sua semente em 1986 com a família Carnielli, proprietária de uma fazenda em Venda Nova do Imigrante. Eles estavam diante de dois dilemas: ultrapassar a dependência da monocultura do café, cultura muito vulnerável às oscilações do mercado; e conseguir manter os membros da família e os trabalhadores na propriedade, porém com melhores condições de vida. Um dos membros da família saiu de casa para estudar, cursou agronomia, e voltou com a ideia de buscar novas alternativas. Implantaram, então, na propriedade a prática da pecuária leiteira. Como em toda nova atividade, no início, encontraram dificuldades de adaptação, mas com a evolução desta atividade e o aumento da produção de leite se depararam com outro desafio, o de transformar toda essa matéria prima para não perdê-la. Iniciaram assim a produção de queijo. Os animais, e os queijos chamaram a atenção dos vizinhos e amigos, que iam até a fazenda, desta forma sem este ser o intuito inicial, isso se tornou um atrativo. Os proprietários perceberam então que esta prática poderia se tornar uma alternativa à geração de renda.

As visitas se tornaram cada vez mais recorrentes, acontecendo sobretudo nos finais de semana. A família identificou que a maior parte dos visitantes que apareciam em sua propriedade ficava hospedada em hotéis da região ou estavam a passeio na casa de amigos e parentes.

Foi quando, em 1992, Leandro Carnielli, membro da família, e na ocasião secretário do Movimento Educacional e Promocional do Espírito Santo, participou do Congresso Internacional das Famílias Agrícolas na Espanha, juntamente com a delegação capixaba composta pelo vice-governador e Secretário da Agricultura, Adelson Salvador, o jornalista Ronald Mansur, a pedagoga Eliane Statuffer de Andrade Mansur e o Secretário Executivo do Movimento Educacional e Promocional do Espírito Santo (Mepes), João Batista Martins. Após esse congresso eles foram visitar um projeto sobre o Agroturismo na Itália, e durante esta visita a *Azienda Agroturística Mondragon* de propriedade de Roberto e Tina Tessari, a ideia do Agroturismo em Venda Nova do Imigrante começou a ser gerada.

Na ocasião, Carnielli observou uma grande semelhança entre o que ocorria na fazenda de sua família e na *Azienda Agroturística*, na Itália. Leandro, então, volta

à Venda Nova do Imigrante cheio de ideias para ampliar o trabalho na região. Nasce, então, o primeiro ímpeto da atividade no município.

O Agroturismo só se consolida como projeto a partir de 1993⁹, com a criação da “Agrotur” (Centro de Desenvolvimento do Agroturismo), até então com esse significado, esse centro possuía uma representação jurídica, sendo uma maneira de agrupar os interessados em participar da atividade.

O Agroturismo passou a receber uma grande divulgação nos meios de comunicação principalmente na televisão, através da Rede Gazeta (afiliada da Rede Globo no Espírito Santo), no programa Jornal do Campo. Aliás, um grande incentivador da atividade no município foi o Jornalista Ronald Mansur que, através de suas reportagens sobre Venda Nova do Imigrante, mostrava as propriedades e seus produtos, dando visibilidade aos produtores, aumentando o interesse das pessoas em conhecer o lugar, e encorajando novos produtores a participarem do Agroturismo.

Além do jornalista, a atividade também foi incentivada pela Secretaria de Agricultura, e teve uma importante parceria com o SEBRAE/ES. Mais tarde a Associação também conseguiu parcerias e cursos que foram oferecidos além do SEBRAE, pela prefeitura do município, EMATER, Emcapa, Secretaria da Agricultura, UFES, faculdades de turismo de Guarapari e Vila Velha e as parcerias foram crescendo ao longo do tempo, envolvendo novos agentes que ajudaram no desenvolvimento do Agroturismo.

Periodicamente, ocorriam reuniões dos associados à Agrotur, que “nasceu como um projeto de amplitude estadual, visto abranger municípios de uma vasta área territorial do estado: Castelo, Vargem Alta, Domingos Martins, Viana, Afonso Cláudio, Conceição do Castelo e Venda Nova do Imigrante.”(PIN e CARNIELLI, p.37, 2007). No entanto, logo voltou seus interesses para os associados apenas do município de Venda Nova do Imigrante, e em momento posterior transformou-se em Associação do Agroturismo de Venda Nova do Imigrante.

⁹ No primeiro momento, a atividade surge de uma iniciativa dos proprietários rurais de Venda Nova do Imigrante. Em 2003 o Estado passa a atuar e institucionalizar o Agroturismo.

Durante as reuniões eles realizavam discussões sobre organização, planejamento e construções de táticas de crescimento. Uma importante estratégia de divulgação foi a proposta do Alpes Hotel, hotel fundado no início da década de 90 no município, de levar os hóspedes até as propriedades que desenvolviam o Agroturismo, tal estratégia gerou um aumento significativo no número de visitas às fazendas.

Em 1996, a prefeitura municipal criou a Secretaria de Turismo, e, assim, foi desenvolvendo e melhorando a infraestrutura para a prática da atividade, que se consolidou e ganhou projeção nacional. Diversas iniciativas também foram importantes para ajudar a impulsionar esta atividade. Uma das mais significativas, a qual surgiu da Prefeitura municipal, foi a criação do Selo de Inspeção Municipal (SIM), para atestar a qualidade dos produtos de origem animal e vegetal, a pedido da Câmara de Vereadores. Nesse sentido, houve direcionamento da Secretaria Municipal de Saúde na orientação e exigência quanto às normas de produção direcionadas aos agricultores que praticam a atividade. (CARNIELLI, s/d).

Como vimos desde o seu surgimento, o Agroturismo vem crescendo e ganhando proporções cada vez maiores no município, cidade considerada a pioneira nesta prática no estado do Espírito Santo, e referência quando o assunto é o desenvolvimento e consolidação desta forma de turismo. Como observamos, desde o nascimento da ideia da atividade, as parcerias, e as ações para o desenvolvimento do Agroturismo tem progredido de forma expressiva. O fluxo de turistas tem crescido, muitos municípios vizinhos se espelham, e também passaram a desenvolver a atividade, a mídia tem dado bastante veiculação e destaque ao município seja em revistas, matérias em jornais impressos, meios eletrônicos especializados em turismo, programas de televisão. Além do apoio do Governo do Estado. É no âmbito desse percurso histórico que Venda Nova do Imigrante passou a ficar, cada dia mais, conhecida pela prática dessa modalidade turística e uma economia em crescimento.

4.3- OS PRODUTORES, A PROPRIEDADE E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS EM ANDAMENTO.

Para entender e analisar o Agroturismo que é praticado no município de Venda Nova do Imigrante, faz-se importante um estudo sobre as propriedades, a produção e as pessoas envolvidas na realização da atividade. As propriedades pesquisadas nos deram aporte para entender como o Agroturismo é desenvolvido no município. O grupo pesquisado nos auxiliou a compreender algumas características da atividade e traços comuns entre elas. A seguir, vamos discorrer sobre algumas peculiaridades das propriedades pesquisadas as quais nos ajudaram a defini o Agroturismo no município.

Já apontado anteriormente, o grupo pesquisado engloba 16 propriedades¹⁰, das 23 contidas no panfleto turístico do município, ou seja, 69,56% do total. Limitamos-nos a essas propriedades por serem as que possuem caráter familiar, e por estarem mais de acordo com a prática conceituada o Agroturismo. (As propriedades analisadas encontram-se no mapa 2, figura 14) .

¹⁰ As propriedades que analisadas foram as seguintes: Fazenda Carnielli; Sítio Retiro do Ipê; Família Busato; Pousada Bela Aurora; Sítio Morango Gagno; Sítio Guaçú-Virá; Cláudia Artesanato; Tia Cila; Família Lorenção; Sítio e Adega Tonole; Casa das Orquídeas; Orquidário Caliman; Sítio Raízes da Terra; Altoé da Montanha; Sítio Ambrosim e Fazenda Saúde.

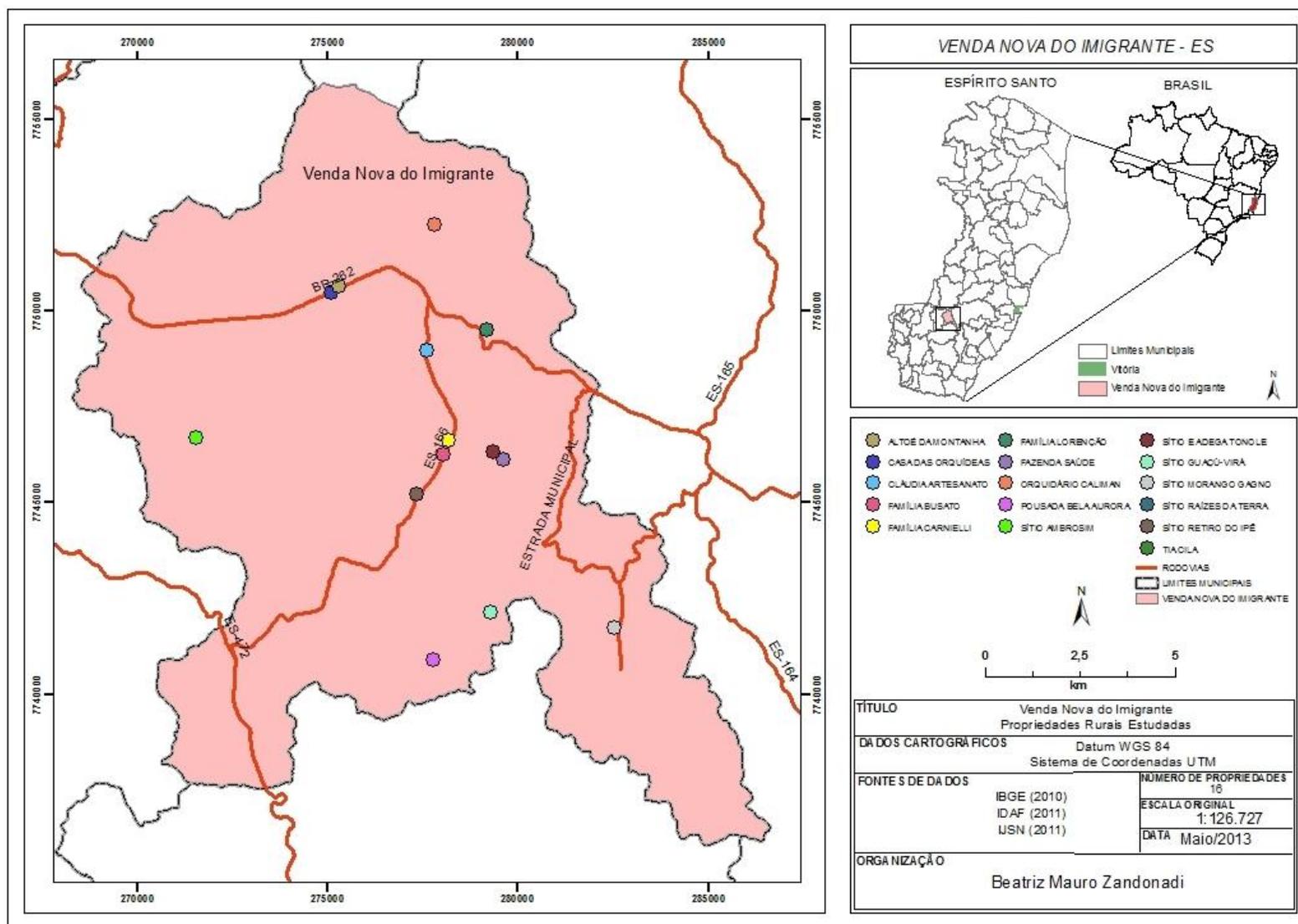


Figura 14 – Mapa 2 - Propriedades analisadas

Os roteiros de entrevistas foram realizados em forma de consultas, feitas pela pesquisadora, contendo questões abertas e fechadas, mas dando liberdade a todo o momento para que os entrevistados fizessem as colocações que achassem necessárias, mesmo que fugissem das questões propostas. Consideramos mais uma conversa direcionada com os proprietários, pois o intuito não era realizar uma pesquisa quantitativa, mas sim qualitativa, onde as respostas do grupo pesquisado ajudassem a esclarecer questões a cerca das propriedades, da atividade e das transformações socioeconômicas no município.

O tamanho das propriedades foi um aspecto que chamou atenção. Foram dezesseis propriedades. Destas, quinze se enquadram na categoria de pequenas propriedades de acordo com a classificação do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária)¹¹, ou seja, possuem de um a quatro módulos fiscais, sendo o valor do módulo fiscal do município 18 hectares. Ou seja, não ultrapassam o limite de 72 hectares. Grande parte delas, aliás, fica muito abaixo desse valor, o que é uma característica do município, onde a maioria esmagadora se enquadra nessa categoria de pequenas propriedades e de caráter familiar. A única que se difere desse padrão é a Fazenda Saúde, que apresenta área de 272 hectares. Dessa forma, segundo a classificação que estamos usando, se enquadraria em uma grande propriedade, pois sua área é superior a 15 módulos fiscais.

Entre o grupo pesquisado, o número de mulheres envolvidas na produção chama a atenção. Grande parte dos nossos entrevistados é do sexo feminino. Dos dezesseis, dez eram mulheres e seis homens. O que só vem a reafirmar a importância e o papel da mulher no Agroturismo local. Aliás, esse é um fator que não poderia deixar de ser abordado: a mulher e seu papel na atividade. Elas são as grandes protagonistas do Agroturismo; são as responsáveis diretas em produzir os

¹¹ Optamos por utilizar dados do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) onde a quantidade de módulos fiscais define a propriedade em minifúndio, pequena (entre 1 a 4 módulos fiscais), média (acima de 4 até 15 módulos fiscais) e grande propriedade (superior a 15 módulos fiscais). Os módulos fiscais variam de município para município, levando em consideração, principalmente, o tipo de exploração predominante no município, a renda obtida com a exploração predominante e o conceito de propriedade familiar (entre outros aspectos, para ser considerada familiar, a propriedade não pode ter mais que 4 módulos fiscais). Em Venda Nova do Imigrante o módulo fiscal equivale a 18 hectares.

quitutes, por dar aquele ar aconchegante e de casa de avó que as propriedades têm, são as responsáveis por receber e lidar diretamente com o turista, são elas que gerenciam todos os aspectos ligados a atividade, participam das reuniões na associação, etc. Ou seja, atuam em todos os setores. Além disso, a atividade significara para elas uma forma de conquistarem uma independência financeira, já que antes toda a renda da família vinha dos maridos. Agora, elas colaboram com a renda familiar e possuem seu próprio dinheiro.



Figura 15 - Ana do Sítio Retiro do Ipê, onde o Agroturismo é comandado pelas mulheres.
Fonte: Acervo pessoal (2012).

Fica claro que as mulheres são fundamentais para o Agroturismo, além da relevância da atividade na vida delas, pois possibilitou a independência financeira, o que elevou a autoestima e, conseqüentemente, possibilitou a valorização dessas mulheres.

Para entender quem são os produtores que estão participando do Agroturismo, saber mais sobre essas pessoas é importante. Ao realizar uma análise mais detalhada por grupos de idade encontramos no universo dos pesquisados: três pessoas dentro da faixa etária de até 35 anos; cinco na faixa etária dos 36 até os 45 anos; quatro pessoas ficam na faixa dos 46 aos 55 anos e os quatro restantes ficam na faixa etária de 56 aos 61 anos. Nossa entrevistada mais jovem tem 19 anos, e o entrevistado mais velho 61 anos. Se somadas todas as idades e divididas pelo número de entrevistados teremos uma média, que será de 43, 8 anos, faixa definida como madura.

A maior parte dos entrevistados envolvidos no Agroturismo sempre morou no espaço rural, possuindo grande experiência nesse ambiente. Eles enfrentaram muitos momentos diferentes e crises pelas quais o campo passou. Então, um bom número deles viveu um tempo em que só se exerciam as atividades agrícolas e chegaram num ponto onde apenas elas não estavam sendo suficientes para manter a família e a propriedade. Logo, resolveram buscar uma alternativa e viram no Agroturismo uma oportunidade.

Dos entrevistados apenas 2 ficam na faixa etária de até 25 anos. Além disso, desses 2 apenas 1 pertence à família dona da propriedade pesquisada. O outro é representante, ou seja, é uma pessoa contratada para desenvolver um trabalho específico. É o caso da funcionária no Sítio Guaçú- Virá, que é um pólo de educação ambiental. Apenas a mais nova entrevistada, de 19 anos, Priscila é que pertence à Família Brioschi, proprietária do Sítio Retiro do Ipê. Ela juntamente com sua mãe e avó, são as principais responsáveis pelo desenvolvimento da atividade do Agroturismo na propriedade da família. Esse é um dos poucos casos que constatamos em que as gerações mais novas estão envolvidas na atividade. Ela fez um curso técnico na área de administração e agora se prepara para realizar um curso superior também nessa área, cuja pretensão é continuar os negócios da família, se capacitando para implementar melhorias. Aliás, essa foi uma preocupação que apareceu ao longo da pesquisa. Os proprietários com os quais tivemos contato, se questionam se, no futuro, seus filhos terão interesse em manter a propriedade e continuar desenvolvendo o Agroturismo.

Ainda buscando conhecer esses produtores, atentamos para o grau de escolaridade deles e foi possível analisar que a maior parte tem até o segundo grau completo, ou seja, concluíram no máximo o ensino médio. O que de forma nenhuma denota pessoas pouco preparadas ou instruídas. O que encontramos em campo foram pessoas de muita sabedoria e de visão. Até porque essas pessoas estão frequentemente realizando cursos de capacitação ofertados pelo Senac, prefeitura municipal entre outras.

A falta do curso superior não se mostrou um entrave decisivo¹² para a atividade, que preza pela simplicidade e genuinidade do proprietário rural e sua família. O que também não quer dizer que eles tenham que se enquadrar nos padrões pré-estabelecidos para um homem do campo “típico”, que fale de forma errada e que não tenha instrução. O fato de essa forma de turismo estar ligada ao campo, a cultura da família e suas particularidades, só afirma que não há ninguém mais capacitado para realizar essa função do que tais proprietários que vivenciam isso em seu dia-dia. Claro que os cursos de capacitação voltados para a atividade e os cursos superiores, eventualmente realizados por seus filhos e até por eles mesmos, pode ajudar a implantar novidades e a gerenciar melhor a propriedade. Porém, o que vimos é que o grau de instrução não é algo que influencie de forma significativa o sucesso da atividade.

Tentando adentrar um pouco mais na vida dessas famílias, e em suas particularidades, perguntamos aos entrevistados quem eles consideram os chefes da família isto é, a figura central. Em três casos a resposta foi a *nonna*, a matriarca, o que mais uma vez ressalta que as mulheres são figuras muito fortes em algumas famílias. Mas a grande maioria, onze entrevistados, destacaram que os homens são a figura central, isso mostra que a tradição dos italianos ainda permanece muito presente, famílias patriarcais, onde o homem é quem dá a última palavra; é por ele que tudo passa; é ele que comanda as finanças.

No entanto, duas famílias já mostram que isso está mudando e estão assumindo uma postura mais moderna, onde ambos dividem as responsabilidades e os papéis. Marido e mulher tem a mesma importância. Foi possível ver que a tradição dos descendentes onde o homem é a figura central das famílias ainda permanece muito forte, em sua ausência quem passa a assumir esse papel são as *nonas*, suas esposas. Por isso, vimos que elas aparecerem em alguns casos. E algumas famílias já assinalaram uma tendência mais recente da divisão dos papéis, o Agroturismo pode estar colaborando para essa nova postura, pois as mulheres ganham mais destaque, passam a contribuir de forma significativa na renda e no poder de decisão dentro das famílias.

¹² A capacitação é sempre importante e necessária para qualquer atividade. Salientamos apenas, que a falta do curso superior não impossibilitou o êxito da atividade nas propriedades pesquisadas. Lembrando que os proprietários realizam constantemente cursos de capacitação relacionados ao turismo e empreendedorismo, como nos foi relatado durante o campo.

Para entender a relação que esses moradores têm com o lugar em que vivem perguntamos a quanto tempo as famílias possuem as propriedades, e descobrimos que grande parte delas as tem há muito tempo. Apenas quatro delas possuem as propriedades a menos de quinze anos, cinco possuem entre vinte e cinquenta anos e sete famílias possuem entre cinquenta e mais de cem anos, não sabendo precisar direito, por pertencer à família a muitas gerações. A maior parte deles cultivam em suas propriedades há bastante tempo, e por isso também possuem um vínculo sentimental muito forte com as mesmas.

São pessoas apegadas a esses lugares e demonstram prazer em viver aí. Dessa forma o Agroturismo mostra-se uma alternativa de permanência, possibilitando que essas famílias tenham melhor qualidade de vida.

A forma como adquiriram a terra foi outro ponto que buscamos investigar. Como a maior parte dos produtores possuem essas terras há muito tempo, queríamos saber como foi que se deu o início dessa história. Sete entrevistados nos disseram que a terra é herança de família, ou seja, a várias gerações já estão nessa propriedade, e ela vem passando como herança. Claro que com o tempo a terra vem sofrendo parcelamentos, os filhos vão dividindo entre si, e depois em seus novos núcleos familiares, com seus filhos. Esse é um dos motivos que justificam o tamanho das propriedades no município, tão pequenas, fruto das frequentes partilhas, a cada nova geração.

Oito famílias disseram que a terra foi adquirida de terceiros, compraram de outras pessoas, o que também pode ser explicado por esse processo. Com os parcelamentos, algumas propriedades começaram a ficar muito pequenas, e assim algumas pessoas sentiam a necessidade de adquirir novas áreas para poder nelas gerar o sustento da família. Com os casamentos e a formação de novas famílias eles passavam a adquirir novas terras; juntavam suas economias e compravam novas áreas.

Um caso se diferencia dos demais. É o caso onde a terra é arrendada; o proprietário da Casa das Orquídeas, Eron, um jovem empreendedor de 28 anos que há 3 anos arrendou o terreno onde desenvolve seu trabalho, mantém suas estufas de flores, faz as vendas, recebe as pessoas e expõe as orquídeas. Essa forma de relação com a terra, deve-se ao produtor ser jovem e estar no início de seu

empreendimento, não dispondo de capital suficiente para adquirir a terra. Outro fator que pode ser levado em conta é a questão de o ponto onde ele está instalado ser bastante valorizado, não sendo de interesse do proprietário do terreno vendê-lo agora, já que o município de Venda Nova do Imigrante passa por um momento de valorização imobiliária muito forte.

Visando conhecer a dinâmica das propriedades perguntamos para todos os entrevistados quantas pessoas trabalhavam na propriedade, mas somando todas as atividades desenvolvidas dentro delas, não se restringindo ao Agroturismo, contando atividades agrícolas e tudo mais que eles realizam na propriedade. Cinco famílias possuem de duas a cinco pessoas realizando todas as tarefas necessárias ao bom funcionamento da propriedade e da produção.

Seis famílias têm de seis a dez pessoas trabalhando e auxiliando em todos os afazeres. Quatro famílias têm de onze a vinte pessoas trabalhando em suas propriedades, uma família possui quarenta pessoas para desempenhar todas as tarefas necessárias. É o caso da propriedade da família Carnielli.



Figura 16 - Sede da Fazenda Carnielli, a que possui maior quantidade de funcionários.
Fonte: Acervo pessoal (2012).

Foi possível perceber que a maior parte das propriedades tem em média de duas a dez pessoas. O que se explica por não serem propriedades tão grandes, e

então não necessitam de tantos trabalhadores para realização de todas as atividades.

Investigando aspectos relacionados à produção agrícola das propriedades pesquisadas, perguntamos qual o principal produto agrícola cultivado, além desses mais quais outros são cultivados, e para quem vendem sua produção agrícola.

O resultado que obtivemos foi que o principal produto na maioria das propriedades ainda é o café, o que já era esperado, porque o município tem uma forte tradição na produção de café, sendo este o principal produto agrícola da economia do município. Nove propriedades apontaram esse com o seu principal produto agrícola. Segundo o Incaper:

A Cafeicultura é a principal atividade econômica, sendo Venda Nova do Imigrante pioneira e referência na produção de cafés de qualidade superior. O Incaper, a iniciativa privada e a Cooperativa de Cafeicultores das Montanhas do Espírito Santo (Pronova) têm atuação marcante neste processo. (Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural Proater 2011 - 2013- Venda Nova do Imigrante, Incaper/Governo do Estado Secretaria da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca.p.15)

Os demais produtos citados dentre os principais foram: hortaliças, na propriedade da Pousada Bela Aurora, Morango, na propriedade Morango Gagno, tomate e banana, no projeto Guaçú-Virá, Orquídeas em duas propriedades, no Orquidário Caliman e na Casa das Orquídeas, uva na Família Tonoli, e milho e feijão na propriedade Fazenda Saúde. Apenas na propriedade da Tia Cila, ela alegou não manter nenhum tipo de produção agrícola. E estar só trabalhando com os quitutes para os turistas.

Esse resultado já era esperado. Porque, embora o município se destaque na produção do café, seu principal produto agrícola, também vêm crescendo a fruticultura e a olericultura.

Em seis propriedades pesquisadas não existe nenhum produto agropecuário além do principal. São elas: Casa das Orquídeas e Orquidário Caliman, produzem apenas as flores; Sítio Guaçú-Virá apenas as bananas e tomate; Tia Cila, não trabalha mais com produção agrícola.

Dentre os produtos agropecuários complementares existentes nas propriedades, os que mais se destacaram foram: milho, feijão e abacate, que

apareceram em cinco propriedades. O milho e o feijão apareceram nas propriedades das famílias Busato, Retiro do Ipê, Artesanto da Cláudia, Família Lorenção e Morango Gagno. O abacate também é produto complementar nas propriedades das famílias Busato, Retiro do Ipê, Altoé da Montanha, Sítio Raízes da Terra e Sítio Adega Tonole. O palmito pupunha apareceu em uma propriedade, a da família, Carnielli. outro produto também complementar dessa última propriedade é a madeira, ou eucalipto, que também está presente na propriedade Retiro do Ipê, além do pinus.

Quatro famílias disseram também manter a produção de frutas em suas propriedades, são elas: Altoé da montanha, Raízes da Terra, Sítio Adega Tonole e Pousada Bela Aurora.



Figura 17 - Propriedade Sítio e Adega Tonole.
Fonte: Agrotur (2013).

Três famílias também preservam a produção de hortaliças, a fazenda Saúde, que possui a produção dessas hortaliças para a utilização no restaurante que eles mantêm na propriedade. A Família Lorenção produz brócolis e tomate italiano, e o

sítio do Morango Gagno também mantém produção de hortaliças, que vendem na feira municipal.

O café apareceu como um produto complementar na propriedade da família Tonole. Onde o produto principal é a uva e seus derivados. O pesque-pague Ambrosim citou como produto agrícola complementar o pasto. Na Pousada Bela Aurora, a família também disse manter animais na propriedade.

A diversificação e a manutenção de produtos secundários dentro da maioria dessas propriedades é uma maneira de essas famílias diversificarem seus investimentos e sua renda, além de aproveitar os espaços e potencialidades existentes na propriedade. Isso também contribui para o Agroturismo, pois podem usar os produtos complementares na produção dos itens que fabricam, ou para serem vendidos em natura para os turistas, aumentando suas opções de venda. Acrescente-se a isso o quanto os produtos se tornam um atrativo aos turistas, que adoram ver as plantações e quando possível, entrar em contato direto com elas, na colheita por exemplo, de hortaliças, verduras, frutas, café, etc.

Interessamo-nos em saber para quem vendem essa produção agrícola principal e complementar que possuem, e vimos que algumas famílias se utilizam de várias estratégias na venda desses produtos, vendendo tanto no mercado municipal local quanto ampliando seus mercados através de venda a atravessadores, ou até mesmo para o mercado externo.

As famílias do Sítio Morango Gagno, e do Raízes da Terra, vendem sua produção agrícola na feira semanal do município, onde mantém suas barracas. Ao mesmo tempo essas duas famílias juntamente com a família do Altoé da Montanha, também vendem em feiras em outros municípios, em Vitória, por exemplo. A família Gagno ainda vende em sua casa para os turistas que sempre aparecem. A família Lorenção manda seus produtos agrícolas para serem comercializados no estado do Rio de Janeiro e em diversos pontos do nosso estado, incluindo a capital, Vitória. A propriedade da Pousada Bela Aurora, manda sua produção agrícola para ser vendida em Cachoeiro do Itapemirim. Algumas famílias se limitam a vender sua produção agrícola apenas no âmbito municipal. É o caso das famílias das propriedades: Sítio Ambrosim, Sítio Adega Tonole, Fazenda Saúde, Cláudia Artesanatos, Sítio Retiro do Ipê e Família Busato.

Alguns abrangem mercados maiores como a família Carnielli, vende seus produtos para todos os cantos do país, expandindo até para o mercado externo. Desse caso, é fácil achar produtos da marca Carnielli nos supermercados da Grande Vitória.

Enquanto isso algumas famílias disseram não vender suas produções agrícolas ou não ter, como é o caso da Tia Cila, que trabalha apenas com bolos e biscoitos vendidos aos turistas e visitantes. O Sítio Guaçú-Virá, que usa a produção agrícola toda no preparo de seus produtos que serão comercializados no Agroturismo; e o Orquidário Caliman e a Casa das Orquídeas que também só produzem as flores, que são vendidas apenas nas propriedades.

Vimos que ainda existem muitos produtores restritos ao município, mas vários deles já ampliaram seus mercados. O fato de não produzirem em grande escala é um dos fatores que explica a restrição ao mercado local. Porém, muitos produtores percebem uma valorização maior do produto em outros mercados e já começam a expandir seus pontos de venda.

Depois de descobrir para onde os produtores escoam suas mercadorias agrícolas passamos a questionar onde vendem os produtos específicos do Agroturismo, em quais mercados eles comercializam esses gêneros, sejam os artesanatos, os quitutes, ou os produtos beneficiados, como pó de café, fubá entre outros. A maior parte comercializa na própria lojinha em suas propriedades, em supermercados, padarias e feira no próprio município. Esse é o caso das: Família Busato; Fazenda Carnielli; Sítio Retiro do Ipê; Altoé da Montanha; Cláudia Artesanatos; Sítio Raízes da Terra; Sítio e Adega Tonole; Casa das Orquídeas; Orquidário Caliman, que quase não vende, pois trabalha mais com melhoramento genético; Sítio Guaçú - Virá que vende apenas na própria loja; Família Lorenção e Sítio Morango Gagno.

Alguns desses ainda ampliam um pouco seus mercados e vendem também em outros pontos dentro do estado, supermercados, restaurantes e principalmente em feiras na capital. É o caso das seguintes propriedades: Altoé da Montanha, Cláudia Artesanatos, Sítio Raízes da Terra, Fazenda Saúde, Família Lorenção e Tia Cila, que diz que “o mercado fora é muito melhor do que o municipal onde os produtos não são tão valorizados e a concorrência é muito grande”.

Outras famílias vão ainda mais longe, como é o caso da Família Lorenção e da Família Carnielli, que agora fazem vendas diretas pela internet, e então atendem a todo o país. O representante da família Carnielli disse ainda que eles fornecem produtos para muitos estados, sendo que hoje é possível encontrar o café Carnielli em supermercados de mais de 50% das capitais do Brasil.



Figura 18– Cacilda, propriedade da Família Lorenção, família faz vendas pela internet. Fonte: Agrotur.(2013).

Encontramos também o caso de algumas famílias que não vendem produtos relacionados ao Agroturismo, que participam da atividade ofertando outros atrativos, como é o caso das propriedades da Pousada Bela Aurora, que trabalha com a hospedagem e restaurante, mais que no futuro tem intenção de fabricar produtos relacionados ao mercado do Agroturismo e até mesmo manter uma lojinha na propriedade. Além do Sítio Ambrosim, que disse que seu produto no Agroturismo é o local, a hospedagem e o lazer ali presentes.

Foi possível ver nos resultados encontrados que os produtos relacionados ao Agroturismo abrangem mercados maiores do que aqueles produtos agrícolas tradicionais. Tal realidade se deve ao fato dos produtos fabricados por esses produtores possuírem um diferencial, são caseiros, tem qualidade, são receitas tradicionais. Estão dentro da tendência do *slow food*, produtos mais naturais, menos coisas industrializadas, o que tem passado a ser de interesse de muitos turistas. Portanto, cada vez mais comerciantes tem procurado ofertar esse tipo de produto, o que colabora para a expansão do mercado dos produtores do Agroturismo.

Queríamos saber quantos dos entrevistados eram associados da Agrotur (Associação do Agroturismo de Venda Nova do Imigrante) que é a associação mais importante e forte, da qual faz parte a maioria dos produtores que trabalham com o Agroturismo no município. Dos nossos 16 entrevistados, chegamos ao número de 12, ou seja, a maioria. O que só reforça sua importância e força junto às famílias que trabalham na atividade no município. Para entender melhor o que a associação desenvolve conversamos com Albertina Carnielli, presidente da Agrotur que falou das principais ações que a associação realiza em prol dos associados:

A associação busca a viabilidade de parcerias com: Prefeitura, Sebrae, Senac, Emcaper, Setur-ES e outros órgãos constituídos como a Ematur, buscando capacitação em todos os aspectos, atendimento, produção, marketing, ensino como calcular custos, preços. Também auxiliamos na participação em feiras, promoção de eventos, eventos de gastronomia, específicos de Agroturismo entre outros. Fazemos com que o associado se faça representar junto às entidades públicas e privadas. Além disso, a associação também realiza a intermediação da legislação, principalmente relacionadas à agroindústria, marketing, e divulgação para a captação de mais turistas. (Albertina Carnielli)

Além dessas medidas que já são realizadas a associação ainda almeja alcançar algumas metas que ela descreve abaixo:

A primeira meta é dar mais visibilidade a atividade dentro do município agora. Mantendo parceria com a prefeitura e desenvolvendo projeto nas escolas. Além de realizar cursos de capacitação para: frentistas, taxistas, garçons e outros agentes que atuem com o turista. Intensificar a sinalização das vias e pontos agroturísticos. Colocação do portal na entrada da cidade. Acompanhamento e orientação para os novos empreendimentos que estejam surgindo. Queremos realizar uma missão ao Sul do país para conhecermos o turismo de lá, e ter uma visão do que é diferente, assim podemos tomar o cuidado de não cometer os mesmos erros e ver o que é bom e adaptar a nossa realidade. Além de realizar vários eventos comemorativos aos 20 anos de Agroturismo no município. (Albertina Carnielli)

Como pudemos ver, a associação desenvolve uma série de atividades e ações que auxiliam tanto os associados como a atividade como um todo, divulgando o nome e o Agroturismo de Venda Nova do Imigrante. Dos entrevistados, apenas o

Sítio Morango Gagno, o Sítio Guaçú-Virá, Orquidário Caliman e Família Busato não participam da associação.

Aos entrevistados que fazem parte da associação, perguntamos qual era a importância dela para eles enquanto associados e em seus empreendimentos. As respostas versaram ao nosso entender em cinco eixos, que formulamos a partir das respostas dadas. O primeiro grande eixo diz respeito à divulgação. Seis representantes citaram ser essa a maior importância da associação, pois ela divulga muito as propriedades e os produtos nas feiras, através dos panfletos e etc. “Ajuda na divulgação, fica mais fácil divulgar a associação e todos os associados, do que se fossemos fazer isso individualmente. Além de facilitar a participação em feiras.” diz Priscila, do Sítio Retiro do Ipê. “Na verdade a associação foi um começo, tudo se deu através dela e agora é muito importante para a divulgação.” Alega Agnaldo, do Sítio Adega Tonole.

Quatro famílias disseram que a associação fortalece os produtores e a atividade. Que a representatividade que a Agrotur possui é muito importante para o crescimento do Agroturismo e o fortalecimento das propriedades e do grupo de produtores rurais que participam do Agroturismo. A representatividade perante órgãos públicos, e demais setores. “A associação é importante em termos de conjunto, todo mundo tem o mesmo intuito, e quando você precisa resolver alguma coisa tem o grupo para trabalhar junto,” afirma Cláudia, da Cláudia Artesanato. “A associação conscientiza da importância do associativismo, pois através dela podemos ter influência, nos fazemos ouvir, juntos somos mais fortes, e assim conseguimos crescer e ter sucesso na atividade,” diz Leandro, da Fazenda Carnielli. “Vejo a associação como uma referência de organização, facilitando acesso a órgãos público,” fala Lucia, daTia Cila.

Uma família citou o fato de a associação abrir caminhos, ela desbrava e alcança objetivos que sozinhos os produtores não atingiriam. “A atuação da associação é muito positiva, ela abriu muitos caminhos para a família, sem ela não iríamos tão longe.” Relatou Eliete, do Sítio Raízes da Terra.

Um produtor o Senhor Reginaldo Caliman da Fazenda Saúde, levantou o ponto de a associação exercer o importante papel de centralizar a atividade, tudo o que está acontecendo, buscando melhorias, reivindicando junto aos órgãos

competentes, enfim centralizar tudo que esteja ligado à atividade. Segundo ele a associação foca tudo.

Dois associados ressaltaram a questão de a associação oferecer cursos, colaborando para a constante capacitação dos associados, melhorando cada dia mais as propriedades e o atendimento aos turistas, melhorando a qualidade dos serviços ofertados. “A Agrotur é uma parceria que conduz e ajuda a desenvolver o projeto, além de oferecer cursos,” diz Francisco, do Sítio Ambrosim. “Ajuda na divulgação, além de promover palestras, cursos,” fala Eron, da Casa das Orquídeas.

Pelo que podemos constatar, através das respostas dos associados, a associação é importante para a atividade, auxiliando de diversas maneiras e fortalecendo os produtores como grupo, potencializando uma economia baseada no Agroturismo.

Em busca de descobrir a motivação dos produtores rurais a começar a desenvolver o Agroturismo fizemos o questionamento a eles sobre qual teria sido a principal motivação em aderir, e foram dadas as seguintes alternativas: A- Teve necessidade, pois a agricultura era insuficiente; B- Teve oportunidade de ampliar, apesar de considerar a agricultura suficiente; C- Resolveu investir para diversificar a produção agrícola; D- Outra.

Como resultado seis produtores responderam à alternativa C, ou seja, resolveram investir para diversificar a produção agrícola. Esses foram o caso: Sítio Adegá Tonole, Cláudia Artesanato, Sítio Ambrosim, Sítio Retiro do Ipê, Fazenda Carnielli e Altoé da Montanha. Dulce, representante do Altoé da Montanha, ainda disse mais: “Além de querermos diversificar, queríamos melhorar a renda”.

Três entrevistados responderam que seriam as alternativas A e C ao mesmo tempo. Porque sentiram necessidade, pois consideravam a agricultura insuficiente e então resolveram investir para diversificar a produção agrícola. Como podemos ver nas falas de alguns entrevistados. Bernadete da Família Lorenção disse: “Tivemos a necessidade, pois a agricultura era insuficiente então resolvemos investir para diversificar e não ficar só na produção agrícola.” Outra entrevistada, também falou nesse sentido:

A gente via a necessidade, porque só com a agricultura não dava, e depois resolvemos diversificar, além disso, era uma forma de o produto ficar mais conhecido, mais começamos no início mais por dificuldades mesmo. (Eliete, Sítio Raízes da Terra).

Os demais sete entrevistados responderam a Alternativa D- (Outra, com motivações variadas) como podemos perceber em algumas falas. O representante do orquidário Caliman, Domingos Sávio disse, por exemplo, que esta nunca foi sua intenção; que o Agroturismo aconteceu, que quando ele percebeu já estava recebendo turistas. Eron, representante da Casa das Orquídeas disse que viu na atividade uma oportunidade a mais, então resolveu participar. Grazieli, representante do Sítio Guaçú-Virá disse que resolveram entrar na atividade mais com o intuito de divulgação do trabalho, e para desenvolver parcerias com outros empreendimentos.

Outros relatos interessantes foram:

O italiano é assim, o homem tem e a mulher tinha que ficar esperando. A mulher tinha muita responsabilidade, então começamos fazendo alguma coisa pra vender e ai deu certo, assim começou, e também tinha a antiga feira de Venda Nova que nos incentivou e fez com que começássemos. (Lucia, da Tia Cila).

Na verdade queria agregar valor, as coisas que produzíamos, uma coisa agregando a outra. Para uma coisa ajudar a outra, pois com a agricultura fazemos os outros produtos que vendemos no agroturismo. (Elena, do Sítio Morango Gagno).

Na época que começamos só tinha o café, a minha mãe sempre produziu queijos, fubá, então fomos incentivados pelos vizinhos, a família Carnielli, que são nossos primos. (Carmem, da Família Busato).

Apesar de as motivações serem variadas podemos perceber que todos os proprietários buscavam melhorar suas condições e de suas famílias.

Descobrimos as motivações dos proprietários para começar a desenvolver o Agroturismo, mas queríamos saber mais, se algum membro externo, alguém de fora teria motivado os proprietários nessa nova empreitada. Sete entrevistados afirmaram que receberam motivação externa, foram eles: Sítio Retiro do Ipê, Família Busato, Família Lorenção, Cláudia Artesanato, Casa das Orquídeas, Sítio Adega Tonole e Sítio Morango Gagno. Dentre as motivações externas foram citados desde vizinhos que já participavam da atividade, Agrotur, Encaper, prefeitura municipal, Sebrae, e um muito citado, e considerado por alguns produtores, em suas falas o “pai do

Agroturismo”, Ronald Mansur¹³. Foram dele as primeiras reportagens nas propriedades do município divulgando a atividade.

Os demais nove entrevistados afirmaram não ter recebido nenhum incentivo externo para iniciar na atividade; afirmaram que a iniciativa foi própria, alguns até admitiram ter recebido incentivos, mas só após já terem ingressado no Agroturismo e já estarem desenvolvendo a atividade. Os que afirmaram não ter tido incentivos externos foram: Sítio Raízes da Terra, Orquidário Caliman, Sítio Guaçú- Virá, Tia Cila, Fazenda Saúde, Pousada Bela Aurora, Fazenda Carnielli, Altoé da Montanha e Sítio Ambrosim.

A maior parte dos entrevistados não recebeu esse incentivo no início, mas só depois que a atividade já estava sendo desenvolvida. O que percebemos é que no decorrer dos últimos 10 anos a atividade vem ganhando visibilidade e importância, logo tem sido mais incentivada pelos órgãos ligados ao turismo e ao desenvolvimento do campo, como a Secretaria Agricultura, Secretaria de Turismo Municipal, Emater, Emcapa, entre outros.

Outra forma de incentivo que gostaríamos de saber se eles tiveram foi o financeiro. Se para adotar o Agroturismo, alguma forma de incentivo dessa natureza foi recebido ou usado por esses produtores. Quinze entrevistados disseram não ter recebido nenhuma espécie de incentivo financeiro. Uma entrevistada, Cláudia, representante do Artesanato da Cláudia diz ter recebido uma oferta, mais não fez uso. Então, a princípio ninguém teve ou usou de incentivo financeiro para iniciar a atividade. Todos os empreendimentos começaram aos poucos na medida das possibilidades de cada família, o que também foi relatado pelos entrevistados informalmente durante as entrevistas. O que da mesma forma é uma característica do Agroturismo, que é uma atividade que não exige muito investimento inicial, pois começa com os atrativos que as propriedades já possuem.

Os proprietários não tinham feito uso de financiamento no início da atividade, mas questionamos se em algum outro momento eles fizeram financiamento para implementar o Agroturismo em suas propriedades, ou para impulsionar a atividade.

¹³ Jornalista e grande incentivador do Agroturismo no município, realizou muitas matérias sobre as propriedades de Venda Nova divulgando a atividade e encorajando novos produtores a participarem do Agroturismo.

Doze disseram que sim, foram eles: Família Lorenção, Raízes da Terra, Sítio Retiro do Ipê, Sítio Guaçú-virá, Família Busato, Tia Cila, Pousada Bela Aurora, Família Carnielli, Altoé da Montanha, Sítio Ambrosim, Sítio e Adega Tonole e Fazenda Saúde. O Pronaf Mulher, foi o tipo de financiamento mais citado pelos entrevistados. O que só corrobora para importância e a força da mulher no Agroturismo. Bernardete da Família Lorenção disse que realizou o primeiro Pronaf mulher do Estado. “Fiz o primeiro no estado, porque os juros eram baixos e a carência era grande, fiz porque faltava capital de giro”, afirma ela.

Quatro entrevistados não fizeram financiamento em nenhum momento. Foi o caso de Domingos Sávio, do Orquidário Caliman, Cláudia, da Cláudia Artesanato, Eron da Casa das Orquídeas, e Helena e o esposo do Sítio Morango Gagno. O que não significa que no futuro eles não possam fazer um empréstimo para poder ampliar as instalações e até mesmo investir para dinamizar a atividade, o que se percebeu nas entrevistas.

O fato de ter buscado investimento para melhorar as instalações, para melhor receber o turista, para atender normas de vigilância sanitária, ou até mesmo como foi citado, para ter capital de giro, não quer dizer que eles tenham descaracterizado a propriedade, ou feito obras de grande magnitude. Normalmente, esses proprietários fizeram esses empréstimos, quando se sentiram seguros de que poderiam cobri-lo com os recursos advindos do próprio Agroturismo e não fizeram grandes modificações. Portanto, só após a atividade estar mais consolidada é que tiveram a iniciativa de buscar o auxílio financeiro. Mas para aderir à prática do Agroturismo, todos fizeram mediante suas possibilidades e não contaram com capital externo.

Preocupamo-nos em entender como esses proprietários exploram o Agroturismo dentro de suas propriedades. E descobrimos que de todos os entrevistados cinco não exploram efetivamente outros atrativos, embora indiretamente, se utilizem das paisagens, da história das famílias, de seus traços culturais; eles recebem os turistas e vendem os produtos que fabricam. Esse é o caso da Casa das Orquídeas, que apenas vende as flores; Artesanato da Cláudia, que recebe na loja e vende seus diversos tipos de artesanato (figura19); Tia Cila, que também recebe na loja e vende seus pães, bolos e biscoitos; Orquidário

Caliman, que recebe turistas e estudiosos de orquídeas e bromélias, onde essas plantas podem ser admiradas e em alguns casos elas podem ser adquiridas, e o Sítio Raízes da Terra, que vende seus quitutes, como geleias, biscoitos, antepastos entre outros.



Figura 19 - Propriedade Cláudia Artesanato. Loja onde os turistas são recebidos.
Fonte: Agrotur.(2013)

Onze entrevistados exploram outros aspectos da propriedade, de forma mais efetiva. A maior parte explorando as amenidades da propriedade e lavouras, plantações, criações (como pode ser visto na figura 20, criações de vacas e galinhas, respectivamente nas propriedades: Família Busato e Fazenda Carnielli.), particularidades do campo, que muito interessam aos turistas.

No Sítio do Morango Gagno eles levam o turista para ver tudo que ele quiser na propriedade, principalmente a roça de morango. Na Fazenda Saúde eles têm como outros atrativos, o pesque-pague, pedalinhos, restaurante, aves, além das amenidades da propriedade, como ar puro e belas paisagens.



Figura 20 - Família Busato e Fazenda Carnielli, o animais como atrativos.
Fonte: Acervo pessoal (2012)

No Sítio e Adega Tonole eles mostram o parreiral, plantação de uvas, que é um belo espetáculo no período da safra. No Sítio Ambrosim, a propriedade é o produto, eles vendem a hospedagem e têm também o pesque pague e um bar. No Altoé da Montanha eles recebem na casa do sítio nos finais de semana, além do café colonial que agora funciona em local de mais fácil acesso. Na Fazenda Carnielli eles exploram a história da família, a produção de energia própria, palestras de educação ambiental, o uso de tecnologias, degustação de produtos e fazem visitas agendadas pela propriedade. Nas palavras de Leandro Carnielli, da Família Carneieli “O produto final se torna o melhor atrativo, o cultural é a história, dança, música. O turismo rural é essencialmente gastronômico”.

Na Pousada Bela Aurora além da hospedagem eles têm passeios a cavalo, trilhas, pedalinho, bicicleta, skibunda¹⁴. Na família Busato, eles realizam a visita ao curral, ao galinheiro que encantam principalmente as crianças. No Sítio Guaçú-Virá os turistas fazem trilhas, trabalham a questão da educação ambiental, expõem as atividades do centro de educação ambiental, como a fabricação do húmus de minhoca, etc, além de oferecerem hospedagem e alimentação. No Sítio Retiro do Ipê eles mostram a produção de leite, os animais, os cafezais, de acordo com a vontade do turista. Na Família Lorenção, se o turista quiser ver e se eles tiverem alguém que puder mostrar, estão sempre dispostos a atender aos anseios dos turistas, para, por exemplo, ver a plantação de lichia.

¹⁴Prática de escorregar pelo morro gramado em cima de um papelão. As crianças principalmente apreciam esse atrativo.



Figura 21 - Propriedade Família Lorenção, plantação de lichia na época da safra.
Fonte: Bernardete Lorenção (2012)

Dos cinco entrevistados que não exploram diretamente outros aspectos na propriedade, um, o representante do Orquidário Caliman, não o faz por que acha que para isso é necessário muito investimento, além de acreditar que isso pode atrapalhar a produção das flores, já que ele trabalha com melhoramento genético das orquídeas. Os quatro outros produtores que não exploram diretamente outros atrativos não o fazem por falta de mão de obra; todos alegam que está muito difícil conseguir pessoas para trabalhar no campo e ajudar em novas tarefas do Agroturismo. De uma forma ou de outra, todos exploram as paisagens do rural, e seus elementos do dia-dia, seus hábitos culturais com os quais os turistas têm contato ao entrar na propriedade, que são particularidades desses sítios e fazendas e que por si só já atraem aos turistas.

Dos onze que exploram outros aspectos turísticos, sete deles fazem isso atendendo uma demanda dos turistas. É o caso da Família Busato; Sítio Retiro do Ipê; Família Lorenção; Sítio e Adega Tonole; Fazenda Saúde; Pousada Bela Aurora e Sítio Morango Gagno. Carmem, a representante da Família Busato disse “O turista quer ver as coisas que ele tá comprando”. Elena, representante do Sítio Morango Gagno também disse nesse sentido: “É mesmo pra uma coisa complementar a outra, não adianta comprar o morango e não ver a plantação, os turistas gostam de ver, chegar perto”.

Três deles exploram outros aspectos visando aumentar os rendimentos, é o caso do Altoé da Montanha que disse fazer isso também por satisfação, de estar mais próximo aos turistas os quais, em muitos casos, se transformam em amigos.

Na Fazenda Carnielli, Leandro disse que no início fizeram para aumentar a renda, e conseqüentemente, depois gerar mais oportunidades. No Sítio Ambrosim, como a propriedade é o principal produto, as demais atividades, como o pesque-pague, o bar e a hospedagem ampliam a renda.

A responsável pelo Sítio Guaçú-Virá disse que no início o intuito da propriedade era ser um pólo de educação ambiental, e para desenvolver esse projeto passaram todos os problemas e todo o processo de uma pequena propriedade. Então, foram desenvolvendo todas as atividades que pudessem fomentar o pólo de educação ambiental, e agora que se envolveram no Agroturismo também estão estruturando mais todas as outras atividades que oferecem.

Um dos questionamentos que fizemos está relacionado a algum problema para a incorporação do Agroturismo, isto é, se tiveram dificuldade no início e quais foram essas dificuldades. Sete proprietários disseram que sim, enfrentaram dificuldades. Alguns assim relataram: “No início fomos caminhando devagar e ainda tinha o problema da mão de obra que existe até hoje,” disse Lucia, da Tia Cila. “Foi um tanto difícil porque não tínhamos experiência, mas montamos uma equipe experiente e estamos aprendendo todo dia,” falou Elizete da Pousada Bela Aurora. Em fala foi abordada a dificuldade de acesso devido à falta de informações de como chegar: “A dificuldade era de o turista chegar até aqui, dificuldade de localização,” relatou Elena, do Sítio Morango Gagno.

Outra falou do fato de atender as exigências e adequações à legislação e normas de produção de órgãos de fiscalização, como a vigilância sanitária e o IDAF. “As dificuldades foram as adequações às normas todas, até chegarmos ao ponto final demorava um pouco, mas agente chega. Dinheiro também foi uma dificuldade,” disse Bernadete, da Família Lorenção. Já a representante do Sítio Retiro do Ipê, retrata outra dificuldade que começa dentro da própria família, a resistência dos homens que achavam que o Agroturismo poderia gerar problemas na propriedade. Além dessa, ela citou o fato da dificuldade de colocar o produto no mercado. “No início os homens não queriam, achavam que ia ser inconveniente. E para a venda, para implantar o produto no mercado foi difícil,” relatou Priscila, do Sítio Retiro do Ipê.

Em outra propriedade, também foi falado da dificuldade de colocar o produto no mercado. “Foi difícil no início a aceitação dos produtos de conhecer a propriedade, os vizinhos já eram conhecidos, o que nos ajudou foi a antiga feira do município” falou Carmem, da família Busato. Leandro, da Fazenda Carnielli, abordou o fato da perda de privacidade ao abrir a propriedade e o fato de vencer um preconceito muito comum nas famílias tradicionais dos descendentes de italianos, aquele em que os papéis eram muito definidos: a mulher ficava em casa cuidando só dos afazeres domésticos e do bem estar de sua família, e o homem saía para a lavoura para prover a renda.

Com o Agroturismo isso passou por algumas mudanças as mulheres passaram a ter outras atividades e a contribuir na renda familiar. “Os maiores problemas estavam na parte social. Você abre a propriedade e ela passa a ser de todos. Você perde os finais de semana, a briga social de ficar em casa ser coisa de mulher, a atividade deu espaço e valorização a elas,” disse Leandro, da Fazenda Carnielli.

Os demais nove entrevistados disseram não ter enfrentado nenhum problema para iniciar na atividade; eles alegam que as coisas foram acontecendo na medida das possibilidades; foram fluindo sem dificuldades. Isso foi o que encontramos nas propriedades: Raízes da Terra; Orquidário Caliman; Cláudia Artesanato; Casa das Orquídeas; Fazenda Saúde; Sítio Adega Tonole; Sítio Ambrosim; Sítio Guaçú- Virá e Altoé da Montanha.

Mais um aspecto que gostaríamos de estar inteirados era sobre o número de pessoas que trabalham nessas propriedades apenas como atividades relacionadas ao Agroturismo, e quantas delas eram da família. Trezes propriedades têm até 10 pessoas trabalhando com tarefas ligadas ao Agroturismo. São elas: Altoé da Montanha, Sítio Ambrosim, Sítio Guaçú-Virá, Pousada Bela Aurora, Casa das Orquídeas, Família Lorenção, Tia Cila, Orquidário Caliman, Sítio Adega Tonole, Sítio Morango Gagno, Sítio Retiro do Ipê, Cláudia Artesanato e Sítio Raízes da Terra. Das treze propriedades as últimas cinco tem mão de obra exclusivamente familiar, ou seja, todas as pessoas que trabalham com as atividades do Agroturismo são da família.

Apenas três propriedades têm mais de 10 pessoas trabalhando com atividades relacionadas ao Agroturismo, que é o caso da Fazenda Carnielli que possui quarenta funcionários e dez pessoas da família; Fazenda Saúde com dez funcionários e mais quatro pessoas da família e a Família Busato que tem vinte pessoas trabalhando e desses 10 são da família.

O que podemos ver com os resultados encontrados nessa questão é que o Agroturismo é uma atividade que não gera um número muito grande de empregos diretos. Exatamente por ter um caráter familiar, a atividade geralmente é desenvolvida por membros da família e eventualmente quando crescem necessitam de um auxílio e buscam mão de obra fora. Mas por enquanto exceto na Fazenda Carnielli, não envolve um número muito grande de funcionários. O número de empregos indiretos gerados por ela é bem grande e em diversos setores da cidade, como no comércio varejista, postos de gasolina, hotéis, restaurantes entre outros, pois o maior número de visitantes na cidade proporciona mais postos de trabalho nesses setores.

Questionamos a esses proprietários se por conta do Agroturismo eles teriam resgatado alguma coisa que estava escondida, objetos antigos, fotos, instrumentos de trabalho, receitas tradicionais das avós, e até mesmo a história da família em função da atividade e dos turistas. Treze proprietários disseram que sim, que resgataram objetos antigos, a história da família, estão fazendo novamente receitas que estão na família a muitas gerações. E esse resgate está visível nas propriedades visitadas. Em todas elas, você encontra fotos dos antepassados, instrumentos de trabalho incorporados na decoração das lojas, e é só perguntar que esses moradores falam com facilidade e certo orgulho em contar a história de seus antepassados. Separamos algumas respostas para ilustrar o que encontramos.

A questão do resgate foi fantástica, no turismo cultural você vende a história, os móveis, objetos a história da família foi 100% resgatada (Leandro da Fazenda Carnielli).

Nunca teve muita coisa antiga, mas passamos a dar mais valor a balaios antigos, objetos assim. O turismo vive de história, o turista quer saber da história então passamos a dar mais valor, a usar nossos antigos objetos na decoração (Carmem, da Família Busato).

Sim, resgatamos e ainda vamos usar muitas coisas da família: fotos, móveis, objetos, o que temos damos muito valor. O coador da vovó, o pilão o engenho. (Francisco, do Sítio Ambrosim).



Figura 22 - Instrumentos de trabalho, objetos antigos e fotos na ornamentação nas respectivas propriedades: Fazenda Carnielli e Sítio Retiro do Ipê.
Fonte: Acervo pessoal (2012).

Três entrevistados disseram não ter resgatado coisas antigas, esses casos foram pontuais e se justificam. A Casa das Orquídeas e o Orquidário Caliman, não tem a mesma característica das demais propriedades. O espaço em que recebem os turistas são viveiros de plantas e não favorecem esse resgate. E por último temos o caso da Pousada Bela Aurora, que ainda não fez esse resgate. Elizete, levantou uma questão interessante: o fato de os pertences antigos da família terem ficado com os filhos mais velhos, tradição entre os descendentes, então o que eles têm é a história. Mesmo assim ela manifestou ter interesse, e disse que em breve irá montar um espaço para preservar suas tradições e história, as quais dá muito valor.

Com essas respostas podemos perceber que o Agroturismo tem colaborado bastante para o resgate¹⁵ da cultura e das tradições dessa população, pois depois do início da atividade coisas que estavam no paiol, escondidas, passaram a ser importantes e ter valor novamente, além do mais o resgate dessas histórias faz a memória dessas pessoas permanecer sempre viva.

Indagamos junto a esses mesmos proprietários se teriam vontade de ir morar na zona urbana do município de Venda Nova do Imigrante, ou até mesmo ir para uma grande cidade. E mais uma vez tivemos unanimidade nas respostas. Todos responderam não sentir vontade nenhuma de fazer essa mudança; que adoram o lugar em que vivem e que por espontânea vontade não sairiam dali. Todos valorizam muito a tranquilidade que o rural oferece, em detrimento da agitação e vida conturbada dos centros urbanos, na visão deles.

Algumas falas demonstram esse amor e essa vontade de permanecer: “Para morar num grande centro e ter o padrão de vida que temos aqui tem que ter muita renda, e além do mais não teria nossa tranquilidade,” disse Lucia, da Tia Cila. “Não tenho vontade, amo esse lugar, temos tudo que precisamos para ser feliz aqui,” Falou Bernadete, da Família Lorenção. “Não tenho nenhuma vontade, não troco meu canto por nada,” afirmou Carmen, da Família Busato.

Após analisar todas as respostas que encontramos, conseguimos conhecer e caracterizar o grupo em questão levantando aspectos referentes a essas propriedades e a forma como o Agroturismo tem sido praticado nas mesmas, identificando algumas mudanças que começam a surgir em virtude do Agroturismo. Conhecendo a realidade do município podemos inferir, ou estender o resultado encontrado como coerente para a maioria das propriedades e para a maneira como a atividade no geral têm se realizado no município como um todo.

As propriedades de Venda Nova do Imigrante que praticam o Agroturismo em sua esmagadora maioria, são pequenas propriedades, o que é uma característica do município que têm sua estrutura agrária composta por maior número de estabelecimentos pequenos. O tamanho das propriedades pode, sim, estar

¹⁵ Há uma resignificação dos objetos que estavam esquecidos, ou guardados, e que com a prática do turismo assumem novamente destaque na vida e propriedade das famílias. O que acontece também com as práticas culturais deixadas pelos antepassados.

relacionado com a busca por uma nova atividade para poder otimizar as possibilidades que a propriedade oferece, ampliando a renda e melhorando as condições de vida através de uma nova atividade que não a agricultura tradicional, que as vezes já se encontra em sua exploração máxima dentro do espaço, ou não está possibilitando ganhos suficientes, além de ser mais cansativa.

A maioria dos nossos entrevistados foram mulheres, que como vimos tem um papel importantíssimo no Agroturismo. Não só nos estabelecimentos visitados mas no município como um todo é muito comum ao falar do Agroturismo ver como o papel da mulher é ressaltado. As mulheres são agentes imprescindíveis nesta atividade; elas muitas vezes comandam todas as etapas necessárias para que o Agroturismo aconteça. São as guardiãs das receitas de família, que passam de geração em geração, aliás, esses são os produtos típicos que fazem mais sucesso entre os turistas. Elas também dão um caráter acolhedor às propriedades, recepcionando os visitantes, além de a atividade ter proporcionado uma melhora na autoestima delas que passaram a contribuir financeiramente na renda de suas famílias.

A idade média dos entrevistados gira em torno dos 43 anos. Ou seja, são produtores maduros, com experiência e vivência do ambiente rural em boa parte, se não ao longo de toda sua vida. E chama a atenção a pequena participação e envolvimento por parte dos jovens nessa atividade. Sentimos que essa também é uma preocupação dos produtores entrevistados, que se questionam se seus filhos vão querer dar continuidade no trabalho que eles estão desenvolvendo.

O nível de instrução predominante é o segundo grau completo, comum nessa geração, pois é o grau máximo de instrução que era oferecido em cidades pequenas como Venda Nova do Imigrante na época em que esses produtores estavam em idade escolar. Só recentemente, a cerca de dez anos é que surgiram os primeiros estabelecimentos educacionais de nível superior no município. Mas como já discutido não quer dizer que sejam pessoas despreparadas ou sem instrução para desenvolver o Agroturismo, eles estão sempre passando por cursos de capacitação voltados para esse tipo de atividade, ofertados através da Agrotur, Sebrae, entre outros.

A maioria dessas famílias ainda vê na figura paterna o chefe da família. Que como vimos também está ligado à tradição deixada pelos imigrantes, onde o homem era o chefe, ele controlava e geria tudo, das finanças as decisões de tudo que envolvia a família. Na sua ausência, as famílias mantêm um grande respeito às matriarcas, as *nonnas*, que como vimos apareceram nas respostas de alguns entrevistados.

As propriedades pertencem a essas famílias no geral a mais de 20 anos, muitas a mais de 50 anos. Essas terras, em vários casos, foram adquiridas por herança, estando na família a várias gerações. Além disso, são propriedades que por serem pequenas não necessitam de muita mão de obra, tanto que a maior parte delas tem de 6 a 10 pessoas realizando todas as atividades necessárias ao funcionamento das mesmas.

O tipo de produção predominante no maior número de propriedades é o café, mais surgem novos produtos, com destaque para fruticultura e olericultura, culturas em crescimento no município. Em matéria de produtos complementares, ou produções secundárias nas propriedades, vimos que seis delas não apresentam nenhuma outra produção agrícola além do produto principal, e as demais possuem, sendo os produtos mais citados: milho, feijão, abacate, além de frutas e eucalipto. O que é uma forma de eles diversificarem a produção, aumentarem sua renda, além de tornar alguns desses produtos em matéria prima para ser utilizada na produção de artigos que são vendidos no Agroturismo. A maior parte dessa produção agrícola é comercializada dentro do âmbito municipal, mas alguns produtores vendem em nível estadual e alguns poucos, extrapolam chegando a outros estados. Já no que diz respeito à produção dos artigos que vendem no Agroturismo, um número maior de produtores já atinge mercados mais distantes. A maioria já vende em outros pontos do Espírito Santo, e alguns vendem para muitos outros estados, além de realizar vendas pela internet.

Quanto à participação na Agrotur, vimos que a maioria dos entrevistados doze deles são associados, e veem na associação diversas contribuições para eles e seus empreendimentos. Os principais citados foram: divulgação, capacitação através de cursos, força enquanto grupo, representatividade com órgãos competentes. Além disso, vimos às atividades que a associação já desenvolve e os

próximos passos que pretende alcançar o que mostra a força e a importância dessa associação para o Agroturismo no município.

Alguns pontos ficaram mais claros. Os produtores pesquisados tiveram motivações variadas para o início da atividade, mas boa parte delas estão relacionadas a tentativas de melhorar as condições de vida, diversificando a fonte de renda, visando aumentá-la. Os proprietários não viam muitas perspectivas se continuassem apenas com a agricultura da maneira como estavam. Alguns proprietários tiveram motivações externas, como o incentivo de vizinhos que já estavam praticando a atividade, ou até mesmo de pessoas como o Jornalista Ronald Mansur, que viam muito potencial nessas propriedades. Outros proprietários começaram na atividade apenas por iniciativa própria buscando mesmo melhorar suas condições de vida. Todos os proprietários iniciaram a atividade apenas com recursos próprios, não tendo incentivo financeiro nesta fase inicial de implantação do Agroturismo. Porém, boa parte deles fez uso de financiamentos, principalmente o Pronaf Mulher, para poder implementar melhorias na propriedade, seja para construir as lojinhas dentro das propriedades, reformar antigas instalações, ou até para ter capital de giro.

Vimos também que os proprietários desenvolvem o Agroturismo de forma diferenciada. Alguns não fazem uso direto de outras potencialidades da propriedade apenas recebem os turistas, quando percebem interesse contam a história de suas famílias, falam de questões culturais e vendem os produtos nas lojas que mantêm em suas propriedades, não realizando visita às plantações, etc. Outros, além de receber e vender os produtos, exploram outros aspectos da propriedade, fazendo passeios, mostrando as atividades do dia-dia dentro das propriedades, alguns tem pesque-pague, restaurante, outros oferecem hospedagem. Os que não exploram outros aspectos diretamente, dizem não fazê-lo por falta de mão de obra. E os que oferecem esses outros atrativos disseram fazer isso para atender uma demanda dos turistas e visando aumentar sua renda.

Alguns proprietários admitiram ter enfrentado alguns problemas para iniciar o desenvolvimento do Agroturismo em suas propriedades, entre eles foram citados problemas para se adequar às legislações, dificuldade de implantar seus produtos no mercado, aceitação dos próprios familiares. Mas muitos disseram que não

enfrentaram problemas porque foram começando aos poucos na medida de suas possibilidades. O que alguns acreditam ser a receita do sucesso da atividade no município como vemos na fala da secretária de turismo “A única coisa que começa de cima é buraco. A atividade começou devagar e foi crescendo, se estruturando. Acredito que esse sim seja o segredo do sucesso da atividade no município.” (Claudete Bellon, Secretária Municipal de Turismo)

Na maior parte das propriedades o número de pessoas trabalhando com atividades relacionadas ao Agroturismo é de até dez pessoas, em muitas delas só existem pessoas da família, mais uma vez reforçando o caráter familiar da atividade. Vimos que ocorreu o resgate de alguma tradição, sejam objetos, instrumentos de trabalho, receitas, fotos, ou até mesmo a história de suas famílias, em virtude do Agroturismo. O que nos mostra que a atividade tem contribuído para manter viva a história e a memória dessa população.

Nenhum dos proprietários disse ter vontade de sair do rural, das suas propriedades e ir para a zona urbana de Venda Nova do Imigrante ou para uma grande cidade. Todos mostraram vontade de permanecer onde estão demonstrando um apreço pelo seu local de moradia. O Agroturismo está contribuindo para que eles fiquem no rural, mas com melhores condições de vida e com um acréscimo na renda.

4.4- UM BALANÇO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES ORIUNDAS DA ADESÃO AO AGROTURISMO.

Neste momento cabe dizer o que elegemos como mudanças, dando mais ênfase às mudanças econômicas, estruturais e culturais, a partir da visão dos moradores do rural, tanto dos proprietários como funcionários, pessoas diretamente relacionadas com o Agroturismo e com vivência do espaço rural. Baseamos-nos nas respostas encontradas em campo e no contato com os entrevistados para chegar às constatações que expomos em seguida.

Abordaremos primeiramente as transformações econômicas que aconteceram no rural, a partir das percepções dos nossos entrevistados. As mudanças

econômicas as quais nos referimos estão relacionadas ao acréscimo da renda dessas famílias que a atividade vem gerando, queda da valorização da agricultura tradicional, que também pode ser um motivador para que os proprietários tenham aderido ao Agroturismo, e a geração de emprego que possa estar surgindo por conta da atividade e que dinamiza economicamente não só o rural, mas o município como um todo, a exemplo de setores do terciário.

Buscando entender se o início da prática do Agroturismo tinha relação com uma queda da rentabilidade do setor agrícola tradicional, perguntamos aos entrevistados, de acordo com a experiência e vivência deles no meio rural com o ramo agrícola, como eles classificariam a rentabilidade da agricultura atualmente, comparando com vinte anos atrás, quando não havia Agroturismo no município.

Treze entrevistados foram categóricos em dizer que piorou. Muitos deles ressaltam que se continuassem apenas com a agricultura da forma que era antes, não conseguiriam sobreviver no campo, ou não teriam as mesmas condições de vida que possuem hoje com a atividade do Agroturismo. Colocamos a seguir algumas falas que ilustram o que estamos afirmando. “Só da agricultura por aqui não se vive não,” disse, Lucia, da Tia Cila. “Ah, só da agricultura não sobrevive,” falou Bernadete, da Família Lorenação. “Se a família tivesse que viver da agricultura apenas, não teria as mesmas condições que temos hoje com os valores agregados da atividade do Agroturismo,” afirmou Dulce, do Altoé da Montanha. “Embora hoje você tenha mais facilidade para trabalhar na agricultura, mas você não faz mais dinheiro como antigamente,” relatou Elizete, da Pousada Bela Aurora. Outra resposta, muito interessante que tivemos, e que também acredita que a rentabilidade da agricultura piorou foi da responsável pela propriedade Sítio Guaçú-Virá:

Economicamente está piorando, sobretudo para o pequeno produtor, que tem dificuldade de escoar a produção, ter o capital de giro. Hoje a propriedade com a agricultura não se manteria. A quantidade de defensivos que precisa ser aplicada é muito grande. E como a agricultura orgânica tem um custo maior e não conseguimos agregar os custos na hora de vender no mercado local não conseguimos essa valorização. (Grazieli, Sítio Guaçú-Virá)

Outros alegam a dificuldade em se conseguir mão de obra, pessoas que queiram trabalhar no campo, além da dificuldade de manter esses funcionários já

que os encargos trabalhistas acabam por tornar inviável financeiramente a presença desses funcionários. “Piorou um pouco, mão de obra e custo de mercadoria. O que adquirimos há 20 anos atrás com a renda que a agricultura dava, se estagnou, não se compra as mesmas coisas com esse dinheiro. O café apenas se mantém.” Afirmou Francisco, do Sítio Ambrosim. Outros acreditam que o panorama ainda deve piorar, como disse o representante da Casa das Orquídeas: “Piorou e ainda vai piorar, falta mão de obra e preço da mercadoria só vai caindo.” Falou Eron, da Casa das Orquídeas. Outros dois entrevistados destacam que fazendo um balanço geral piorou, mas que em alguns aspectos teve uma melhora. “Piorou em alguns aspectos e melhorou em outros, depende do ramo, quem trabalha com produção mecanizada melhorou,” disse Priscila, do Sítio Retiro do Ipê. “Em termos de café, abacate, as culturas de antes piorou muito. Só sobrevive quem inova,” falou Agnaldo, do Sítio Adegá Tonole.

Apenas uma entrevistada disse ter melhorado, a representante do Sítio Morango Gagno. Segundo ela, o fato de os produtores rurais estarem mais ligados às novidades no campo, participando de associações e cooperativas faz com que ele esteja mais preparado e, portanto, melhore sua renda. Segundo ela:

Quando você começa a participar de associação e cooperativa melhora muito. Mas se fosse para ser como era antes não dava não. Para o pequeno produtor da agricultura o caminho é o turismo, associação, cooperativa, sozinho você não vai a lugar nenhum. (ELENA, Sítio Morango Gagno)

Uma entrevistada, a representante do Sítio Raízes da Terra, Eliete, disse que continua a mesma coisa, segundo ela para eles que não produzem muito, não faz diferença. Até porque eles usam praticamente tudo que retiram da agricultura para fabricar os produtos da agroindústria, ou seja, para produzirem os quitutes que serão vendidos no Agroturismo. A renda deles não vem diretamente da agricultura, portanto: “Continua igual porque não produzimos muito. E não dependemos mais da agricultura, a renda mesmo vem da agroindústria,” assegurou Eliete, do Sítio Raízes da Terra.

Buscando entender a importância e a representatividade do Agroturismo na renda, ou seja, economicamente e na propriedade dessas pessoas, perguntamos como eles acreditam que estaria sua renda e propriedade se não tivessem adotado o Agroturismo. Ou seja, se tivessem permanecido com as mesmas atividades de antes, com atividades ligadas à agricultura e a criação de animais, que eram as únicas fontes de renda antes do Agroturismo.

Nenhum entrevistado disse acreditar que a renda e a propriedade estariam melhores sem o Agroturismo. Mostrando que todos, de uma maneira ou de outra, reconhecem a importância da atividade, seja para a melhoria da propriedade ou da renda.

Doze entrevistados foram categóricos em afirmar que sem o Agroturismo, sua propriedade e renda estariam piores. Reconhecendo que esta atividade foi fundamental para a melhoria de ambos. Os depoimentos mostram que o Agroturismo possibilitou uma melhoria no padrão de vida que só a agricultura não iria possibilitar, em alguns casos eles até mesmo afirmam que o Agroturismo possibilitou a permanência da família no campo, pois só com a agricultura eles não teriam condições de manter todos os membros da família e precisariam sair para conseguir melhores condições de vida para todos.

Sem o Agroturismo nós íamos estar muito mal. Essa atividade te dá um padrão de vida muito bom. É difícil o dia que não entra dinheiro, agora conseguimos muitas coisas. (Lucia, da Tia Cila).

Acho que se não fosse o Agroturismo não estaríamos mais aqui. (Cláudia, da Cláudia Artesanato).

Acho que sem o Agroturismo já tinha vendido tudo, não daria para pagar as contas. (Elena, do Sítio Morango Gagno).

Hoje o que mantém a propriedade é o Agroturismo (Reginaldo, da Fazenda Saúde).

Sem o Agroturismo, eu não estaria aqui, estaria trabalhando fora, e minha mãe também, nossa renda não seria a mesma, mas talvez a propriedade estivesse a mesma coisa, porque as atividades dela são mantidas pelos homens da família. (Priscila, do Sítio Retiro do Ipê)

Eu não estaria aqui sem essa atividade nem os outros irmãos, e também não sabemos se no futuro nossos filhos vão estar. As crianças de hoje não mostram interesse em continuar esse trabalho. (Carmem, da Família Busato).

Acredito que só teria um irmão aqui na propriedade e o restante fora, hoje estamos em seis aqui. Além disso, teriam pouquíssimas pessoas trabalhando e a propriedade estaria em decadência, como outros ao nosso redor. (Leandro, da Fazenda Carnielli).

Os demais proprietários que também deram respostas nesse mesmo sentido foram: Sítio Raízes da Terra, Sítio Adega Tonole, Sítio Ambrosim, Família Lorenção e Altoé da Montanha.

Quatro entrevistados disseram acreditar que a propriedade e a renda não estariam muito diferentes sem a atividade. São propriedades com um diferencial, como o Orquidário Caliman, Casa das Orquídeas, onde o foco principal é a venda das flores. O Sítio Guaçú- Virá, que é um pólo ambiental. Ou propriedades que passaram a desenvolver a atividade recentemente, e ainda não tiveram como fazer um balanço mais profundo dos impactos do Agroturismo, como a Pousada Bela Aurora. As respostas de Alguns deles encontram-se a seguir:

Acredito que ia estar à mesma coisa, porque o Agroturismo não é o nosso foco e não vendemos muito, trabalhamos com melhoramento genético. (Domingos, do Orquidário Caliman).

Acho que não seria tão diferente, talvez tivesse menos movimento. (Eron, Casa das Orquídeas).

Não teria tanta mudança, a pousada se manteria, mas como só temos dois anos é cedo para falar em grandes mudanças. (Elizete, da Pousada Bela Aurora).

O polo e as atividades foram implantadas independentes, o Agroturismo influenciou na divulgação. Tudo já era realizado antes. Não sentimos muita diferença, até porque atendemos grupos e não turistas individuais, também não abrimos aos domingos. (Grazieli, do Sítio Guaçú-Virá).

Grande parte dos proprietários salientou que o Agroturismo está possibilitando a permanência de mais membros da família na propriedade, o que colabora para diminuir o êxodo rural, um dos benefícios que a atividade pode gerar e como comprovamos se verifica em alguns casos.

Buscando saber se os moradores sentiram mudança em alguns aspectos após o início do Agroturismo, perguntamos se eles acreditavam que aconteceu uma melhora na geração de empregos no rural. Quatorze deles disseram acreditar que

houve melhora; que a atividade gerou mais empregos, talvez não muitos de forma direta, mas indiretamente. Eles lembram sempre que a atividade faz parte de uma cadeia, refletindo em mais turistas no município, o que leva mais pessoas ao comércio local e nos demais setores também. Apenas uma entrevista, a da representante do Sítio Guaçú- Virá, disse que não houve mudança na geração de empregos após o desenvolvimento do Agroturismo, pois acredita que por ser uma atividade de caráter familiar, há pouca contratação. E um entrevistado, representante da Casa das Orquídeas não quis opinar sobre essa questão alegando não estar inteirado sobre isso. Portanto, o que vimos é que eles perceberam uma transformação nesse aspecto, vendo que a atividade gera, sim, mais empregos.

Quanto à geração de renda, para saber se especificamente no aspecto financeiro a atividade tinha melhorado a vida dessas pessoas, tivemos unanimidade entre os entrevistados em dizer que a atividade melhorou sua renda. Todos eles fizeram questão de dizer que após o início do Agroturismo em suas propriedades a renda aumentou. Mesmo os quatro entrevistados que disseram na questão anterior que acreditavam que sua renda e propriedade não estariam muito diferentes sem o Agroturismo, responderam que a atividade proporcionou uma melhoria na renda. O que nos leva a crer que eles podem não ter entendido de forma correta a pergunta, ou que quando diz respeito apenas à renda eles percebem de forma mais significativa uma diferença, uma melhora. A fala da representante do Sítio Guaçú-Virá, chamou atenção: “Aumenta a renda porque é um produto de valor agregado” disse Grazieli, do Sítio Guaçú-Virá.

É fato que os produtores encontraram uma fonte de renda extra nessa atividade, e em algumas propriedades ela já está até mesmo superando a renda vinda da agricultura, que às vezes é mantida para servir de matéria prima para a agroindústria, que essas famílias passam a desenvolver. O Agroturismo contribuiu para uma melhora na renda dessas famílias como constatamos.

Quando nos referimos às mudanças na estrutura, buscamos identificar se as propriedades realizaram modificações em suas instalações, se transformaram sua estrutura, se alteraram a fisionomia das propriedades em virtude do Agroturismo.

Treze entrevistados disseram que sim, que fizeram modificações nas estruturas que possuíam anteriormente. As mais destacadas foram as construções

da loja nas propriedades, a questão da jardinagem e paisagismo que tem sido mantidos com cuidado e zelo, pois os turistas reparam muito nesse aspecto, adequação nos locais de produção para atender as especificações da vigilância sanitária e a melhoria das instalações para os turistas, como a adequação de banheiros, bebedouros, tudo para atender os turistas com mais qualidade e conforto.

Segundo algumas falas:

Fizemos adequação da cozinha, trabalhamos a arborização, paisagismos e construímos uma casa. (Dulce, do Altoé da Montanha).

Abrimos a estrada, construímos a loja, tudo que pudemos para melhorar sempre e receber bem o turista. (Priscila, do Sítio Retiro do Ipê).

Fizemos a loja e melhoramos a jardinagem, limpeza, as flores que os turistas observam muito. (Bernadete da Família Lorenção).

Fizemos modificações na cozinha e na sala de embalagens, procuramos também manter sempre boas as estradas. (Elizete, Sítio Raízes da terra).

Adaptamos a cozinha, para respeitar todas as normas, a garagem virou loja, e ainda vamos fazer mais, queremos ampliar o local de atendimento na nossa propriedade. (Elena, Sítio do Morango Gagno).

As demais famílias que também disseram ter realizado modificações foram: Fazenda Carnielli; Família Busato; Sítio Ambrosim; Sítio e Adega Tonole; Pousada Bela Aurora; Cláudia Artesanato e Tia Cila. Podemos perceber que as modificações na estrutura das propriedades não foram muito grandes e também não poderiam ser, uma vez que este tipo de turismo preza pela originalidade e pelas peculiaridades do rural que estes ambientes possuem. Mas percebemos que existe uma preocupação por parte dos proprietários de melhorar a estrutura visando melhor atender os turistas para que eles sempre voltem.

Três entrevistados disseram não ter feito nenhuma modificação em suas instalações ou propriedade devido ao Agroturismo. Foi o caso do Orquidário Caliman; Casa das Orquídeas e da Fazenda saúde. Como observamos na fala de alguns deles: “Não precisamos fazer nenhuma modificação na propriedade; já dava para atender os turistas da forma que estava,” falou Eron, da Casa das Orquídeas. “Não fizemos nenhuma modificação, o turista que quer vem até aqui e aprecia as orquídeas,” disse Domingos do Orquidário Caliman. O representante da Fazenda Saúde, disse que não fez modificações na propriedade, mas foi possível observar a reforma importante que fizeram no restaurante da propriedade.

Isso só colabora para reforçar uma característica da atividade, que não visa fazer grandes modificações nas propriedades, pois os turistas buscam a simplicidade e os aspectos mais ligados ao rural, se preocupando principalmente com a proximidade com a natureza. O que colabora para a manutenção da identidade das propriedades que fazem modificações, porém não muito significativas para não descaracterizar o local, além de contribuir para a preservação ambiental, que passou a ser uma preocupação maior dos proprietários.

Sobre as melhorias percebidas pelos entrevistados em suas propriedades após terem começado a desenvolver o Agroturismo, chegamos ao seguinte resultado: no geral o aspecto mais ressaltado por eles foi sobre a melhoria no aspecto paisagístico e na organização dentro das propriedades. Eles percebem melhorias em vários pontos mais destacam além do aspecto já citado a divulgação das propriedades e dos produtos fabricados, valorização dos empreendimentos. Alguns destacaram a questão ambiental, que passou a ser uma preocupação maior depois do início da atividade. Como pode ser confirmado nas falas dos entrevistados a seguir:

Tudo melhora, a propriedade passa a ser vista e conhecida. (Elizete, do Sítio Raízes da terra.).

Vai sempre querendo melhorar, tudo mais organizado, limpo e bonito. (Cláudia, da Cláudia Artesanato).

É sempre válido, vemos que houve uma maior valorização do terreno, a propriedade está mais bonita e até mesmo a região ganhou mais visibilidade. (Elizete, da Pousada Bela Aurora).

Hoje temos 33% de mata nativa, nascentes e vales são preservados, além do reflorestamento que fizemos. (Reginaldo, da Fazenda Saúde).

O paisagismo melhorou bastante, a estrada melhorou, tudo está mais organizado, até o entorno das nossas casas, o financeiro melhorou, sem falar no reconhecimento, hoje temos mais respeito, somos referência. (Francisco, do Sítio Ambrosim).

Outro aspecto relacionado às instalações e a paisagem e que todos os proprietários foram unânimes em dizer que aconteceu transformação, e nesse caso para melhor, foi o saneamento. Todos os proprietários notaram uma melhora no saneamento em suas propriedades e nas demais do município após o início do Agroturismo. Todas as propriedades agora tem destino adequado para seus dejetos, que não são mais lançados nos rios como antigamente. O lixo é recolhido em todos

os pontos do município e a fiscalização ambiental está muito maior. A melhora desse item pode estar relacionada sim, à prática do Agroturismo, uma vez que as propriedades precisam estar de acordo com todas as normas ambientais para poder participar da atividade. As propriedades precisam estar de acordo com as leis porque os turistas não frequentam ambientes sujos e poluídos. Por tanto, esse é um aspecto vital para a atividade ir à frente. Alguns proprietários deram as seguintes respostas: “Hoje a vigilância sanitária está sempre fiscalizando, existe o recolhimento de lixo e uma conscientização maior, o turista repara nisso tudo,” Falou Francisco, do Sítio Ambrosim. “Tem melhorado a vigilância está atenta, o IDAF também,” disse Eron, da Casa das Orquídeas. “Agora todos tem fossa, estão de acordo com legislação,” relatou Priscila, do Sítio Retiro do Ipê.

Observamos até agora mudanças econômicas e estruturais que aconteceram em virtude do Agroturismo. A partir daqui vamos nos ater as transformações no âmbito cultural. Ou seja, em que medida ocorreram alterações no dia-dia desses moradores, na relação deles com o espaço em que vivem, com os hábitos herdados dos antepassados, com seus costumes.

Gostaríamos de esclarecer se o desenvolvimento do Agroturismo gerou na visão desses proprietários, pontos negativos dentro das propriedades. Sete proprietários disseram que a atividade não trouxe como consequência nada de negativo. Os proprietários que tiveram essa leitura das consequências do Agroturismo foram os representantes das seguintes propriedades: Altoé da Montanha, Sítio Guaçú-Virá, Sítio Adega Tonole, Fazenda Saúde, Casa das Orquídeas, Cláudia Artesanato e Raízes da terra. Esses proprietários não conseguiram ver pontos negativos em suas propriedades em virtude do início do Agroturismo, talvez porque as consequências positivas tenham tido mais impacto sobre suas vidas e propriedades.

No entanto, nove proprietários, ou seja, mais da metade dos proprietários ouvidos vê algum tipo de ressalva a ser feita, a exemplo da perda da liberdade, o fato de terem que ficar sempre em casa para receber os turistas não podendo participar de eventos sociais e familiares, os finais de semana passam a ser de trabalho, como a mão de obra é em grande parte familiar eles não tem como revezar então acaba sendo cansativo trabalhar de segunda a segunda. Mas mesmo assim,

todos eles fazem questão de lembrar que, por outro lado, passam a ganhar outras coisas, como novas amizades, contatos com pessoas de diversos lugares do país e do mundo, lembrando sempre que o lado positivo é mais importante que as consequências negativas como podemos ver nas falas seguintes:

Se observar não consigo ver ponto negativo, a princípio alguns ficaram escravos do empreendimento e nós também. Mas devido à visão de empresa que criamos, só vemos oportunidades. Mas no início foi assim, depois introduzimos mudanças. (Leandro, Fazenda Carnielli).

Não vejo ponto negativo. Só que você não tem muita liberdade para sair, mais isso é muito gratificante, é um prazer, uma alegria, é ver que a atividade deu certo. (Carmem, da Família Busato).

O ponto negativo é não ter mais a liberdade de domingo você quer ficar ali sentado, mas não pode, tem que receber os turistas. (Priscila, do Sítio Retiro do Ipê).

De ruim não trouxe, mais é cansativo não temos mais um dia para descansar, como é só a família não tem com quem revezar. (Bernadete, da Família Lorenção).

Negativo a mudança de hábitos, o social que agora mudou, mais ganhamos outros tipos de amizade. (Francisco, do Sítio Ambrosim).

Não tem mais privacidade, mais o turista não sabe a hora que você almoça, ele faz o horário dele e você tem que se adaptar. (Elena, do Sítio Morango Gagno).

Ao receber muitas pessoas podem vir pessoas de boa e má índole, então ficamos expostos. (Elizete, da Pousada Bela Aurora).

As vezes que você está cansada, mais o turista te ajuda e você ajuda ele. Só é uma prisão muito grande, por isso nem todo mundo gosta de abrir a propriedade. (Lucia, da Tia Cila).

Como podemos ver nos relatos, alguns proprietários dizem que a atividade não tem nada de negativo mesmo lembrando um ponto ou outro que incomoda ou de mudanças não tão agradáveis que passaram a ser incorporadas em seu dia-dia. Mas mesmo levantando algum ponto que não seja positivo, eles fazem questão de frisar que os pontos positivos são maiores. Parece que não querem passar a impressão de coisas negativas a respeito da atividade. Mas como percebemos elencaram pontos relacionados à perda de privacidade, perda do convívio social em comunidade e o aumento da carga horária de trabalho que acarreta em cansaço, uma vez que muitos desses produtores e suas famílias, principal mão de obra da atividade, tem se tornado pluriativos.

Tivemos o interesse em saber se as propriedades estavam trabalhando apenas com produtos que sempre foram produzidos pela família, ou se começaram a produzir outros para atender a demanda dos turistas. Se ocorreu mudança nesse sentido de introduzir novos produtos alheios aos hábitos da família, por conta do Agroturismo. Dois entrevistados, os representantes de Tia Cila e Sítio Morango Gagno, afirmaram continuar apenas com os produtos que são tradicionais da família, que fazem parte da história, dizendo que em alguns casos fizeram adaptações na receita, por não encontrar os mesmos ingredientes ou por normas de vigilância sanitária. Outros não vendem produtos como já discutimos em questão anterior. São eles: Orquidário Caliman, Casa das Orquídeas, Sítio Ambrosim, Pousada Bela Aurora.

Dez entrevistados admitiram ter criado novos produtos por conta da demanda dos turistas. Foi o caso da Fazenda Saúde que passou a produzir o tomate seco; o Sítio Raízes da Terra, que começou a produzir novos antepastos além de outros produtos; Cláudia Artesanato, que diz que inovou para melhor atender aos turistas; O Sítio Adega Tonole que passou a fazer a *grappa*¹⁶; a Família Lorenção que resgatou antigas receitas buscou coisas novas em cursos realizados na Itália; o Sítio Retiro do Ipê que começou a fazer lombinho defumado e alguns doces pela demanda; o Sítio Guaçú- Virá que passou a produzir uma variedade maior de coisas, mas alega ter sido motivado pela necessidade de melhor aproveitar as coisas que tinham na propriedade; a Família Busato que começou a fazer novos produtos, principalmente uma variedade de queijos muito grande; a Fazenda Carnielli que passou a fazer queijo sem lactose, uma gama variada de produtos e o Altoé da Montanha que desenvolveu até uma pizza de polenta e produtos sem glúten.

¹⁶-Bebida alcoólica de origem italiana, costumeiramente feita de bagaço de uva.



Figura 23 - Variedade de produtos oferecidos aos turistas, Fazenda Carnielli e Sítio Retiro do Ipê.
Fonte: Acervo pessoal (2012).

O que podemos verificar é que os produtores estão indo além da tradição, ou seja, começaram a desenvolver uma variedade muito grande de produtos que não faz parte da história dessas famílias. Isso claro, está ligado a um filão do mercado, os produtores perceberam uma demanda dos turistas e então aproveitam. No entanto, é necessário tomar cuidado para que isso não gere uma descaracterização geral da culinária típica desse local que é um grande atrativo nessa forma de turismo, como podemos perceber alguns produtores estão preocupados em inovar, mas sem fugir dos padrões dos produtos que estejam relacionados à cultura italiana.

Sabemos que a realização de uma nova atividade, seja ela qual for, em um ambiente que até então não era realizada, gera mudanças nas relações que ocorrem nesse espaço. Com o Agroturismo não seria diferente. Desejávamos entender como a exploração do Agroturismo mudou a relação dos moradores das propriedades com o local em que vivem. Assim, perguntamos aos proprietários se a atividade e o contato com os turistas fez com que eles comessem a ver de forma diferente seu lugar. Os elementos que mais se repetiram nas respostas foram a valorização e a interação. Valorização no sentido de os próprios moradores passarem a gostar e dar mais valor ao local em que vivem. A partir do contato com o turista e perceberem o quanto estes se encantam e elogiam as propriedades e o município, os próprios moradores passaram a prestar mais atenção ao seu espaço e a vê-lo como um lugar melhor, com mais qualidade de vida.

A interação está ligada ao contato com pessoas das mais variadas origens. Esses proprietários recebem pessoas de todo o Brasil e até de outros países,

peças com culturas diferentes, profissões diversas. E o contato entre esses turistas e os moradores das propriedades gera uma troca de experiências e uma interação que os proprietários avaliam como muito positiva. Alguns depoimentos confirmam o que dissemos:

Hoje é muito diferente, passamos a valorizar mais, passamos a dar valores que não dávamos mais. Primeiro a gente faz para nós, depois para o turista. (Cláudia, da Cláudia Artesanato).

O contato ajuda porque têm ideias novas, críticas, ajuda no nosso crescimento. (Eron, da Casa das Orquídeas).

Passamos a valorizar mais o lugar onde vivemos, interagimos e colaboramos com os turistas. (Eizete, da Pousada Bela Aurora).

Acabamos conhecendo mais pessoas e as pessoas gostam mais da gente. Nós começamos a gostar mais daqui. (Agnaldo, do Sítio Adega Tonole).

Sim, o lugar passou a ser mais valorizado, os turistas até querem saber se tem um pedaço de terra para vender, valorizou até do ponto de vista imobiliário. (Priscila, do Sítio Retiro do Ipê).

Nós começamos a olhar o nosso lugar como um lugar de potencial depois que uma pessoa elogiou aqui, passamos a ver diferente, passamos a valorizar mais o lugar. (Bernadete, da Família Lorenção).

É uma relação 100% diferente, antes se nos viam como bicho do mato, hoje as pessoas te tratam igual doutor, somos valorizados pelo que fazemos. (Leandro, da Fazenda Carnielli).

Muda, a gente tá sempre querendo melhorar, aprendemos com o turista, trocamos informações e tentamos sempre melhorar. Para o turismo funcionar tudo tem que estar engrenado, saúde, estrada, lixo. (Dulce, do Altoé da Montanha).

Como dissemos, o fato de desenvolver uma nova atividade em qualquer ambiente gera uma nova dinâmica e acaba transformando as relações desenvolvidas no e com o espaço. Esses moradores passaram a ver seu espaço de forma diferente, valorizando mais o mesmo. Mas e a relação deles com a terra? Será que hoje ela é diferente?

Perguntamos se, de alguma maneira, a relação desses proprietários com a terra era diferente, se após a terra deixar de ser a única e exclusiva fonte de renda, a relação com ela passou por alguma mudança. Dos dezesseis entrevistados, cinco disseram que não mudou em nada a relação com terra, com “a roça” propriamente dita, que ela continua a mesma, que ainda existe um amor muito grande e

continuam a desenvolver com ela as mesmas atividades de antes. Os proprietários que disseram manter a mesma relação foram das seguintes propriedades: Orquidário Caliman, Casa das Orquídeas, Pousada Bela Aurora, Sítio Retiro do Ipê e Família Lorenção. Os fragmentos seguintes ilustram o que esses proprietários afirmaram: “Não mudou em nada, continuo adorando a terra temos por ela o mesmo amor,” disse Elizete, da Pousada Bela Aurora. “Não mudou em nada, porque a produção agrícola continua, até aumentou,” Falou Priscila do Sítio Retiro do Ipê. “Não mudou. Ainda somos muito apegados a terra, só não vamos mais porque não temos tempo. Temos orgulho da nossa mãe terra,” afirmou Bernadete, da Família Lorenção.

Os onze restantes proprietários afirmaram que a relação com a terra mudou sim. E o elemento que mais apareceu nas respostas foi o maior respeito na maneira de lidar com ela, não usando tantos defensivos/agrotóxicos, não fazendo práticas que eram comuns antigamente e que acabavam agredindo o meio ambiente. Mas lembram que ainda possuem um vínculo muito forte com a terra, pois herdaram dos antepassados a paixão por ela. Alguns proprietários falam que a terra passou a ocupar um papel secundário com o aumento da renda que o Agroturismo proporcionou. Os fragmentos seguintes ilustram o que foi dito:

Hoje a terra tá ali de onde vem um dinheiro a mais, mas a renda maior vem da loja. (Cláudia, da Cláudia Artesanato).

Acho que mudou sim, ficamos mais distantes, é outro mundo, ela ficou em segundo plano. (Lucia, da Tia Cila).

Sobra menos tempo para a terra, ficamos mais em contato com os turistas. O trabalho diário da roça não faz mais parte da nossa realidade. (Dulce, do Altoé da Montanha).

Na verdade os descendentes sempre gostaram da terra, mas agora aprendemos a lidar melhor com ela. Porque gostar da terra sempre esteve no nosso sangue. (Agnaldo, do Sítio Adega Tonole).

Sempre respeitamos muito a terra, mais hoje temos mais consciência ambiental, mais preocupação com a água, agrotóxicos. (Francisco, do Sítio Ambrosim).

Mudou para melhor, temos mais cuidado com questões como agrotóxicos, procuramos produzir de maneira mais natural. O cliente quer isso, e a legislação ambiental também exige. (Carmem, da Família Busato).

A terra era o mito, queria-se mais e mais. Hoje não é assim, ela não é mais o processo produtivo, a realidade é outra. A realidade geográfica também não ajuda. Hoje a terra vale para outras coisas, tem grande valor por outros motivos, como a valorização. (Leandro, da Fazenda Carnielli).

Como podemos ver pelas respostas, a relação com a terra tem sofrido algumas transformações ao longo do tempo, sobretudo com uma maior conscientização ambiental, tão em voga na atualidade e que tem chegado ao campo com muita força. Porém, também vimos que em alguns casos ela passa a ocupar um papel secundário diante da magnitude que o Agroturismo vem tomando dentro de algumas propriedades. No entanto, vários proprietários ainda têm um amor muito grande pela terra, que por muito tempo foi a única fonte de renda e garantia de sobrevivência. Por mais que hoje possuam outras atividades, no caso o Agroturismo, eles ainda cultivam um respeito pela terra que aprenderam com seus pais, avós, pois os descendentes de imigrantes italianos sempre foram muito gratos pela terra.

Questionamos a esses proprietários, que também são moradores da zona rural, se eles se sentiam diferentes das pessoas que moram na zona urbana, e se sim, em que aspecto. Sete proprietários disseram que não se sentem diferentes das pessoas que moram na zona urbana, ou nas grandes cidades. Os proprietários que responderam não se sentir diferente foram os representantes das seguintes propriedades: Altoé da Montanha; Sítio Retiro do Ipê; Sítio Adega Tonole; Pousada Bela Aurora; Casa das Orquídeas; Orquidário Caliman e Cláudia Artesanato. Eles disseram: “Não, eles só são mais estressados, antes tínhamos vergonha deles, hoje em dia me sinto igual,” disse Dulce, do Altoé da Montanha. “Não me sinto diferente, me sinto até melhor porque prefiro a tranquilidade daqui,” falou Priscila, Sítio Retiro do Ipê. “Acho que hoje temos as coisas de maneira mais fácil, temos o mesmo acesso que as pessoas da cidade, apenas levamos um pouco mais de tempo para ter acesso a elas,” afirmou Elizete, da Pousada Bela Aurora.

Os nove proprietários restantes disseram se sentir diferente das pessoas que moram nas cidades. E a maior diferença relatada foi na questão do ritmo de vida, na rotina, que nas cidades gera uma sensação de ansiedade e stress, e no campo por eles terem uma rotina e um ritmo pautado em tempos diferentes do urbano não sofrem tanto com o stress. Outros relataram também a simplicidade, o fato de o homem do campo ter um jeito de viver mais simples, uma forma de falar menos rebuscada. Como podemos ver em algumas das respostas logo abaixo:

Sim, somos diferentes, aqui é muito isolado, a maneira de comunicação, o nosso jeito de falar é diferente. (Eliete, do Sítio Raízes da Terra).

Sim, porque estamos no paraíso e eles no inferno, eles vivem no caos das grandes cidades. (Leandro, da Fazenda Carnielli).

Sim, o pessoal do interior é mais tímido, mais acham que moram melhor, tem mais qualidade de vida. Mas tem medo de falar, se expressar errado. (Grazieli, do Sítio Guaçú-Virá).

Me sinto diferente porque vivemos no mundo real e eles num mundo de loucura, chegam aqui tudo estressado. (Elena, do Sítio Morango Gagno).

A gente sempre sente, as pessoas que moram na cidade acham que você é simples e bobo, e outras coisas mais. (Lucia, da Tia Cila).

Vemos que alguns estigmas sobre o morador do rural ainda permanecem. Como o da vida mais simples e que às vezes é encarado ou confundido até como ingenuidade. E de que o homem do campo vive uma vida mais lenta. Vimos também que isso tem mudado e que hoje boa parte desses moradores do rural já não sente mais o peso desses estigmas e após o contato com o turista sentem-se até privilegiados por morar no meio rural. O Agroturismo de certa forma ajudou a mudar isso, alguns estão se sentindo iguais e outros até melhores depois de verem como os citadinos chegam às suas propriedades.

O início da prática do Agroturismo acarretou em mudanças diretas no dia-dia dos moradores que passaram a desenvolver essa atividade. Indagamos aos entrevistados quais foram as maiores mudanças em seu dia-dia após a chegada dos turistas. Os relatos as respostas mostram que a principal mudança sentida foi à alteração drástica da rotina que a atividade proporciona. O Agroturismo, como qualquer outra atividade ligada ao turismo, não possibilita que se tenha uma rotina, cada dia, cada grupo de turistas, cada período do ano, produz uma dinâmica diferente, atividades e respostas distintas, isso faz com que os dias nunca sejam iguais. Antes, isso era bem diferente, as atividades do campo, a agricultura, têm seus períodos, e as culturas agrícolas requerem sempre cuidados específicos, então o produtor sabia que todos os anos em determinados períodos o café teria que ser colhido, em outro adubado, o feijão precisaria ser côvado, enfim, possibilitava que o produtor criasse a sua rotina e de sua propriedade, o que com o Agroturismo é impossível; todo dia é uma novidade.

Outra mudança que eles sentiram, e que já havia aparecido nos pontos negativos que a atividade pode gerar, é o fato de estarem sempre presos a propriedade, não podendo se ausentar nos finais de semana, motivo que interfere na

vida social. Participar dos tradicionais almoços de domingo não é mais possível, porque o turista pode aparecer nesse horário, ir às festas, às missas na comunidade, tudo isso fica restrito aos poucos horários em que a propriedade não está aberta. Mas, em contrapartida, os proprietários ressaltam que essa falta de sociabilidade no seio da comunidade local é suprida no contato com os turistas. Segundo eles, é agradável e gera uma integração muito enriquecedora, como dizem abaixo alguns entrevistados:

Não tem mais horário e temos a preocupação de que tudo tem que estar sempre arrumado, limpo, ajeitado. Mudou muito você tem mais responsabilidade, você não vai colocar o turista em qualquer lugar, às vezes você fica sobrecarregado, mais é prazeroso. (Elena, do Sítio Morango Gagno).

Muda, porque você passa a ter convivência com pessoas de diferentes níveis. Antes eu só vivia para os meus filhos, agora tenho renda mensal que posso contar. Hoje eu vivo e respiro minha agroindústria, eu vivo minha agroindústria ela é tudo para mim. (Eliete, do Sítio Raízes da Terra).

Tenho mais contato com as pessoas, passamos a receber mais turistas, mas é ótimo a gente aprende muito, vê pessoas diferentes. Quem não gosta desse trabalho se sente preso, mas nós fazemos por satisfação. Gostamos do que fazemos. Às vezes não podemos sair no fim de semana, mas nos adaptamos e saímos no início da semana. (Dulce, do Altoé da Montanha).

Ficamos um pouco presos em casa, por conta de receber os turistas, mas ao mesmo tempo é uma alegria, trocamos muitas informações. Hoje é outra vida, hoje é a cidade dentro da roça. (Carmem, da Família Busato).

A questão de horários, agenda. Às vezes chega um, chega outro, você pára o que está fazendo para atender. Mais existe um ganho cultural muito grande, conversamos muito e trocamos muitas ideias. (Grazieli, do Sítio Guaçú-Virá).

A vida social mudou, tem o lado bom de receber e conhecer pessoas novas. Mas também tem o social que fica em segundo plano. Hoje a rotina não existe, cada dia é diferente, nossos horários também. (Francisco, do Sítio Ambrosim).

Eu não tenho mais a mesma vida, mudou 100%. Não tenho tempo de almoçar, não sei como está a minha casa. Mais para o meu "eu" o turismo veio para me segurar. É uma alegria em minha vida e cada dia é um aprendizado. Só que minha vida social na comunidade ficou extremamente restrita. (Bernadete, da Família Lorenção).

A rotina de trabalho antes era só a casa; não trabalhava de fim de semana, em feriado. Hoje a vida está mais corrida. (Priscila, do Sítio Retiro do Ipê).

Antes podia sair e deixar tudo, hoje tem que ter planejamento, alguém tem que ficar. Perdemos um pouco a liberdade de sair, mas ganhamos muito conhecimento das pessoas. (Agnaldo, do Sítio Adega Tonole).

Muda toda a rotina, temos que parar as atividades e receber. Antes tinha um trabalho com o marido em um período diferente de agora, altera toda a rotina. Antes no fim de semana saíamos, agora passamos todos aqui. (Elizete, da Pousada Bela Aurora).

Muda muita coisa, não vamos mais na casa de ninguém, horários, marcar uma consulta é uma luta. Você não tem como fazer as coisas sem planejamento, tem que ter uma programação. Deveríamos desde o início ter escolhido um dia de folga, porque agora fica difícil. (Lucia, Tia Cila).

O que mais muda é a rotina. Não tenho mais horário, não reunimos mais na mesa, isso acabou, mas trabalho me divertindo. As pessoas quando vem passear estão se divertindo, relaxando, então é gostoso. (Cláudia, da Cláudia Artesanato).

Essas falas mostram o que os proprietários acreditam ter mais se transformado em seu dia a dia depois da chegada dos turistas.

Podemos, então, inferir a partir dos resultados obtidos e relatados até então que as transformações mais sentidas pelos proprietários entrevistados, no âmbito econômico, nos aspectos infraestruturais, em aspectos culturais, na sua relação com seu espaço, suas tradições e ao seu dia-dia após a introdução do Agroturismo destacamos a seguir.

No que diz respeito às transformações econômicas, a maior parte dos entrevistados relatou uma piora na rentabilidade da agricultura atualmente se comparada com o período de vinte anos atrás, período em que o Agroturismo não era uma realidade presente nas propriedades. Essa mudança de rentabilidade da agricultura tradicional faz parte de um contexto maior que envolve o setor agrícola do país, e a queda de sua rentabilidade não é devido o início do Agroturismo nas propriedades. Porém, o fato de o setor não estar tão favorável a esses agricultores familiares, foi um dos incentivadores para que eles aderissem ao Agroturismo. Ao passo que por eles estarem tendo outra fonte de renda, o Agroturismo, e tendo uma rentabilidade interessante, impõe um reavaliar do setor agrícola, e a mensuração melhor dos seus gastos e lucros ao perceberem que, em relação a nova atividade, a agricultura não está tão interessante como antes.

Vimos que o Agroturismo, na visão de muitos produtores, ajudou na renda e no desenvolvimento da propriedade, ao contrário se eles estivessem apenas realizando as atividades agrícolas como antes, muitos deles dizem que a possibilidade de não estarem mais no campo era grande, porque da forma como as propriedades e as finanças iam, eles não viam perspectivas de continuar. O que demonstra como o Agroturismo contribuiu para melhorias na renda e na propriedade do grupo pesquisado.

A geração de empregos no município também foi um fator que os proprietários disseram que o Agroturismo contribuiu para a melhora, seja de maneira direta ou indireta, já que por ter um caráter familiar a atividade não gera muitos empregos diretamente, mas eles lembram que, indiretamente, o número de postos de trabalho pode ser grande, em diversos setores.

O aumento da renda foi um fator que todos os proprietários relacionaram com o início da atividade. Foram unânimes em dizer que depois do seu início a renda melhorou. Mostrando mais uma vez a importância que o Agroturismo teve no aspecto financeiro dessas famílias. Ou seja, a representatividade econômica da atividade na renda das famílias foi significativa e é um ponto importante para que a atividade continue existindo, afinal um de seus intuitos desde o começo era a melhoria da renda.

O Agroturismo motivou mudanças em aspectos estruturais nas propriedades. A maior parte dos proprietários admite ter feito pequenas modificações, em geral a construção das lojas. Mas não mudanças grandiosas, até porque como já dito o local não pode ser descaracterizado. Portanto em virtude da atividade eles realizaram pequenas transformações em suas propriedades para adequá-las para receber os turistas.

Os moradores perceberam melhorias em suas propriedades depois que o Agroturismo passou a ser desenvolvido. As mais sentidas estão relacionadas a aspectos paisagísticos, a melhor organização e as questões ambientais. Eles sentiram suas propriedades mais organizadas e perceberam que agora tem uma maior preocupação com o aspecto paisagístico e com as questões ambientais, pois essas também são questões importantes para os turistas.



Figura 24 - Propriedade Sítio Ambrosim, cuidados com o aspecto paisagístico.
Fonte: Agrotur. (2013)

Outro item que os proprietários acreditam que o Agroturismo contribuiu para que existissem melhorias, foi o saneamento básico. Todos destacam que agora as propriedades estão de acordo com a legislação ambiental e tem destino adequado para o lixo e os dejetos. Isso porque para começarem a desenvolver a atividade, é necessário está de acordo com toda a legislação ambiental, além de ser uma preocupação de quem trabalha com turismo, já que a atividade não combina com mau cheiro, lixo, devastação e poluição.

Já relacionados à dimensão mais cultural, outras transformações que a atividade gerou, ou que foram percebidas pelos proprietários rurais, mas no sentido oposto como algo negativo, estão relacionadas à perda de liberdade, a ausência de vida social com a família e a comunidade as quais ficaram em segundo plano. Isso conseguimos extrair das respostas dadas, pois a maior parte deles não afirma que a atividade tenha resultado em consequências negativas, embora façam ressalvas levantando os pontos que citamos. Os produtores preferem sempre afirmar que os aspectos negativos que por ventura possam surgir, são insignificantes perto dos pontos positivos que eles sempre evidenciam. Parece haver uma resistência por parte dos proprietários em revelar algo de ruim gerado pela atividade.

O Agroturismo tem mudado também a relação dos moradores com o lugar em que vivem. De alguma forma, a maneira de ver seu espaço após o contato com os turistas têm passado por mudanças na concepção da maior parte deles. Mudou a

forma de ver esse espaço, principalmente que no que diz respeito à valorização do mesmo. Hoje, valorizam mais o lugar e a qualidade de vida que possuem. O que constata que o Agroturismo contribuiu para melhorar a visão desses moradores em relação ao seu espaço.

Outro ponto que chama a atenção é que muitos proprietários já estão inovando nos produtos oferecidos aos turistas. Perceberam uma demanda dos turistas e estão criando novas receitas e novos produtos, o que, como dissemos, tem que ser observado com cuidado para não descaracterizar o que emergiu de memória cultural, que é um dos grandes atrativos do Agroturismo.

Vimos que a relação desses proprietários com a terra está mudando. Hoje, eles têm uma consciência ambiental mais forte. No entanto, estão tendo menos tempo para se dedicar a ela, que não é mais a única fonte de renda. Para alguns produtores ela passou a ocupar o segundo plano. Mas eles ainda possuem uma relação afetiva com a terra, ela é mais que apenas um meio de sobrevivência; ela possibilitou tudo o que eles conseguiram nessa nova fase.

O modo como nossos entrevistados, moradores do rural, se sentem em relação aos moradores do urbano, também tem passado por mudanças. Alguns produtores rurais dizem que já não se sentem mais diferentes dos citadinos; o contato com o turista tem feito com que eles percam essa sensação de inferioridade que sentiam, e até se veem como privilegiados, por ter uma melhor qualidade de vida. Alguns, nesse sentido, ainda se sentem melhor por perceberem vantagens, já que é uma vida menos tensa.

A nova atividade também causou mudanças no dia-dia dos proprietários rurais e as maiores mudanças no cotidiano após a chegada dos turistas, relatada pelos entrevistados estão relacionadas à rotina. Ou melhor, o fato de não ter mais rotina. Os proprietários que trabalham com o Agroturismo estão sempre disponíveis para receber os turistas, e com isso algumas relações que faziam parte do seu cotidiano, como os almoços de família, as missas de domingo, a vida na comunidade, e a rotina de trabalho, já são raras. Quem trabalha nessa ou em qualquer outra forma de turismo nunca tem um dia igual ao outro, pois cada grupo de turistas gera uma realidade diferente. No entanto, eles não relatam essas

mudanças num tom de reclamação, ao contrário, dizem que apesar dessas transformações a atividade dá muito prazer e satisfação.

Partimos agora para analisar a visão de outros atores envolvidos nesse espaço e atividade, nesse caso os funcionários¹⁷, e outras pessoas da família também envolvidas. Fizemos perguntas diferentes e conseguimos observar suas percepções a respeito das mudanças que o Agroturismo tem gerado em suas vidas e em seu espaço. Eles relataram suas experiências com o espaço rural e suas impressões com o espaço depois que o Agroturismo passou a ser desenvolvido.

Sobre como o Agroturismo modificou suas vidas, influenciando em que pontos, o questionário apresentava as seguintes opções: A- Aumento da renda; B- Melhores condições de trabalho; C-Melhoria da infraestrutura (estradas, esgoto, luz); D-Valorização da identidade rural; E-Outra. Lembrando que os entrevistados poderiam escolher mais de uma alternativa. Obtivemos os seguintes resultados: dos dezesseis entrevistados quatorze deles elencaram como transformações que o Agroturismo gerou em suas vidas a valorização da identidade rural. Doze citaram também o aumento da renda, nove a melhoria das condições de trabalho e nove melhoria das condições de infraestrutura. Alguns entrevistados citaram apenas uma alternativa enquanto outros, várias. Três citaram apenas uma alternativa, um citou só o aumento da renda, outro só a melhoria das condições de infraestrutura, e um a valorização da identidade rural.

Como vimos, para esses funcionários que trabalham e vivenciam esse espaço, boa parte deles também moradores do rural, as maiores mudanças que o Agroturismo gerou em suas vidas foi: primeiramente, o fato de ter proporcionado valorização da identidade rural. Alternativa mais citada, eles faziam questão de dizer que o homem do campo passou a ser mais bem visto, e valorizado depois do Agroturismo, diziam que depois que o turista conhecia a realidade deles, passava a vê-los com mais respeito e dar mais valor às suas atividades. O aumento da renda também foi citado pela maioria deles. Muitos desses funcionários antes trabalhavam apenas com a lavoura e, portanto, não tinham grande remuneração mas com o Agroturismo passaram a receber maior remuneração. Nove entrevistados disseram

¹⁷ O critério de escolha dos funcionários a serem entrevistados ficou a cargo dos proprietários, que na maior parte das vezes, escolhiam um funcionário que não estivesse ocupado no momento.

que Agroturismo possibilitou melhores condições de trabalho; o trabalho nessa atividade é considerado por muitos deles mais leve do que o trabalho na lavoura, por isso acreditam que agora as condições são melhores. Novamente nove pessoas citaram que a atividade gerou melhoria nas condições de infraestrutura. Eles acreditam que a melhoria em questões como esgoto, luz, e estradas estão relacionadas ao desenvolvimento do Agroturismo.

Dos dezesseis funcionários entrevistados treze além de trabalharem, moram na zona rural do município. Enquanto os três restantes apenas trabalham no rural e moram na zona urbana. Os treze que moram no rural disseram que não possuem vontade de ir morar na cidade. Manifestando seu desejo em permanecer no rural. E, nisso, a atividade está contribuindo, pois eles têm postos de trabalho nas propriedades o que possibilita sua permanência em seu local de moradia tendo trabalho e renda. Além disso, como podemos ver no caso dos três que não moram no rural, o Agroturismo está oferecendo uma oportunidade de emprego direto para moradores do urbano.

Todos os entrevistados disseram que preferem o rural como ele é hoje, depois do início do Agroturismo. As justificativas foram variadas, versando sobre as modernidades, valorização do homem do campo, contato com pessoas diferentes, possibilidade de ter uma nova alternativa de geração de renda sem precisar sair do local de moradia, usando coisas que já possuem. Como veremos em algumas respostas que afirmam o que dissemos.

Hoje com a vinda do Agroturismo, abriu a cabeça das pessoas, valorizou mais. (Cláudia Artesanato).

Tudo está moderno, todo mundo conhece, têm mais valor. (Claudinéia, Fazenda Saúde).

Esse além de falar da maior valorização, também fala da modernidade e do fato de ser conhecido.

Porque mudou tudo, você passa a ser melhor visto no mercado, passa a ser conhecido. Já não sei mais viver sem o Agroturismo. (Cláudio, Raízes da Terra)

Outra vez aparece a valorização, o fato de a atividade e das propriedades serem conhecidos.

Esta entrevistada tocou num ponto bem interessante, o fato de ter uma alternativa de renda com o Agroturismo, usando a história e coisas do cotidiano dos próprios moradores. Como podemos ver:

Você tem dentro de casa uma alternativa de renda. Usa sua história como uma alternativa de renda, as coisas da sua família. Dividir com as pessoas o que de melhor a vida nos ensinou: a maneira simples de viver e os produtos que sempre fizeram parte de nosso dia-dia. (Sônia, Tia Cila)

Os entrevistados abaixo ressaltam a valorização em diversos aspectos, a diversificação da fonte de renda e a possibilidade de crescimento que a atividade proporcionou:

Primeiro pela valorização da beleza do ambiente, e a questão da valorização do entorno, as pessoas que vem de fora, a interação, as pessoas gostam, elogiam o lugar. A diversificação da renda agora é maior, temos maior possibilidade de crescimento. (André e Máira, Pousada Bela Aurora)

Outra vez aparece também à questão da integração do maior contato com o turista, que eles alegam suprir a falta do convívio com a comunidade que fica mais difícil depois que começam a receber em suas propriedades.

Antes eu sentia necessidade de sair e ver gente, hoje recebendo os turistas eu trabalho e converso, me distraio, e me divirto ao mesmo tempo que trabalho. Não sinto mais essa necessidade de sair. (Elis Angêla, Sítio Retiro do Ipê)

A valorização do campo e dos seus habitantes, mais uma vez, aparece mostrando que a partir do conhecimento dessa realidade e do contato mais próximo que a atividade possibilita os cidadãos passam a valorizar mais esse espaço e sua população.

A atividade é um benefício para o homem do campo, e as pessoas passam a valorizar mais o campo e as pessoas que vivem aqui, porque antes eles achavam que o pessoal da roça não tinha valor. (Everton, Fazenda Carnielli).

Como podemos constatar, o Agroturismo gerou modificações não só na percepção dos proprietários rurais que tiveram iniciativa de desenvolvê-lo, mas também na vida e na percepção dos funcionários, ou em alguns casos de outros membros das famílias que também estão envolvidos. Os pontos mais significativos para eles foram a valorização da identidade rural, o aumento da renda, a possibilidade de permanecer no rural, já que a maior parte deles não tem vontade de morar na cidade, e todos foram unânimes em dizer que preferem o espaço rural tal como ele é hoje, depois do início do Agroturismo. As condições que eles levantaram para justificar esse posicionamento novamente estão relacionadas com a valorização, seja ela da identidade do homem rural, ou do espaço, a possibilidade de ser uma nova alternativa de renda, o maior contato e interação com pessoas de diferentes locais e formação que o Agroturismo tem proporcionado.

4.5- O AGROTURISMO NO ESPAÇO RURAL E SEUS REFLEXOS NO ESPAÇO URBANO.

O Agroturismo, apesar de ser uma prática desenvolvida no espaço rural, se realizando efetivamente nas propriedades rurais do município, tem como outras atividades econômicas seu rebatimento no espaço urbano. Tentando desvendar esses reflexos realizamos algumas entrevistas com atores estratégicos que poderiam nos dar pistas para compreender como o Agroturismo reflete em outros setores e movimentos da dinâmica do município.

O comércio foi o setor em que pudemos perceber mais diretamente os rebatimentos do Agroturismo. Um de nossos entrevistados, Robson Pizzol, representante da CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas) de Venda Nova do Imigrante, disse que acredita que o Agroturismo influencia no comércio da cidade, atraindo

mais consumidores, fazendo circular mais dinheiro no comércio local, e ainda complementou dizendo que:

O Agroturismo além de criar empregos dentro das propriedades e renda para essas pessoas, também atrai turistas que acabam gastando no comércio local. O Agroturismo também contribuiu para fixar o homem no campo não deixando inchar a cidade, dando mais uma oportunidade para essas pessoas além de dinamizar o município que agora conta com pequenas agroindústrias. (Robson Pizzol, representante da CDL).

Robson ainda continua dizendo que, de forma indireta, o comércio também está associado ao Agroturismo, uma vez que vários estabelecimentos comerciais do município vendem os produtos que as famílias produzem em suas propriedades. Ele e sua família possuem um supermercado que vende vários produtos das famílias envolvidas com o Agroturismo, e segundo ele os produtos tem boa aceitação, “a marca de Venda Nova é boa para vender, é sinônimo de qualidade.” (Robson Pizzol).

Ele afirma que o Agroturismo faz circular mais dinheiro no comércio, e cita também o fato de a atividade criar empregos e renda para moradores do próprio município que, juntamente com os turistas, um novo fluxo; fazem com que o volume de dinheiro no comércio local aumente. Os moradores que passam a receber uma renda extra com o Agroturismo vem gastar seu dinheiro no comércio da cidade, bem como os turistas que, enquanto se encontram no município, também realizam compras e se utilizam de serviços disponíveis no comércio. Além do mais como bem colocou Albertina Carnielli, só associados a Agrotur são:

61 famílias trabalhando ativamente, produzindo e desenvolvendo. São beneficiados diretamente pelo agroturismo umas 200 famílias. Indiretamente fica um pouco difícil de dimensionar, mas acredito que sejam umas 500 famílias. São muitas pessoas envolvidas indiretamente, têm o pessoal da logística, do comércio, da matéria prima, farmácias, combustível, manutenção, vigilância, é uma rede muito ampla. (Albertina Carnielli, presidente da Agrotur)

O Agroturismo está inserido, como Albertina coloca, em uma rede muito ampla, gerando postos de trabalho diretos e indiretos, nos dois espaços, rural e

urbano. Para atender a demanda de mais pessoas circulando no município, alguns estabelecimentos da cidade investem em mais contratações. Existe um aumento do consumo tanto dos moradores do campo que tem uma maior renda e que ampliam seu consumo no comércio local, como os moradores da cidade, que em virtude de novos empregos, também passam a consumir mais, além dos turistas que passam a trazer renda para o município. Assim, ocorre um movimento maior na economia. Por exemplo, os turistas, se alimentam em restaurantes, em alguns casos se hospedam em hotéis, abastecem em postos de gasolina, compram nas lojas, nos supermercados, gerando um dinamismo na economia do município.

Claudete Bellon também ressaltou a importância da atividade como fonte de renda, e de geração de empregos no município.

Primeiramente o Agroturismo é uma fonte de renda para a população, uma forma de empregabilidade e renda para as famílias, uma forma de mais pessoas permanecerem no rural e nas cidades de interior, de forma a envolver os filhos que ficam no seu local de origem, é uma maneira de permanência histórico-cultural da história da família e de desenvolvimento da atividade. E pensando nas tendências mundiais de *slow food*, e menos *fast food* a atividade ajuda a manter a qualidade de vida. Além disso, o Agroturismo é o carro chefe da atividade turística no município, o turismo no município tem que crescer por aí. Não dá pra pensar Venda Nova do Imigrante sem o Agroturismo, é um caminho sem volta. (Claudete Bellon, Secretária de Turismo)

Outro ponto em que foi possível perceber a influência do Agroturismo no município está associado às instituições de ensino como já vimos anteriormente. Entre as novas instituições de ensino que o município possui, uma em particular se destaca: é o IFES. Podemos ver a influência da atividade também nos cursos escolhidos para esta unidade, o de agronegócio e de administração. O secretário de educação municipal confirma esta relação.

Com certeza, a escolha do curso de agronegócio, foi influência pelo Agroturismo, e pelo potencial da região. A atividade influenciou na escolha desses dois cursos (agronegócio e administração) para o começo do Instituto Federal no município. O intuito foi de que os alunos se tornassem também empreendedores, e não apenas terminassem o ensino médio, já que, estamos no berço do Agroturismo. Acredito que os cursos foram bem escolhidos. Houve uma tentativa por parte das faculdades particulares do município de implantar cursos mais relacionados à atividade do Agroturismo, mas não foram bem sucedidas. Os cursos que existem hoje, não contemplam de forma satisfatória esta área. Mas existem sim cursos e parcerias importantes desenvolvidas com o Sebrae, Senac que visam

oferecer capacitação nessa área. Por exemplo, hoje está sendo construída a escola de gastronomia que vai formar profissionais para essa área. Os donos de restaurante da região se preocupam muito com essa questão, buscam e demandam por melhorias no aspecto gastronômico e na melhor utilização dos produtos da região. (Edson Zandonadi, Secretário de Educação)



Figura 25 - Instalações do campus do IFES em Venda Nova do Imigrante.
Fonte: IFES. (2012)

Como pudemos observar os cursos implantados no IFES de Venda Nova do Imigrante, foram pensados e escolhidos com a pretensão de estimular a formação de empreendedores, para que esses jovens capacitados em áreas afins ao Agroturismo pudessem criar seus próprios negócios ou melhorar o de suas famílias. É uma forma de estimular esses jovens a permanecer no município não só no período de formação, mas depois, investindo e se estabelecendo em seu local de origem. Vimos também que as faculdades particulares não possuem cursos voltados para essa área de maneira mais direta. Porém, o município, em parceria, desenvolve, frequentemente, cursos que visam capacitar às pessoas que trabalham com o Agroturismo no município, atendendo uma demanda dos proprietários que estão envolvidos na atividade. Claudete Bellon também reafirmou: “Existem com frequência cursos de todas as formas, visando a capacitação do profissional da área, em parceria com o Senac.” Ainda como vimos está ocorrendo na área urbana também a construção da escola de gastronomia que irá ofertar cursos de capacitação voltados para atender as pessoas que trabalham com o turismo.

Observando ainda os reflexos do Agroturismo na cidade, no âmbito educacional, descobrimos que a secretaria de educação, através da comunidade escolar aborda a atividade de maneira transversal durante a época de festas municipais. Tentando envolver os alunos e despertar o interesse dessas crianças e adolescentes. Em 2013, a atividade será alvo de mais atenção por parte das escolas, devido uma demanda da Agrotur e em virtude da comemoração de 20 anos da atividade consolidada com a criação da Agrotur no município como bem coloca o Secretário:

Abordaremos mais essa questão em 2013 acatando sugestão da Agrotur, pois nesse ano o Agroturismo estará comemorando 20 anos em Venda Nova, portanto nos eventos comemorativos haverá a participação das escolas. Acreditamos na importância das crianças e jovens aprenderem a relevância da atividade. Vamos também tentar ampliar as parcerias, agregando as atividades escolares com os eventos culturais do município que estão ligados ao Agroturismo, como por exemplo, uma feira de ciências junto ao acontecimento da Qualicafé. (Edson Zandonadi)

Essa maior aproximação e maior ênfase dada ao tema Agroturismo nas escolas, visa, como coloca Edson, mostrar para as crianças e jovens a importância do Agroturismo no município. A Secretária de Turismo, disse ainda que um novo projeto está sendo criado: “outro projeto que estamos criando é o de incentivo ao novo olhar do vendanovense ao Agroturismo, juntamente com o projeto de comemoração dos 20 anos da atividade em Venda Nova do Imigrante, que terá um rebatimento nas escolas do município.” (Claudete Bellon). Esses projetos buscam mudar a visão da população local à respeito do Agroturismo; incentivar os próprios moradores a valorizar a atividade, os produtos das famílias e conhecerem as propriedades, assim buscando o reconhecimento pelos munícipes da importância da atividade para o município como um todo. Aliás, esta é uma das metas da Agrotur segundo Abertina Carnielli, “Queremos dar mais visibilidade a atividade dentro do município agora”.

Outra novidade que surgiu na cidade foi o centro cultural, que também está relacionado ao Agroturismo no município. A construção dele foi fruto de uma parceria com o Ministério da Cultura e Turismo visando expandir o turismo de negócios na região. Mas lembramos que essa iniciativa deve-se ao sucesso e visibilidade que o município conseguiu com o Agroturismo sua principal forma de turismo, como já disse a Secretária de Turismo do município.



Figura 26 - Centro Cultural e Turístico de Venda Nova do Imigrante.
Fonte: Prefeitura Municipal de Venda Nova do Imigrante (2012).

A visibilidade foi um dos aspectos que a representante da Agrotur, avaliou como um ponto dos mais importantes que o Agroturismo proporcionou para o município.

A atividade fez com que o município tivesse visibilidade, inclusive o título de capital nacional do Agroturismo, fez com que o município se tornasse referência. O município hoje é referência nacional na produção associada ao turismo o que será explorado durante a copa do mundo, tanto que já recebemos pessoas de todo o país para verem a forma como trabalhamos e sabemos que o destino¹⁸ já está sendo comercializado para grupos excursionistas durante o período da copa do mundo. (Albertina Carnielli).

O Agroturismo, como disse Albertina colocou Venda Nova do Imigrante em evidência, o fato de ter se tornado a capital nacional do Agroturismo também rendeu o destaque no cenário nacional, e se tornasse referência no assunto, o que atraiu mais olhares e, conseqüentemente, mais turistas e oportunidades para a localidade. Nesse sentido, reforça a Secretária de Turismo: “o Agroturismo ajudou a divulgar Venda Nova do Imigrante para o mundo. O pioneirismo do município nessa atividade atrai olhares e traz inovações.” (Claudete Bellon). Ela ainda completa dizendo que: “O Agroturismo incentivou o cuidado com a cidade, a atividade atrai um público

¹⁸ Destino, referindo-se a destino turístico, ela se referiu ao município estar sendo incluído em pacotes turísticos, vendidos por agências de turismo, para a época da copa do mundo de futebol que acontecerá no Brasil em 2014.

diferenciado, que busca ar puro, tranquilidade, cultura.” Para ela a atividade se reflete na cidade como um todo incentivando melhorias e um maior zelo por todo município se estendendo também para a área urbana. Segundo Claudete Bellon, “o município conseguiu recursos do Ministério do Turismo para o calçamento de ruas, pois esse também é um item importante para a realização do turismo”. Ou seja, com recursos vindos em virtude do Agroturismo até mesmo áreas urbanas do município passam a ser calçadas. Um benefício vindo em virtude do turismo desenvolvido no rural que está sendo materializado e beneficiando diretamente o urbano e a população em geral.

Como vimos, a atividade que está acontecendo na área rural reflete sua dinâmica como um todo no município. O Agroturismo tem gerado empregos direta e indiretamente, tanto no espaço rural como no urbano, isso juntamente com a presença do fluxo de turistas, resultando em mais dinheiro circulando no município, o que movimenta o comércio e os serviços em geral.

Além disso, observamos uma ligação entre os cursos oferecidos no IFES e o Agroturismo, pois os cursos de agronegócio e administração visam capacitar e incentivar os jovens a permanecer no município e quem sabe investirem nesse ramo. Ademais está sendo construída a escola de gastronomia em parceria com o Senac, com o objetivo de preparar profissionais para trabalhar nesse ramo, devido a uma demanda das pessoas que trabalham com o turismo no município. Outra novidade foi a construção do Centro Cultural que Venda Nova passou a ter. Esta obra e outras como calçamento de vias foram construídas com verbas ofertadas por órgãos ligados ao turismo.

É possível, sim, constatar que uma infraestrutura está sendo criada, e consequências do Agroturismo estão se refletindo no urbano e no município com um todo. Surgiram escolas de capacitação, cursos técnicos, Centro Cultural, melhoramento de vias, mais postos de trabalho, maior dinamismo no setor de comércio e serviços movimentando a economia local.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.

De acordo com o que apresentamos no início do trabalho, nosso objetivo era compreender como uma nova atividade desenvolvida num espaço até então destinado apenas às atividades agrícolas tradicionais estava gerando transformações no rural, na relação de seus moradores com esse espaço e seus reflexos no urbano. Para tanto, começamos entendendo que esta atividade não surge de maneira aleatória no rural, que ela está inserida em um movimento maior ligado à expansão do modo de produção capitalista, especialmente no contexto da globalização. Os lugares estão cada vez mais próximos, os capitais, as informações, as pessoas, tudo circula numa velocidade avassaladora, e o rural está enredado nessa trama. Sendo assim, analisamos a realidade presente hoje no rural discutindo o que os autores chamam de novo rural, ou novas ruralidades, para contextualizar a entrada do turismo nesse espaço.

Vimos que a geografia está credenciada a estudar esse fenômeno, uma vez que nos fornece subsídios para compreender o turismo em suas mais variadas facetas. Abordamos também as diferenças entre turismo no espaço rural, turismo rural e Agroturismo. Já que esta é uma diferenciação que se fazia necessária para entendermos de forma mais profunda a atividade investigada.

Expomos dados, história e características do município de Venda Nova do Imigrante que nos permitiram entender as particularidades desse lugar e os aspectos que contribuem para o sucesso que a atividade vem atingindo. Percebemos que seus aspectos naturais como clima, paisagem, são grandes atrativos, pois se diferenciam bastante da região litorânea, principal área turística do Estado, além de ser também uma das áreas de maior público do Agroturismo. Ademais, vimos que a localização, as margens da BR 262, facilita o fluxo e o deslocamento dos turistas. Outro elemento que se torna grande atrativo é o fato da área ter sido colonizada por italianos que deixaram impressos no município seus traços. As particularidades que os descendentes de imigrantes conservam, seja através da culinária, das danças e músicas, dos objetos que herdaram ou mesmo da história, são grandes atrativos para muitos que tem interesse em conhecer tais peculiaridades.

Caracterizamos as propriedades e os proprietários, que compunham o grupo estudado, suas motivações para iniciar na atividade, as dificuldades enfrentadas no início, e como eles exploram o Agroturismo. Percebemos que nem todos o fazem da mesma maneira, mas que em comum todos usam aspectos do rural, suas paisagens, e elementos do seu dia-dia e sua herança cultural, através dos produtos que eles comercializam, dos instrumentos e objetos que fazem parte da decoração de suas propriedades que contém muito da história das famílias, ou até mesmo dos afazeres da rotina dos sítios e fazendas, que aproxima os turistas e os faz sentir-se parte desse ambiente.

Passamos, então, a analisar as transformações mais pertinentes depois do início do Agroturismo relatada pelos entrevistados. Começando pelas questões relacionadas à economia tivemos unanimidade dos proprietários em dizer que a renda melhorou após o início da atividade. Assim como essa também foi uma questão muito apontada pelos funcionários. Vimos que há um consenso entre as pessoas de que com o Agroturismo a renda melhorou, apontando para a importância econômica que a atividade possui. O aumento da renda viabilizou o que muitos entrevistados citaram, referente a possibilidade de manutenção de mais membros das famílias nas propriedades, o que segundo eles não seria possível só com a prática da agricultura. Ou seja, mesmo que em pequena escala o Agroturismo tem contribuído para a diminuição do êxodo rural.

Falando dos aspectos ligados as instalações e às transformações relacionadas à paisagem, percebemos que um item apontado pelos proprietários de forma categórica foi a questão sanitária. Todos os entrevistados relataram melhora nesse aspecto. Depois do início da atividade o lixo, os dejetos, tudo tem destino adequado, uma vez que para praticar o Agroturismo as propriedades devem estar de acordo com todas as normas ambientais. Eles passaram também a se preocupar com aspectos paisagísticos no entorno de suas casas, no local onde recebem os turistas. Segundo eles tudo está mais organizado, limpo, a jardinagem é feita com mais cuidado, pois os turistas ficam atentos a esses detalhes. O que também contribuiu para uma maior consciência ambiental, muitos produtores inclusive começaram a fazer práticas de reflorestamento. Desta forma podemos associar o desenvolvimento do Agroturismo com práticas ambientais mais adequadas.

No âmbito cultural, alguns pontos chamaram atenção entre as transformações mais citadas e percebidas pelos entrevistados. Primeiramente, constatamos que a atividade contribuiu na mudança da forma de ver o próprio lugar. Os moradores que estão ligados ao Agroturismo, começaram a valorizar mais seu espaço após o contato com os turistas, assim como também muitos citaram o fato de se sentirem mais valorizados. Outra relação que teve transformação após a entrada do Agroturismo, foi a relação com a terra. Vários entrevistados admitiram que ela tem sofrido mudanças, alguns relataram que ela passou a assumir um papel secundário e outros disseram que passaram a ter mais respeito, a desenvolver uma relação que não agredisse tanto o meio ambiente.

Continuando a falar das mudanças no âmbito cultural, os entrevistados ressaltaram que as maiores transformações em seu dia-dia foi a falta da rotina, e a perda do convívio dos mesmos no seio da comunidade local, o que depois do Agroturismo eles não conseguem ter mais. A rotina, pelos motivos óbvios, pois cada dia, grupo, ou época do ano, esta atividade exige uma dinâmica. E a falta do convívio em comunidade porque durante as festas, fins de semana e horários em que a comunidade se reúne eles precisam ficar nas propriedades para recepcionar os turistas. Ao mesmo tempo em que dizem ter ganhado com a interação com os turistas, contato que segundo eles é muito rico, pois são pessoas de todos os cantos do mundo.

Quase a totalidade dos entrevistados disse também ter resgatado coisas antigas, instrumentos de trabalho, objetos, fotos, receitas, entre outras tradições ligadas a história das famílias, deixadas por seus antepassados, os imigrantes italianos depois que passaram a desenvolver a atividade. Constatamos que o Agroturismo tem transformado algumas relações desenvolvidas até então nesse espaço. Mas vimos que ao mesmo tempo tem contribuído para manter vivas as tradições e história do grupo pesquisado, pois muitas coisas passaram a ser resgatadas depois do início do Agroturismo.

Isso posto, alguns cuidados e alertas a respeito da atividade ficaram evidentes. Inicialmente, afirmamos que o Agroturismo tem como intuito ser uma atividade complementar à renda das famílias, mas verificamos que em alguns casos ela já se tornou a principal fonte de renda, e a agricultura tradicional tem diminuído

sua importância econômica e até perdido espaço, já que alguns proprietários alegam ter menos tempo para se dedicar às lavouras. Deve-se ter cuidado com essa postura e cuidar para que a produção agrícola tradicional não seja deixada de lado, não só para não descaracterizar o espaço que sempre exerceu e se dedicou a essa função como também para que os produtores não fiquem em dificuldades, caso ocorra uma baixa no turismo. Essas atitudes devem ser bem pensadas e planejadas pelos produtores e suas famílias.

Além disso, verificamos que a relação dos moradores com a terra está mudando, e como já dito, alguns até tem admitindo que ela esteja ficando em segundo plano, deve-se estar atento para que o Agroturismo ao invés de gerar a multifuncionalidade do rural, como é seu intuito, não passe a ser uma refuncionalização. Ou seja, ao invés de agregar, substitua.

Outro ponto que necessita de cautela diz respeito às modificações nas propriedades. Como observamos, até o momento, elas tem girado em torno da construção das lojas, da adequação as normas de produção, adaptações para melhor receber o turista, com a construção de banheiros, por exemplo. Deve-se estar atento para que esse processo esteja de acordo com a identidade do local e não resulte em descaracterização das propriedades. Caso isso ocorra um dos atrativos da atividade, que é a identidade do local, pode estar em risco.

Observamos também que muitos proprietários estão produzindo novos artigos que não estão ligados à história da família e as tradições locais, a exemplo da culinária, dos produtos que são fruto do legado cultural. É preciso inovar para se adequar à demanda dos turistas. Porém isso deve ser feito com atenção para não fugir do diferencial do Agroturismo, que são os produtos caseiros, as receitas típicas da culinária local que fazem parte da história dos moradores.

Por fim, concluímos que esta atividade tem grande importância no município de Venda Nova do Imigrante, contribuindo para a melhora da renda dos proprietários rurais e suas famílias, diminuindo o êxodo rural, gerando postos de trabalho tanto diretos no rural, como indiretos na área urbana, movimentando a economia local. Além de dar visibilidade ao município, que tem conseguido importantes parcerias e benefícios como a construção do Centro cultural e de turismo, a escola de gastronomia entre outros, que podem favorecer a população como um todo.

No entanto, a atividade assim como toda modalidade de turismo, deve ser bem planejada e executada para que não gere transtornos desnecessários. E ao invés de beneficiar passe a prejudicar os envolvidos. Alguns pontos como levantamos devem ser observados mais de perto, para não descaracterizar as propriedades, seus moradores, suas paisagens, história e atividades do dia-dia, pois este é o grande diferencial do Agroturismo: aproximar o turista da natureza do rural, inseri-lo nesse espaço.

Além disso, tomar esses cuidados evita a descaracterização das propriedades, que além de gerar problemas de ordem cultural, pode gerar consequências econômicas. A perda da essência dessas propriedades pode acarretar no declínio do turismo, e o abandono da agricultura também pode contribuir para que esses produtores passem por sérios problemas no futuro, caso o turismo passe por momentos de crise ou escassez. Portanto, a atividade no município de Venda Nova do Imigrante deve ser observada e planejada de forma a não permitir que essa situação aconteça, e para que as transformações decorrentes da prática do Agroturismo sejam mais positivas do que negativas.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENTEJANO, Paulo Roberto R. **O que há de novo no rural brasileiro**. Revista Terra Livre São Paulo: AGB. nº 15, [s/ m] 2000.

ABROMAVAY, R. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. O Futuro das Regiões Rurais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

AGROTUR. Disponível em:< <http://agroturismovendanova.com.br/site/index.aspx>>. Acesso em: janeiro de 2013.

ALMEIDA, J. A. RIEDL, M. (org.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru: EDUSC, 2000.

ALVES, Jazan. Mageski. PAGLIARUSSI, Marcelo. Sanches. **O Fenômeno do Agroturismo e a Influência das Instituições no Desenvolvimento Econômico Local: Um Estudo de Caso na Região Centro-Serrana do Espírito Santo**. 2006. Disponível em:<<http://www.fucape.br/simposio/4/artigos/jazan.pdf>>. Acesso em: Abril de 2012.

ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DE AGROTURISMO DA REGIÃO MONTANHAS CAPIXABA 2º versão data 20/04/2007 Sebrae.es.

BIAZZO, Pedro P. **Campo e Rural, Cidade e Urbano: Distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária**. 4º Encontro Nacional de grupos de pesquisa – ENGRUP, São Paulo, p. 132-150, 2008.

BENI, M. C. 2002. **Conceituando turismo rural, agroturismo, turismo ecológico e coturismo**. In: BARRETTO, Margarita e TAMANINI, Elizabeth. (Org.). *Redescobrimo a ecologia no turismo*. Caxias do Sul: EDUCS, p. 31-34

BRASIL. 2010. Ministério do Turismo. **Turismo rural: orientações básicas**. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – 2.ed – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

Câmara Municipal de Venda Nova do Imigrante. Disponível em: < <http://www.camaravni.es.gov.br>> Acesso em fevereiro de 2012.

CAMPANHOLA, Clayton; GRAZIANO da Silva, José. **O Agroturismo como Nova Fonte de Renda para o Pequeno Agricultor Brasileiro**. In: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. (Org). *Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento*. São Paulo: Ed. Edusc, 2000:148

CANDIOTTO, Luciano Z. P. **Circuito italiano de turismo rural, Colombo- PR: gênese, desenvolvimento e implicações sócioespaciais.** Cascavel: EDUNIOESTE, 2010. 352p.

_____. **Elementos para o debate acerca do turismo rural.** In; Turismo em Análise. Vol 21, nº 1, Abril 2010.

CARLOS, Ana. Fani. A. **A Geografia brasileira, hoje:** algumas reflexões. *Terra Livre.* São Paulo, ano 18, v. 1, n. 18, p. 161-178, jan./jun. 2002.

_____. **O Turismo e a produção do Não-Lugar.** In: Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura, Editora Hucitec, (org). Eduardo Yázigi, Ana Fani Alessandri Carlos e Rita de Cássia Ariza da Cruz. Págs. 25-39. 1999.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedades e Agricultura** (UFRJ), Rio de Janeiro, v 11, p. 53-75, 1998.

CARNIELLI, Leandro. (s/d). **Agroturismo:** Os primeiros passos de uma comunidade rural da montanha capixaba. Venda Nova do Imigrante.

_____. **Agricultores familiares e pluriatividade:** tipologias e políticas. In: COSTA, Luiz F. de C.; MOREIRA, Roberto J.; BRUNO, Regina.(Orgs.) *Mundo rural e tempo presente.* Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.325-344.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. Teixeira.; SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello e Silva **Turismo e geografia:** abordagens críticas. Fortaleza: Ed. UECE, 2005.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. e VASCONCELOS, Fábio P. **O turismo e a relação sociedade natureza:** realidade, conflitos e resistências. Fortaleza: EdUECE, 2007.

CORIOLOANO, L.N.M.T. **Arranjos Produtivos Locais do Turismo Comunitário:** atores e cenários em mudança. Coriolano. Fortaleza. EdUECE, 2009.

COSTA, H. R. N. **Agroturismo ou turismo rural:** atividade agrária acessória. *Revista de Direito Agrário.* Ministério do Desenvolvimento Agrário, INCRA, n. 15, Brasília: 2001.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva. 1992.

_____. **O turismo no espaço-o espaço do turismo Reflexões a cerca da participação do turismo na produção do espaço urbano brasileiro**. RA'E GA - O Espaço Geográfico em Análise, Vol. 2 (1998)

_____. **Política de Turismo e Território**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Introdução à geografia do turismo**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2003.

_____. Turismo, produção do espaço e desenvolvimento desigual para pensar a realidade brasileira. In: **Turismo de Base Comunitária diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Organização: Roberto Bartholo; Davis Gruber Sansolo; Ivan Bursztyn. Letra e Imagem, s.d.

EMBRATUR. **Política nacional de turismo: diretrizes e programas 1996-1999**. Brasília: MICT/Embratur, 1996.

FERREIRA, Ângela Duarte Damasceno. **Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade**: indagações sobre algumas especificidades brasileiras. Texto apresentado no XXIX Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos Ceru/ USP, realizado nos dias 27 e 28 de maio de 2002. p. 28- 46.

FROEHLICH, José Marcos; ALVES, Heberton Fabrício Inocêncio. **Novas Identidades, Novos Territórios – aproveitando os recursos culturais para o desenvolvimento territorial**. Extensão Rural (Santa Maria), v. 14, p. 65-90, 2007.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/CONFERENCE_Rogério_HAESBAERT.pdf> Acesso em: 12 junho de 2012.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. **O território em tempos de globalização**. etc, espaço, tempo e crítica, Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas. ISSN 1981-3732 <http://www.uff.br/etc> 15 de Agosto de 2007, nº 2 (4), vol. 1 p. 39- 52 .

HAESBAERT, Rogério. **Da Desterritorialização á Multiterritorialidade**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.

HARVEY, David. **Condição Pós Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992. 349 p.

IBGE Cidades@. disponível em:<
<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 22 de maio de
 2012.

ISNTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES- **Dados Gerais**. Vitória, ES, 2012.
 2268p.il.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES- **Perfil ES 2012**: Censo demográfico.
 Vitória, ES, 2012. 1243p.il.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Secretaria de Políticas de Turismo (Brasil). **Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil**. Disponível em:<<http://www.turismo.gov.br/0-catalogo-documentos/arquivos-internos/Diretrizes%20-%20Turismo%20Rural.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2012.

MOREIRA, Roberto J. Ruralidades e globalizações: ensaiando uma interpretação. In: MOREIRA, Roberto, J. (Org.). **Identidades sociais**: ruralidades no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PIN, José Valdemar; CARNIELLI, Leandro. **Agroturimo**: Impactos do Turismo no Espaço Rural no Espírito Santo. Vitória, ES: Sebrae/ES, 2007.

PIRES, André. **Um Sentido dentre outros Possíveis**: O Rural como Representação. In: CAMPANHOLA, Clayton, GRAZIANO DA SILVA, José. Editores Técnicos . **O novo rural brasileiro**: novas ruralidades e urbanização, v7. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2004.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Turismo e desenvolvimento socioespacial**: reflexões sobre a experiência do agroturismo no estado do Espírito Santo. 1998. Dissertação de Mestrado (Departamento de geografia-FFLCH/USP). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

_____. **Agroturismo e Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Consumo e Espaço - Turismo, Lazer e Outros Temas**. São Paulo: Roca, 2001.

_____. **Funcionalidade turística e multifuncionalidade produtiva do espaço rural**. In: VII CBTR - Congresso Brasileiro de Turismo Rural, 2010, Presidente Prudente. Anais do VII CBTR. Presidente Prudente: UNESP, 2010.

PORTUGUEZ, Anderson. Pereira. , OLIVEIRA, Leticia. Parreira. A política nacional de regionalização do turismo e o ordenamento territorial do setor no estado de Minas Gerais. In: **Geografia do Brasil Central**: enfoques teóricos e particularidades regionais. Anderson Pereira Portuguez, Gerusa Golsalves Moura e Rildo Aparecido Costa (Org.). Uberlândia: Assis Editora, 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE. Disponível em <<http://vendanova.es.gov.br/website/site/Index.aspx>> Acesso em: Janeiro 2012.

QUEIROZ, Odaléia Telles M.M. **O meio rural e sua apropriação pelo turismo**. In: Turismo, espaço e estratégias de Desenvolvimento local / Anderson Pereira Portuguez, Giovanni Seabra, Odaléia Telles M. M. Queiroz (Organizadores).- - João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. 396p.

RODRIGUES, Adyr. Balastrieri. **Geografia e turismo. Notas introdutórias**. Geografia, 6:71-82. São Paulo, DG-USP, 1992.

_____. **Natureza e Método de análise do espaço do turismo**. In: Souza, Maria Adélia(org.) O mundo do cidadão. Um cidadão do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996. P.318-330.

_____. **Turismo, Modernidade, Globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Desafios para os estudiosos do turismo**. In: RODRIGUES, Adyr Aparecida Balastrieri. Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais. 2. Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Turismo Rural no Brasil: ensaio de uma tipologia**. In: ALMEIDA, J. et.all (orgs.) Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. Papirus Editora. São Paulo, 2000.

SANTOS, Milton. **Pensando e espaço do homem**. São Paulo: Hucitec. 1982

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel. 1985.

_____. **“O retorno do território”**. In: Santos, Milton; Silveira, Maria Laura e Souza, Maria Adélia (orgs.) Território – Globalização e Fragmentação. São Paulo, Hucitec/Anpur, 1994 pp. 15-20. .

_____. **Técnica, Espaço, tempo (Globalização e meio técnico-científico informacional)**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. ; SILVEIRA, Maria. Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. São Paulo: Record, 2001.

SILVA, Graziano. **A modernização conservadora dos anos 70**. In: Tecnologia e Agricultura Familiar. Porto Alegre: Universidade, 1999.

TORESAN, Luiz; MATTEI; Lauro; GUZZATTI, Thaíse Costa. **Estudo do potencial do agroturismo em Santa Catarina: impactos e potencialidades para a agricultura familiar**. Florianópolis, SC, Instituto Cepa/SC, 2002. xxx p.9.

VEIGA, José. Eli. **O desenvolvimento agrícola. Uma visão histórica.** São Paulo: Hucitec, 1991.

_____. **Cidades Imaginárias. O Brasil é menos urbano do que se calcula.** Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

ZANDONADI, Máximo. **Venda Nova do Imigrante 100 anos da colonização italiana no Sul do Espírito Santo.** Belo Horizonte: Copyright, 1992, 1ª Ed.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo.** Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ , Estudos Sociedade e Agricultura, nº 15, p.87 – 145, out., 2000.

_____. **A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural.** En publicacion: Una nueva ruralidad en América Latina?. Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. ISBN: 950-9231-58-4

Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>>
.Acesso em 20 abril 2012.

_____. Territorialidade e ruralidade no nordeste: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: SABOURIN, E. e TEIXEIRA, O. N. (Orgs.). **Planejamento e desenvolvimento dos territórios rurais: conceitos, controvérsias e experiências.** Brasília: Embrapa informação tecnológica, 2002, p. 39-52.

ANEXOS

ENTREVISTA FUNCIONÁRIOS

1- Em que o agroturismo mudou na sua vida?

- a. aumento da renda
- b. melhores condições de trabalho
- c. melhoria nas condições de infra-estrutura(estradas, esgoto, luz)
- d. valorização da identidade rural
- e. mais de uma alternativa (quais)
- f. outra (qual)

2- Avalia que a atividade trouxe alguma consequência negativa?

- a. sim
- b. não

2.1- Se sim, qual?

3- Você mora na cidade ou na zona rural?

3a. cidade

3b. zona rural

3a.1- se mora na zona rural tem vontade de morar na cidade?

a.sim

b. não

4- Com sua vivencia no meio rural, você preferia o espaço com era antes, ou agora com o agroturismo?

a. antes

b. agora

5. Porque?

ENTREVISTAS COM OS PROPRIETÁRIOS:

Caracterização da propriedade e do produtor

1. Nome da propriedade
2. Endereço da propriedade
3. Nome do produtor
4. Área total da propriedade
5. Sexo do entrevistado
6. Idade
7. Grau de escolaridade
8. Sexo do chefe da família.
9. Há quanto tempo possui a propriedade
10. Como adquiriu a terra
11. Quantas pessoas trabalham na propriedade

Produção agrícola

12. Qual o tipo de produção predominante em sua propriedade?
13. Além do produto agrícola citado acima, há a exploração de mais algum item agropecuário?

14. Para quem vendem a produção agrícola?

15. Aonde vendem os produtos do agroturismo?

16. Participa de alguma associação em Venda Nova do Imigrante? Se sim, qual?

17. Qual a importância da atuação da Agrotur (Associação do agroturismo de Venda Nova)?

18. De acordo com sua experiência com o ramo agrícola como você classificaria a rentabilidade da agricultura atualmente.

- a. Piorou
- b. Continua ruim
- c. Continua boa
- d. Melhorou

Motivações e considerações sobre o agroturismo

19. Porque entrou no ramo do agroturismo?

- a. Teve necessidade, pois a agricultura era insuficiente
- b. Teve oportunidade de ampliar, apesar de considerar a agricultura suficiente
- c. Resolveu investir para diversificar a produção agrícola
- d. Outra. Qual?

20. Houve motivações externas?

21. Teve algum incentivo (financeiro) para adotarem o agroturismo?

22. Fez algum tipo de financiamento para implementar o agroturismo na propriedade?

23. Como explora a atividade em sua propriedade?

- a. Apenas vendendo os produtos que fabricam (se responder essa, pula para 23A)
- b. Explorando outros aspectos da propriedade. (se responder essa, pula para 23B)

Quais?

23 A. Se não explora nada além da venda de produtos, porque não explorar?

- a. Acha que atrapalha na produção agrícola
- b. Necessidade de investimento alto
- c. Não há atrativos na propriedade
- d. Falta de mão de obra
- e. Outros

23 B. Se explora outros atrativos, o que o levou a isso

- a. aproveitar o tempo ocioso
- b. atendendo a demanda dos turistas
- c. aumentar rendimentos
- d. outros

24. Enfrentou problemas para a incorporação do agroturismo? Se sim, Quais os principais?

25. Fez alguma modificação na propriedade para desenvolver o agroturismo?

26. Quais as melhorias que você percebeu na sua propriedade depois que adotou o agroturismo?

27. Quais os pontos negativos que a implantação do agroturismo gerou em sua propriedade?

28. Acredita que sua renda e sua propriedade estariam como estão hoje se não tivesse adotado o agroturismo?

29. Quantas pessoas trabalham na propriedade só com atividades relacionadas ao agroturismo? Quantos são da família?

30. Trabalha só com produtos que sempre foram produzidos pela família ou começaram a produzir também novos produtos para atender aos turistas?

31. Considerando alguns itens em função da atividade turística você considera que:

Piorou Continua ruim Continua bom

Melhorou

Geração de empregos

Geração de renda

Estradas de acesso

Sistemas de comunicação

Saneamento

32. Acredita que a exploração do agroturismo, mudou a relação dos moradores da propriedade com o lugar em que vivem? (mudança na forma de ver o seu espaço, depois do contato com os turistas?)

Culturais

33. Resgatou alguma tradição, alguma coisa que estava “escondida” foi reativada por causa do agroturismo?

34. Mudou de alguma maneira a relação com a terra, hoje é diferente?

35. Se sente diferente das pessoas que moram na zona urbana? Se sim, em que aspecto?

36. Possui vontade de morar na zona urbana de Venda Nova ou de ir para uma grande cidade?

37. Com a chegada do turista quais foram as maiores mudanças no seu dia-dia?

Panfleto turístico do Município

CAPITAL NACIONAL DO AGROTURISMO



Loja do Agroturismo
Produtos artesanais das associações do Agrotur.
End.: margens da BR-262, Km. 103 - (28) 3546-2317
(Prox. Rodovia) www.agroturismo.com.br
agrotur@agroturismoemdanova.com.br



Sítio Família Crepensão
Plantação de brócolis e feijão, licor Limoncello, social e antepastos.
End.: Tapera - (28) 3546-1130/9982-3448.
socialorencao@hotmail.com



Café da Roca Alto da Montanha
Café colonial, venda de produtos caseiros e hospedagem no Sítio Alto da Montanha
End.: BR 262 Km 106, Bananeiras
Tel.: (28) 9915-9922/9955-2085



Sítio Raízes da Terra
Produção de geleias, amarepastos, pães, bolos, biscoitos e doces em geral.
End.: BR-262, Km 101 - Tapera.
(28) 99338-6112



Artesanato Voluntários do FPM
Fabricação e comercialização de produtos artesanais. End.: R. das Bouganville, 50 anexo ao Hospital.
(28) 3546-1470 www.voluntarios.org.br



Orquidário Calhman
Cultivo e comercialização de orquídeas. Espécies melhoradas geneticamente.
End.: Estrada do Lavrinhas, Km 01
(28) 3546-1136



Pousada Bela Aurora
Chalés, restaurante, playground, pedaleiros, mesa de pôquer, bicicletas, trilha ecológica. End.: Bela Aurora, Zona Rural
(28) 3546-6157 www.pousadabelaaurora.com.br



Agropõe-Laticínio Venda Nova
Produção de queijos, iogurte, leite e derivados.
End.: BR 262, Km 107 - Bananeiras
Venda Nova do Imigrante - (28) 3546-1611



Fazenda Saúde
Restaurante com fogão à lenha, lago pesqueiro/pague e grande área de lazer.
End.: BR - 262, Km 98, entrada Rod. dos Produtores ou Rod. Pedro Cola, Km 04, Providência - (28) 3546-1528



Fazenda Carmelli
Café 100% Arábica, lavoura e torrefação, queijos, fuba e outros.
End.: Rod. Pedro Cola, Km 04, Providência - (28) 3546-3152
www.carmelli.com.br



Família Basato
Café, queijos, feijão, fuba e condimentos.
End.: Rod. Pedro Cola, Km 4,5 Providência
(28) 3546-1956



Cachaça Temoinhinha
Sítio Busato
Degustação, visita ao alambique e derivadas de queijos e legumes.
End.: Rod. Pedro Cola, Km 4,5, Providência (28) 3546-7015



Sítio Retiro do Ipê
Família Brioschi
Comercialização de vinhos, social e degustados.
End.: Rodovia Pedro Cola, Km 06 - Providência.
(28) 3546-1024/ 9886-1015



Sítio Morango Gagno
Visita ao plantio e a produção de derivados do morango.
End.: Rod. dos Produtores, Km 08, Alto Coxim - (28) 3546-5188



Sítio Guaciri - Vira
Hospedagem com alimentação, trilhas ecológicas, laboratório de práticas sustentáveis e energias alternativas.
End.: BR - 262, Km 98 S. José do Alto Vespas (28) 3546-1436 / (27) 9983-1765
www.guacirvira.org.br



Casa das Orquídeas
Cultivo e comercialização de orquídeas
End.: BR 262 - Km 104 Bananeiras - (28) 9925-0415
casadasorquideasvni@hotmail.com



Artesanato de Mármore e Granito
Oficina e venda de souvenirs de mármore e granito
End.: São João de Vespas.



Sítio Ambrósio
Lago para pesca, campo de futebol, boche, tiro, área para churrasco e eventos.
End.: São João de Vespas
(28) 3546-6635 - sitioambrsio@gmail.com



Família Alboé - Tia Cila
Visita a capelinha de São José e venda de produtos caseiros: biscoitos, macarrão, pães...
End.: Rod. Pedro Cola, Km 01 - (28) 3546-1581.



Claudia Artesanatos
Artesanato em madeira, decoração, produtos caseiros.
End.: Rod. Pedro Cola, Km 01 Providência
(28) 3546-1128/9884-1281



Promoiva
Cooperativa dos cafeicultores.
Conheça o processo de classificação do Café Arábica, visita a casa do Café com degustação do café expresso, frutas e objetos amigos.
End.: Rod. Pedro Cola, Km 01 - Providência
(28) 3546-1069/9954 - promoiva@ui.com.br



Sítio e Adega Tomole
Visita ao pomaral e produção de vinhos e produtos caseiros.
End.: Rod. Pedro Cola, Km 04 - Providência
(28) 3546-1188/9986-8421



Restaurante Park Seltia Sassini
Conheça o maior trilha de avoísmo da América Latina em extensão, com 69 árvores e trilhas sassini que garantem a diversão.
End.: Estrada dos Produtores, Km 04, Alto Coxim.
(27) 9977-8094 - sitioarboleno@gmail.com

